



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

LEANDRO MACHADO RIBEIRO NUNES

**REPRESENTAÇÕES SOBRE LÍNGUA(S) E SOBRE SI EM NARRATIVAS DE
IMIGRANTES VENEZUELANOS NO OESTE CATARINENSE**

**CHAPECÓ - SC
2023**

LEANDRO MACHADO RIBEIRO NUNES

**REPRESENTAÇÕES SOBRE LÍNGUA(S) E SOBRE SI EM NARRATIVAS DE
IMIGRANTES VENEZUELANOS NO OESTE CATARINENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Linha de pesquisa: Linha 1: Práticas Discursivas e Subjetividades

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Angela Derlise Stübe

CHAPECÓ - SC
2023

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Nunes, Leandro Machado Ribeiro

Representações sobre língua(s) e sobre si em narrativas de imigrantes venezuelanos no Oeste catarinense / Leandro Machado Ribeiro Nunes. -- 2023. 142 f.

Orientadora: Doutora Angela Derlise Stübe

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Chapecó, SC, 2023.

1. Imigração venezuelana. 2. Representações. 3. Linguagem. 4. Processos identificatórios. 5. Portunhol. I. Stübe, Angela Derlise, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

LEANDRO MACHADO RIBEIRO NUNES

**REPRESENTAÇÕES SOBRE LÍNGUA(S) E SOBRE SI EM NARRATIVAS DE
IMIGRANTES VENEZUELANOS NO OESTE CATARINENSE**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, defendido em banca examinadora em 30/06/2023

Aprovado em: 30/06/2023

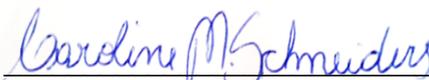
BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dr^ª. Angela Derlise Stübe – UFFS
Presidente da banca/orientador



Prof^ª. Dr^ª. Eliana Rosa Sturza – UFSM
Membro titular externo



Prof^ª. Dr^ª. Caroline Mallmann Schneiders – UFFS
Membro titular interno

Prof^ª. Dr^ª. Márcia Adriana Dias Kraemer – UFFS
Membro suplente

Chapecó/SC, junho de 2023

DEDICATÓRIA

A todas as pessoas que
ontem, hoje e amanhã
foram, são, e serão
forçadas a deixar seus lares e
estão a lutar por um lugar ao sol,
dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço...

Ao Grande Mistério (Deus), pelos (des)encontros e pelos caminhos de minha travessia;

Aos meus avós, Wilson e Iris (in memoriam), pela minha linda infância em Mocambeiro;

À minha mãe, pela fé e pelo amor;

Ao meu pai, pelo amor, pelos incentivos e pelo apoio;

À minha tia Márcia, pela nossa história e por tudo o que fizera por mim;

Às minhas primas-irmãs, Adriana, Valéria e Luciana, pelo amor e pela trajetória;

À minha tia Andréa, pelo carinho, amor e suporte;

Aos meus amigos, Guto e Aline, que lá na Bahia me motivaram a fazer o mestrado em um momento tão difícil;

Às alunas, alunas e alunos que tanto admiro e tanto respeito, por me motivarem tanto;

À CAPES, pela bolsa de estudos que possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa;

À UFFS e ao PPGEL, pela formação acadêmica que me fora proporcionada durante o mestrado;

À orientadora desta pesquisa, Angela Derlise Stübe, por ter acreditado no potencial deste trabalho;

À Coordenadora do Centro de Línguas da UFFS campus Chapecó, Prof^a Cláudia Rost Snichelotto, pelo maravilhoso trabalho que faz junto ao CELUFFS e por ter apoiado o desenvolvimento desta pesquisa junto à Pastoral do Migrante;

Ao Elias de Nardi e à Pastoral do Migrante, pelo trabalho e assistência dada aos imigrantes em Chapecó e por terem cooperado com o desenvolvimento desta pesquisa;

Ao GELINDI, pelas profundas discussões e também pelas sugestões de leituras para a condução desta pesquisa;

Aos meus colegas de mestrado, por terem contribuído para que minha trajetória em Chapecó fosse menos solitária;

À Prof^a Maralice de Souza Neves, por ter me apresentado a Análise de Discurso e a Psicanálise;

Finalmente, agradeço especialmente aos alunos imigrantes aprendizes de língua portuguesa na Pastoral do Migrante de Chapecó, principalmente os alunos venezuelanos que aceitaram participar deste trabalho; as/os agradeço pela confiança, pelas aulas, pelas histórias e narrativas; as/os agradeço pelos maravilhosos momentos que passamos juntos em sala de aula; muito obrigado!

“(…)

*Living in the Borderlands means you fight hard to
resist the gold elixir beckoning from the bottle,
the pull of the gun barrel,
the rope crushing the hollow of your throat;*

In the Borderlands

*you are the battleground
where the enemies are kin to each other;
you are at home, a stranger,
the border disputes have been settled
the volley of shots have shattered the truce
you are wounded, lost in action
dead, fighting back;*

To live in the Borderlands means

*the mill with the razor white teeth wants to shred off
your olive-red skin, crush out the kernel, your heart
pound you pinch you roll you out
smelling like a white bread but dead;*

To survive the Borderlands

*you must live sin fronteras
be a crossroads.”*

(Gloria Anzaldúa)

RESUMO

Esta dissertação analisa representações sobre língua(s) e sobre si em narrativas de imigrantes venezuelanos no Oeste de Santa Catarina. Participaram desta pesquisa seis imigrantes venezuelanos, aprendizes de língua portuguesa no município de Chapecó cuja história sociocultural se (re)constitui a partir do marco da migração forçada. As reflexões desta investigação ocorrem nos entremeios epistemológicos e analíticos de uma pesquisa de campo desenvolvida junto ao *Centro de Apoio ao Migrante Nossa Senhora Aparecida*, onde imigrantes encontram-se em processo de aprendizagem da língua portuguesa. Metodologicamente, a pesquisa, de caráter qualitativo, demandou a construção de um *corpus* discursivo obtido por entrevistas orais semiestruturadas. A problemática está no questionamento sobre como as narrativas de imigrantes venezuelanos, no decorrer das trajetórias migratórias, produzem efeitos de sentido no discurso e que representações sobre língua(s) e sobre si decorrem desse processo. O pressuposto era o de que as representações também (des)velam os processos identificatórios que atravessam o sujeito pelo discurso. Enquanto referencial teórico, a pesquisa se insere no campo da Análise de Discurso franco-brasileira atravessada por conceitos da Psicanálise (PÊCHEUX, 2009; ORLANDI, 2005; CORACINI, 2015). A partir das análises e das contribuições de Sturza (2019), nos deparamos com o *portunhol* enquanto língua de fronteira (simbólica). A partir das análises referentes às sequências discursivas do *corpus*, identificamos regularidades na(s) língua(s) permeadas por um *ser-estar-entre-línguas-culturas*. As regularidades possibilitam a identificação, no campo simbólico, de representações sobre língua(s) e sobre si que mostram construções metafóricas e imagens simbólicas da(s) língua(s) e do(s) sujeito(s) em meio a elementos linguísticos que expõem, dentre outras, as regularidades *pareceça*, *resistência*, *lar*, *(in)segurança*, *posse* e *travessia*. Verificamos, apoiados nos trabalhos de Coracini (1997, 2000, 2003, 2015) que essas regularidades possuem uma relação essencial nos processos identificatórios dos sujeitos imigrantes venezuelanos, pois estes se constituem pela dispersão e pela heterogeneidade afeita ao momento histórico-social e ideológico constitutivo tanto do discurso como das relações de identificação dos participantes.

Palavras-chave: Imigração Venezuelana; Representações; Linguagem; Processos Identificatórios; Portunhol.

ABSTRACT

This dissertation analyses representations about language(s) and the self in the narratives of Venezuelan immigrants in the West of Santa Catarina. A total of six Venezuelan immigrants, learners of the Portuguese language, whose sociocultural history (re)constitutes itself from the marks of forced migration, take part in this research in the municipality of Chapecó. The reflections concerning this investigation occur in the epistemological and analytical midstream of a field of research conducted with the help of the *Nossa Senhora Aparecida Migrant Support Center*, where immigrants in the process of learning the Portuguese language are found. In terms of its methodology, the qualitative research has demanded the construction of a discursive *corpus* which was obtained by employing semi-structured oral interviews. The research problem lies within the questioning of how the narratives of Venezuelan immigrants in the course of migratory trajectories produce effects of meaning in the discourse and what representations about language(s) and the self stem from such a process. The assumption was that the representations also (un)veil the identificatory processes that cross the subject through discourse. As a theoretical framework, the research is inserted in the field of the Franco-Brazilian Discourse Analysis crossed by concepts of Psychoanalysis (PÊCHEUX, 2009; ORLANDI, 2005; CORACINI, 2015). From the analysis it has found *Portunhol* as a (symbolic) frontier language, based on the contributions of Sturza (2019a, 2019b). When it comes to the analysis concerning the discourse sequences of the *corpus*, it has been identified regularities in the languages permeated by a *being-between-languages-cultures*. The regularities enable, in the symbolic field, the identification of representations about language(s) and about the self which show metaphorical constructions and symbolic images of the language(s) and of the subjects in the midst of linguistic elements which expose, among others, the regularities *resemblance*, *resistance*, *home*, *(in)security*, *possession*, and *crossing*. It has been verified, based on the studies of Coracini (1997, 2000, 2003, 2015) that such regularities bear essential relation with the identificatory processes of the Venezuelan immigrant subjects since they constitute themselves by the dispersion as well as the heterogeneity related to the social-historical and ideological moment which is not only constitutive of the discourse but also of the relations of identification related to the participants.

Keywords: Venezuelan Immigration; Representations; Language; Identificatory Processes; Portunhol.

LISTA DE ABREVIACÕES

ACD – Análise Crítica do Discurso

AD – Análise de Discurso

CAAE – Certificado de Apresentação de Apreciação Ética

CELUFFS – Centro de Línguas da Universidade Federal da Fronteira Sul

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CP – Condições de Produção

CPsa – Condições de Produção em sentido amplo

CPse – Condições de Produção em sentido estrito

FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

FD – Formações Discursivas

FI – Formações Ideológicas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IEL UNICAMP – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas

LE – Língua Espanhola

LM – Língua Materna

LP – Língua Portuguesa

PA – Parecer Consubstanciado de Aprovação

PLA – Português como Língua Adicional

PPGEL – Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos

RD – Regularidade Discursiva

RES – Roteiro de Entrevista Semiestruturada

RES 01 a 08 – Provocação ou pergunta do RES, de 01 a 08

SD – Sequência Discursiva

SE – Sujeito Entrevistador

SIV – Sujeito Imigrante Venezuelano

SPsi – Sujeito Psíquico

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO

Extraídas de Castilho & Preti (1986), mas com adaptações demandadas pelo *corpus* da dissertação.

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	aí no trabalho () eu trabalho com coxa...()
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(viaje)
Truncamento	/	que/éle
Entoação enfática	maiúsculas	faLÁVAN FALÁVAN
Modéstia e singeleza	minúsculas com fonte menor	EH BOM... eu gu::sto...
Alongamento silábico	:: podendo aumentar para ::::: ou mais	eu::::... eh:::: tava:::: lá na Venezuela na ciudade que diama las claritas
Silabação	-	mai CO-NO-CI-MIEN-TO
Interrogação	?	dois falamo sim... um falou não ... é muito complicado... né?
qualquer pausa é muito complicado...
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	e aí chegamos a... Roraima? ((perguntou ao entrevistador se era assim que se pronunciava e se falava Roraima)).
Superposição, simultaneidade de vozes	ligando as [linhas	de lá pra cá ou::::... [como que foi sair de lá até aqui?
Citações literais, reprodução de discurso direto ou leitura de textos, durante a gravação	“ ”	depois diegaran uns amigos lá e ele falaran “no::n”

SUMÁRIO

NASCENTE	12
1. ENTREMEIOS	19
1.1 Desafios	19
1.2 A Análise de Discurso neste percurso	20
1.3 O movimento pendular	23
1.4 Esquecimentos e subjetividade	25
1.5 Processos Identificatórios	27
1.6 Representações	33
1.7 Condições de Produção	35
1.7.1 Condições de Produção em sentido estrito	38
1.7.2 Condições de Produção em sentido amplo	40
2. O OLHAR EXPLORADOR	45
2.1 Um território inexplorado	45
2.2 Trâmites éticos essenciais	49
2.3 O percurso metodológico	50
2.3.1 Roteiro de Entrevista Semiestruturada	51
2.3.2 Os participantes	54
2.3.3 O <i>corpus</i>	59
2.3.4 Gestos de interpretação	61
3. REDEMUNHO	63
3.1 Cursos que se imbricam	63
3.2 <i>Ser-estar-entre-líguas-culturas</i>	63
3.3 A imigração venezuelana no Oeste catarinense	65
3.4 Narrativas em portunhol	68
3.5 Nuances de portunhol	72
3.6 Portunhol língua de fronteira <i>simbólica</i>	75

3.6.1 Marcadores de <i>rebeldia</i>	76
3.6.2 Parecenças	80
4. TRAVESSIA	90
4.1 As (im)possibilidades	90
4.2 Um breve recapitular	91
4.3 Travessia simbólica	94
4.4 Sou travessia	104
4.5 Um país <i>meu</i> /uma língua <i>minha</i>	105
4.6 A língua: lar (não) meu	110
4.7 Resistências	118
FOZ	126
REFERÊNCIAS	131

NASCENTE

“viver é um rasgar-se e remendar-se”

(Guimarães Rosa)

A vida se (re)constrói, após mudanças ou tormentas nunca se volta ao mesmo lugar, por mais aparente mesmice. Ora nos rasgamos ou somos rasgados, ora nos remendamos ou somos remendados. É justamente a partir desse processo, desses inúmeros rasgos e remendos dotados de intermináveis (re)constituições, que nasce este trabalho. Esta dissertação de mestrado apresenta análises e gestos de interpretação de uma investigação do discurso sobre língua(s) e sobre si em narrativas de imigrantes venezuelanos no Oeste de Santa Catarina. Esta pesquisa se dá junto ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, PPGEL, da Universidade Federal da Fronteira Sul, UFFS, mais precisamente, dentro da linha de investigação *Práticas Discursivas e Subjetividades*. A pesquisa em questão, *Representações sobre língua(s) e sobre si em narrativas de imigrantes venezuelanos no Oeste catarinense*, integra o projeto “guarda-chuva”, *Ser-estar-entre-línguas-culturas: língua, identidade e formação de professores*, coordenado pela pesquisadora Ângela Derlise Stübe.

Nas últimas décadas, um número relativo de pesquisadoras e pesquisadores brasileiros têm se dedicado às pesquisas com imigrantes advindos de processos de migração compulsória ou de migração forçada. Essa crise de proporções globais¹ ocorre seja por razões motivadas por catástrofes naturais, como o terremoto que ocorreu no Haiti no ano de 2010, como também por perseguições de cunho político, religioso, e ideológico. Nesse ínterim, há também as migrações suscitadas pelas condições de alta precariedade econômica, como é o caso da crise vivenciada na Venezuela. A esse respeito, há na literatura da Análise de Discurso de linha francesa, AD, pesquisas cujo eixo temático perpassa questões de migração compulsória e refúgio. Nessa mesma linha de investigação, há também trabalhos que tratam da aprendizagem de português como língua adicional, PLA, por imigrantes em situação de vulnerabilidade: (JURGINA; PEREIRA; DORNELLES, 2019; SILVA; SANTOS; DORNELLES, 2019; FERREIRA; SOUZA; SANTOS, 2019).

¹ As questões sobre migrações (forçadas) demandam por mais pesquisas, pois além de afetarem cerca de 3,6% da população mundial, elas também trazem consequências culturais e socioeconômicas para todos os agentes envolvidos. De acordo com o Relatório Mundial sobre Migração da Organização Internacional para Migrações (OIM, 2022), há em torno de 281 milhões de migrantes internacionais.

No que tange ao estado da arte² específico sobre imigração venezuelana no Brasil, sob a ótica epistemológica da AD francesa ou da Análise Crítica do Discurso (ACD) podem-se mencionar os seguintes trabalhos: Moura e Souza (2019) abarcam a perspectiva da ACD, e investigam questões relacionadas à xenofobia relacionada aos imigrantes venezuelanos em Roraima, mais precisamente em postagens de redes sociais; Anjos (2018) analisa, por meio da AD, os reflexos do entremeio migratório materializado na fala de imigrantes africanos na cidade de Tubarão, SC; Cotinguiba-Pimentel e Sales (2021), também pela perspectiva epistemológica da linha discursiva francesa, investigam notícias publicadas por veículos midiáticos e sua pesquisa indica como o discurso midiático interpela o sujeito do discurso, mais precisamente, seu assujeitamento; Galvão (2019) também lança mão das perspectivas teóricas da AD para caracterizar a emersão e o deslocamento do lugar do discurso sobre o refugiado nos discursos jurídicos dominantes do Brasil.

Apesar de ser possível encontrar várias pesquisas que tangenciam a temática sobre imigrantes e aprendizagem de língua(s), há ainda necessidade de que se desenvolvam pesquisas regionais sobre essa questão, principalmente em regiões que possuem grande demanda por tais estudos, pois possuem um número elevado de imigrantes que passaram pelo processo de deslocamento compulsório. Além disso, os sujeitos do discurso inseridos nessas regiões se encontram em um *ser-estar-entre-línguas*³, como é o caso do município de Chapecó, localizado no Oeste de Santa Catarina e que no decorrer das últimas décadas vem recebendo grande número de imigrantes em situação de vulnerabilidade social, principalmente imigrantes venezuelanos. Pelo fato da imigração venezuelana no Brasil⁴ ser ainda recente e intensa, há necessidade de se pesquisar mais sobre o fenômeno e suas incidências sociais, culturais, linguísticas e econômicas.

² O Estado da arte mencionado nesta pesquisa não se apoia em pesquisas unicamente desenvolvidas a partir da AD franco-brasileira sobre a temática, mas sim, sobre pesquisas que dialogam com a temática da migração venezuelana ou com a migração forçada, o que justifica citar pesquisas fundamentadas em outras linhas teóricas.

³ É importante pontuar que o termo *ser-estar-entre-línguas* foi pensado pela pesquisadora Maria José Coracini, em seu projeto ‘O espaço híbrido da subjetividade: o ser (estar) entre línguas’ que ocorreu entre 2003 e 2007. Nessa mesma linha de raciocínio desenvolve-se atualmente o projeto “Ser-estar-entre-línguas-culturas: língua, identidade e formação de professores”, da Dra. Angela Derlise Stübe (2018), ao qual esta pesquisa se liga por analisar representações de línguas que emergem do dizer.

⁴ De acordo com o Relatório Mundial das Migrações (OIM, 2022), a crise atual pela qual passa a Venezuela está a desencadear fluxos migratórios que já são considerados pela ONU como crise migratória global: Dados de 2021 apontam que 5.6 milhões de venezuelanos já tinham deixado o país, sendo que cerca de 85% dessas pessoas migraram para países da América Latina, principalmente para a Colômbia, o Peru, o Chile, o Equador e o Brasil.

De acordo com informações do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), apesar de mínimas restrições legais e permissões de trabalho fáceis de serem obtidas no Brasil, os imigrantes ainda enfrentam obstáculos no que tange a sua integração ao sistema educacional, aos programas de proteção social e ao mercado de trabalho formal. No que diz respeito à integração desses imigrantes nas escolas brasileiras, estes têm maior probabilidade de estarem matriculados em anos inferiores aos seus colegas brasileiros. Nesse contexto, já os imigrantes em idade produtiva precisam lidar com o rebaixamento profissional e empregos instáveis e mal remunerados (ACNUR, 2021) o que ocorre com a maioria dos imigrantes venezuelanos em Chapecó, que acabam por trabalhar nas indústrias frigoríficas da cidade e não possuem perspectiva de encontrar empregos melhores, pelo menos até se tornarem seguros e proficientes na língua portuguesa. O processo de migração venezuelana é recente, ainda não há muitos estudos na região Oeste de Santa Catarina que tomem como objeto o imigrante venezuelano e sua narrativa sobre a aprendizagem de língua portuguesa e seu próprio processo de migração. Esta pesquisa, portanto, investiga as representações sobre língua(s) e sobre si em narrativas de imigrantes venezuelanos, residentes de Chapecó, SC, e como essas representações, contextualizadas por um *ser-estar-entre-línguas-culturas*, dialogam com os processos identificatórios desses sujeitos apontando para efeitos de sentido sobre língua(s) e sobre a constituição identitária dos participantes.

Este trabalho busca, como sua principal proposta, compartilhar e discutir análises de Sequências Discursivas (SD) que mobilizam representações sobre língua(s), sobre si e sobre processos identificatórios em narrativas de imigrantes venezuelanos, aprendizes de língua portuguesa na região Oeste de Santa Catarina. Para tanto, as análises deste trabalho se desenvolveram a partir de uma pesquisa de campo junto ao *Centro de Apoio ao Migrante Nossa Senhora Aparecida*, também conhecido como *Pastoral do Migrante*, organização religiosa vinculada à Diocese de Chapecó, onde imigrantes venezuelanos encontram-se em processo de aprendizagem da língua portuguesa. No que diz respeito ao referencial teórico adotado, tanto a pesquisa como as análises se inserem no campo da Análise de Discurso de franco-brasileira (PÊCHEUX, 2009; ORLANDI, 2005; CORACINI, 2015), doravante AD. Nesse ínterim, é preciso pontuar que as análises lançam mão não apenas de contribuições teórico-epistemológicas dos estudiosos da Análise do Discurso franco-brasileira, mas também de alguns conceitos da Psicanálise de Jacques Lacan (1998).

A partir dessa perspectiva discursiva, cabe ressaltar, com base em Stübe e Folle (2016), que a forma como a língua se representa em relação à história, ao que se refere à

exterioridade, é o que interessa para a AD. Nesse raciocínio é possível a compreensão de que a produção de sentido pelos discursos passa pela questão da historicidade, e de que ela move tanto os sujeitos do discurso quanto seus sentidos. A historicidade, então, se insere nos processos identificatórios que constituem e determinam o sujeito, concluem Stübe e Folle (2016). Os principais conceitos-chave mobilizados neste trabalho são: migração (venezuelana) forçada (OLIVEIRA, 2019),portunhol (STURZA, 2019a, 2019b), representações, *ser-estar-entre-línguas-culturas* e processos identificatórios (CORACINI, 2007, 2015; LACAN, 1998; STÜBE, 2008). Metodologicamente, tratam-se de análises oriundas de uma pesquisa de campo, com caráter qualitativo e a partir da qual houve a construção de um *corpus*, gerado por meio de entrevistas orais semiestruturadas.

As entrevistas foram realizadas em língua portuguesa, pois esta é a língua que passa a constituir o sujeito imigrante venezuelano (SIV), em sua nova relação social. Após sua realização, as entrevistas foram transcritas no intuito de identificar as regularidades que apontam tanto para as representações sobre língua(s) e sobre si, como para os processos identificatórios. A partir do *corpus*, foram escolhidas algumas SD, selecionadas a partir dos objetivos investigativos, que partem a partir de uma problemática: já que os imigrantes venezuelanos no Oeste catarinense, mais precisamente no município de Chapecó, aprendizes da língua portuguesa, encontram-se em um *ser-estar-entre-línguas-culturas* que precisa ser simbolizado por meio do seu discurso⁵, como, então, esse falar do imigrante sobre si e sobre seu processo de aprendizagem de língua(s) nos direciona para a compreensão das questões em torno dos efeitos de sentido sobre língua(s) e sobre si? Além disso, o que esses efeitos de sentido podem nos dizer sobre os processos identificatórios do sujeito imigrante?

Consideramos que o sujeito se constitui na e pela linguagem e que a aprendizagem de língua(s) é primordial para a inserção social e cidadã de imigrantes venezuelanos no Sul do Brasil. Da mesma forma, cogitamos que tal travessia migratória tem relação com o(s) processo(s) de (re)construção identitária dos imigrantes em Chapecó. Diante disso, defendemos que esta investigação acerca das narrativas dos participantes, sobre língua(s) e sobre si, é fundamental para discutir não apenas a formação de professores de línguas, as políticas linguísticas para grupos minoritários, as políticas públicas para os refugiados no Brasil, mas, principalmente, para trazer à tona o que esses imigrantes têm a dizer sobre si, seu contexto e sobre a(s) língua(s) que os constituem. Acreditamos ser substancial dar voz aos imigrantes. Portanto, motivaram esta dissertação a inquietação acerca de quais representações

⁵ Concordando com Coracini (2007, p. 117) “[...] falar de si é, de algum modo, criar, construir uma história, [...], uma ficção que se torna, pela discursividade, uma verdade, melhor dizendo, uma realidade [...]”

sobre língua(s) e sobre si emergem no fio discursivo das narrativas dos imigrantes venezuelanos em Chapecó juntamente com o questionamento sobre como tais representações afetam os processos identitários dos participantes.

A partir da problemática central exposta, delimitamos o objetivo geral que é analisar quais são as representações sobre língua(s) e sobre si que emergem das narrativas dos imigrantes venezuelanos, SIV, aprendizes de língua portuguesa, residentes no município de Chapecó, Oeste catarinense, e imersos em um *ser-estar-entre-línguas-culturas*. A partir deste objetivo geral e seu contexto particular, traçamos três objetivos específicos:

a) quais regularidades discursivas sobre língua(s) emergem dos recortes e a partir destas, via gestos de interpretação, como podemos analisar as representações sobre língua(s) que se destacam nos recortes;

b) quais regularidades discursivas presentes nos recortes apontam para representações sobre si que permeiam essas narrativas;

c) finalmente, como as representações sobre língua(s) e sobre si se relacionam com os processos identificatórios dos participantes.

Para tanto, lançamos mão de uma pesquisa de campo qualitativa na Pastoral do Migrante, onde os imigrantes estavam aprendendo a língua portuguesa tendo como seu professor o pesquisador desta investigação. As aulas foram aos sábados, entre os meses de abril e novembro de 2022, no centro de Chapecó, e as gravações das entrevistas se deram a partir de julho de 2022, após os participantes já estarem mais familiarizados com o pesquisador/professor. Para o desenvolvimento e montagem do *corpus* discursivo, criamos um roteiro de entrevista semiestruturada (RES) com 08 (oito) provocações, RES 01-08, que foram lidas para os participantes durante a coleta de dados. Como se trata de uma pesquisa com seres humanos, a investigação precisou da aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) após ter passado por todos os requerimentos burocráticos necessários⁶. A partir de um processo de transferência, possibilitado pela relação aluno/professor, foram convidados 06 imigrantes para fazer parte da pesquisa, sendo assim entrevistados. Após a gravação das entrevistas, fizemos a transcrição dos áudios e identificamos no *corpus*, exposta nas SD, em concordância com Sturza (2019a, 2019b), a língua *portunhol* enquanto materialidade linguística desta investigação.

⁶ O parecer final, de número 5.407.966 e sob o CAAE 58361322.7.0000.5564, contendo a respectiva aprovação da realização da pesquisa pelo CEP, ocorreu em 22 de junho de 2022.

Dessa forma, percebemos que as SD permitem tanto a identificação de regularidades na língua como a presença de uma materialidade linguística específica, resultante dos processos de transcrições das entrevistas, uma língua *entre-línguas*, mais precisamente, o *portunhol*, evidente e presente nas narrativas dos participantes. As análises possibilitam a identificação de representações sobre língua(s) e sobre si no discurso de enunciadores que se encontram permeados por um *ser-estar-entre-línguas-culturas*. Observamos que tanto as questões relacionadas às representações sobre língua(s) e sobre si na relação com os processos identificatórios que atravessam o sujeito via língua(gem) e se materializam em seu discurso, em portunhol, ocorrem num campo simbólico dotado de regularidades que apontam, primordialmente, para efeitos de sentido de *rebeldia, parecença, resistência, (in)segurança, posse, lar e travessia*.

Finalmente, destacamos que esta investigação se estrutura metaforicamente enquanto um curso, um percurso, uma trajetória, uma travessia, tal como ocorre quando nos aventuramos a navegar um rio, sendo assim, a estrutura da dissertação se constrói da seguinte maneira: nesta introdução, na *Nascente*, apresentamos a justificativa, a problemática e os objetivos da investigação; no primeiro capítulo, discutimos o arcabouço conceitual e epistemológico que serve como dispositivo teórico de uma pesquisa que se dá pelos *entremeios*, em outros termos, no diálogo entre saberes; no capítulo seguinte, abordamos a metodologia e discorremos sobre *o olhar explorador* adotado neste percurso investigativo; posteriormente, em *Redemunho*, abordamos o portunhol com base em pesquisas conduzidas sobre essa língua e também por meio de análises de SD que nos levam a concebê-lo enquanto fruto ou resultado de um *ser-estar-entre-línguas-culturas*; no último capítulo, *Travessia*, apresentamos recortes de outras SD que apontam para regularidades sobre língua(s) e sobre si que nos levam a discursar sobre como essas imagens simbólicas afetam os sujeitos imigrantes venezuelanos em seus processos identificatórios; finalmente, as reflexões gerais sobre a dissertação, neste percurso investigativo do discurso, chegam até sua *foz*.

Dar voz aos imigrantes, aos seus processos migratórios como também aos seus processos de aprendizagem de uma nova língua e de uma nova cultura, por meio desta pesquisa qualitativa de campo, torna-se importante e pertinente para o atual contexto do Oeste catarinense, pois cada vez mais os municípios desta região precisam se adequar às necessidades trazidas pelo novo contexto que surge a partir das migrações. Dessa maneira, acreditamos que este estudo contribui para a literatura científica e acadêmica sobre o tema das migrações forçadas, da aprendizagem de línguas, dos estudos do discurso e suas áreas afins, como também serve de apoio para o desenvolvimento de políticas linguísticas e de inclusão

social mais justas, diversas e inclusivas para o município de Chapecó, a Região Sul, o Brasil e a América Latina.

ENTREMEIOS

“O senhor vê aonde é o sertão? Beira dele, meio dele?... Tudo sai mesmo de escuros buracos, tirando o que vem do céu.”

(Guimarães Rosa)

1.1 Desafios

Trabalhar a perspectiva da língua(gem) a partir de um olhar que não a concebe enquanto um sistema transparente e dotado de unicidade demanda caminhar por matas densas e inexploradas, por mais que existam alguns mapas que nos orientem por tais veredas. Curiosamente, o olhar analítico e o gesto interpretativo tendem a surgir em momentos de angústia, de aflição, pois olhar para o discurso é desafiador. Analisar o discurso é se ver imerso em escuros buracos de onde repentinamente algo brilha no escuro.

Esta é uma investigação que se pauta em uma escrita que lança mão de gestos interpretativos que se respaldam no que Petri e Dias (2013) apontam enquanto movimentos pendulares entre os dispositivos teóricos e os analíticos típicos da AD. A investigação é dotada de uma travessia simbólica que envolve narrativas sobre trajetórias resultantes de migrações forçadas (OLIVEIRA, 2013) e sobre o processo de aprendizagem da língua outra, estranha e desafiadora. Uma investigação moldada pelos percursos que se manifestam no fio discursivo de imigrantes venezuelanos no Oeste catarinense que foram entrevistados por um sujeito professor-pesquisador que, a todo momento, no decorrer das leituras, das aulas, das entrevistas, das transcrições, das análises, da escrita e das vivências, se percebia em um lugar, geográfico e simbólico, também estranho, inexplorado, angustiante.

Esse lugar, pode ser como o sertão roseano, pois não se podia vislumbrar, ao longo do percurso, onde era exatamente o início, o meio ou o fim das coisas, porquanto tudo surgia nos entremeios inquietantes da angústia. São nesses momentos de angústia, *escuros buracos*, que encontramos aquele movimento incipiente que a princípio flui bem devagarinho porque vem de uma nascente modesta e medrosa, mas que no correr, se encontra com outras águas e fluxos, oriundos de outros rios. São nesses entremeios que acontecem a escrita desta pesquisa, sendo que é por meio deles que as análises foram tomando força. A intenção, nunca foi chegar

a um ponto final, a partir de onde não há mais caminho, pelo contrário, a intenção está sempre no movimento, no que se pode observar no percurso, nos entremeios.

1.2 A Análise de Discurso neste percurso

Quando nos referimos à AD enquanto disciplina de entremeio, nos respaldamos nas contribuições de Eni Orlandi, mais precisamente, quando a pensadora e estudiosa da AD nos relembra que se “as ciências se constituem pressupondo uma certa noção de linguagem e de sujeito, é na transformação dessas noções que também está o deslocamento de seus (delas) limites e, conseqüentemente, de suas relações” (ORLANDI, 2020, p. 23). A autora afirma que no que diz respeito à questão específica da AD, trabalhamos com uma disciplina que se faz no “entremeio”, e que esse deslocamento resulta, acima de tudo, “do trabalho produzido sobre a noção de ideologia”, assim, nas palavras da autora, “uma disciplina de entremeio é uma disciplina não positiva, ou seja, ela não acumula conhecimentos meramente, pois discute seus pressupostos continuamente” (ORLANDI, 2020, p. 23).

Para a autora a AD faz seu trabalho no entremeio, exercendo uma ligação, expondo que não há “separação estanque entre a linguagem e sua exterioridade constitutiva” (ORLANDI, 2020, p. 25). Ao tratarmos junto à AD com a questão da língua(gem) e do sujeito, também nos deparamos com a problemática do sujeito e do sentido na linguagem, a esse respeito a pesquisadora ressalta que na linguagem, a questão em torno do sentido e do sujeito é “uma questão que faz intervir a filosofia e as ciências das formações sociais, sendo a questão do simbólico uma questão aberta, uma questão de interpretação” (ORLANDI, 2020, p. 29). A partir desse raciocínio em torno da exterioridade e dos gestos de interpretação, ao tratar da questão que se refere à regularidade na AD, a pesquisadora ressalta que “a regularidade na AD é função da relação contraditória da linguagem com a exterioridade” e acrescenta, a partir dessa linha de pensamento, que não partimos “como na análise de conteúdo, da exterioridade para o texto, ao contrário, procuramos conhecer esta exterioridade pela maneira como os sentidos se trabalham no texto, em sua discursividade” (ORLANDI, 2020, p. 29).

O que ocorre ao trabalharmos com a AD é um exercício constante de “distinguirmos entre a forma abstrata (com sua transparência e o efeito de literalidade) e a forma material, que é histórica (com sua opacidade e seus equívocos)” (ORLANDI, 2020, p. 31). Portanto, são os efeitos de sentido, é o trabalho com o sentido, a partir do texto, em sua discursividade, enquanto relação contraditória da linguagem com a exterioridade que nos apontará as

regularidades. A AD transforma, nessa perspectiva, a partir da noção de exterioridade, a própria noção de linguagem, “pensando sua forma material, deslocando também a própria noção de social, de histórico, de ideológico, tal como estas noções estão definidas no domínio das ciências humanas e sociais” (ORLANDI, 2020, p. 29).

Nessa linha de raciocínio, mais precisamente no que diz respeito ao aspecto social, Orlandi enfatiza que não se tratam dos traços sociológicos empíricos, tais quais classe social, sexo, profissão e idade, mas sim das “formações imaginárias, que se constituem a partir das relações sociais, que funcionam no discurso”, mais precisamente, “a imagem que se faz” de uma determinada pessoa em um papel social específico na sociedade, sendo assim, há “em toda língua mecanismos de projeção para que se constitua essa relação entre a situação - sociologicamente descritível - e a posição dos sujeitos, discursivamente significativa” (ORLANDI, 2020, p. 29).

No que diz respeito ao aspecto ideológico, na AD trabalha-se com os “processos de constituição da linguagem e da ideologia e não com seus conteúdos”, ou seja, na perspectiva da AD, afirma a autora, não é a ideologia x , mas sim “o mecanismo de produzir” essa ideologia x (ORLANDI, 2020, p. 29). Nesse momento, conceitos de extrema importância são levantados pela pesquisadora e esse respeito, quando, nessa linha de raciocínio, ela pontua que dentro do “espaço que vai da construção dos sentidos (o interdiscurso) à sua formulação (intradiscurso) intervêm a ideologia e os efeitos imaginários” (ORLANDI, 2020, p. 29). Sendo assim, a partir destas observações, podemos, baseados nos estudos de Orlandi e suas leituras de Pêcheux, que existe uma memória no dizer, ou seja, há o primado do interdiscurso, de tal maneira que “os sentidos são sempre referidos a outros sentidos e é daí que eles tiram a sua identidade” (ORLANDI, 2020, p. 29). Neste ponto específico, cabe ressaltar a importância, em AD, das Condições de Produção, CP, na sua relação com os gestos de interpretação. Para Orlandi, “a interpretação é sempre regida por condições de produção específicas que, no entanto, aparecem como universais e eternas” (ORLANDI, 2020, p. 29).

Tendo feito essas considerações sobre o papel da AD enquanto disciplina de entremeio, não podemos deixar de pontuar que o trabalho com o discurso é sempre um desafio. No intuito de trabalhar com os efeitos de real, os furos e incompletudes, presentes na língua, na história e no inconsciente, precisávamos lançar mão a partir desta investigação de uma prática teórico metodológica que nos levasse para os entremeios da ideologia, da história, do sujeito e da língua. O discurso é este lugar do entremeio, lugar onde podemos identificar os furos e os equívocos presentes nas narrativas dos participantes, que nos narram não apenas seu processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, mas todo um percurso, toda uma

travessia permeada por um *ser-estar-entre-línguas-culturas*. Estamos trabalhando com a AD franco-brasileira, com sua origem nos postulados de Michel Pêcheux, mas carregada pelas contribuições de renomadas pesquisadoras brasileiras que muito têm contribuído para a disciplina e todo seu aparato epistemológico ao longo da sua história de evolução enquanto um campo de conhecimento de entremeio.

É por concordarmos com Pêcheux (1990, p. 87), mais precisamente com o fato de que todo enunciado pode sempre tornar-se outro, levando em consideração que seus “efeitos de sentido podem ser muitos, mas não qualquer um”, que tomamos a AD como o fio condutor dos gestos de interpretação junto às narrativas de imigração venezuelana em questão nesta investigação. Neste trabalho com o sentido, portanto, também passamos pelos desafios de perceber os *equivocos* nos enunciados oriundos das SD. Os equívocos presentes nos enunciados, são também marcas. Para Leandro-Ferreira (2020, p. 87) quando percebemos os equívocos nos enunciados, notamos as marcas de resistência que afetam “a regularidade do sistema da língua”. De acordo com a autora este conceito possui suas raízes na concepção de língua adotada pela AD, ou seja, “materialidade do discurso, sistema não homogêneo e aberto” (LEANDRO-FERREIRA, 2020, p. 87).

Ainda no que diz respeito a essa característica peculiar da AD, a pesquisadora chama atenção para o equívoco que se manifesta por meio de “falhas, lapsos, deslizamentos, mal-entendidos, ambiguidades, que fazem parte da língua e *representam* uma marca de resistência e uma diferenciação em relação ao sistema” (LEANDRO-FERREIRA, 2020, p. 87, grifo nosso). No terceiro capítulo, ao apresentarmos as análises, trazemos alguns exemplos desses equívocos expostos em alguns dos gestos de interpretação. Podemos adiantar que uma marca de resistência que nos foi de certa forma recorrente foi a de um lapso permeado pelos efeitos de sentido de tempo e espaço nas narrativas dos participantes, como *lá/aqui*, por exemplo⁷.

Portanto, a investigação se dá no trabalho com a língua(gem) em diálogo com a historicidade constituinte do discurso e do sujeito, assim, portanto, nos amparamos em um movimento pendular que lança mão de dispositivos teóricos e analíticos. Os primeiros dialogam com a AD, atravessada pela psicanálise freudo-laciana, e os segundos partem das marcas linguísticas que num jogo metafórico, via intradiscurso e interdiscurso, nos possibilita lançar mão de um olhar analítico que tece as análises das narrativas, transcritas em uma materialidade linguística que evidencia a existência de uma língua, mais especificamente o

⁷ Cf. no terceiro capítulo desta pesquisa a SD que traz a transcrição da narrativa de SIV-1 ao responder a segunda provocação do roteiro de entrevista (SIV-1 RES 02).

portunhol, conforme concebido por Sturza (2019), que foi tomando corpo a partir de todo um processo constitutivo permeado por um *ser-estar-entre-línguas-culturas* no decorrer da travessia migratória dos participantes, materializada, via simbólico nas transcrições.

1.3 O movimento pendular

Enquanto dispositivo teórico e analítico, sabemos que “a AD parte de uma concepção não-positivista de cientificidade para definir seus procedimentos metodológicos” (FERNANDES; VINHAS, 2019, p. 133). Enquanto estudiosos da língua(gem), acreditamos ser necessário, levando em conta a linha de pesquisa, *Práticas discursivas e subjetividades*, desconstruir, sem desmerecer, a dicotomia saussuriana de língua/fala, desfazendo as fronteiras impostas a tal dicotomia: um corte estabelecido entre interior e exterior. Acreditamos, portanto, na indissociabilidade entre discurso e exterioridade, sendo justamente essa concepção que nos leva, a partir das CP, a fazer uma movimentação constante que oscila, tal qual um pêndulo, na análise e na teoria tendo a AD enquanto disciplina de entremeio. As regularidades encontradas em nas SD, embora materializadas linguisticamente em portunhol, produzem diferentes sentidos, pois coadunamos com Pêcheux ao acreditarmos que há processos históricos de produção de sentidos. Nesses processos, há o imbricamento e o diálogo de três áreas do conhecimento entre as quais a AD se manifesta: a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise. Assim, nas análises, língua, história e sujeito “são deslocados de seus campos originais para ressignificar em outro campo, produzindo uma reconfiguração de suas fronteiras de saberes” (FERNANDES; VINHAS, 2019, p. 135).

Cabe ressaltar que, nesse movimento pendular das análises, muitas vezes nos deparamos com uma certa angústia no que diz respeito à falta de um modelo a ser seguido para direcionar e organizar os gestos analíticos. Entretanto, percebemos o quão limitadora a existência de uma suposta fórmula ou técnica de análise nos seria ao abordarmos o *corpus*, com toda sua singularidade e especificidades, assim como todas as questões, também específicas, referentes ao olhar analítico. Dessa maneira, concordamos com as afirmações de Guespin (1976), quando o autor pontua que qualquer teoria que analise o discurso precisa se distanciar de tipologias ou modelos, já que tais tipificações nada mais seriam que “armadilhas que levam a simplificações precipitadas”, pois é preciso “constituir o discurso pela enunciação do texto e não pelo texto ele mesmo” (GUESPIN apud FERNANDES; VINHAS, 2019, p. 135). Ao parafrasearem Guespin (1976), Fernandes e Vinhas (2019) discorrem que a partir dessa perspectiva, o discurso passa a ser concebido enquanto um enunciado em relação

direta às suas condições de produção, tanto as enunciativas como as históricas, porquanto, de acordo com os apontamentos de Guespin (1976), o nível do discurso está onde a sociedade e a linguística se imbricam. Para as análises também concebemos o discurso enquanto enunciados em relação às condições de produção, as enunciativas serão tratadas a partir de alguns pontos que nos levam a chamá-las de condições de produção em sentido estrito, já as históricas serão abordadas enquanto condições de produção em sentido amplo, levando em conta as observações trazidas acerca dessa questão por Leandro-Ferreira (2001); voltaremos a estas especificidades mais adiante.

O olhar analítico, então, ao se voltar para a língua, buscou por regularidades. A esse respeito Fernandes e Vinhas (2019, p.142) nos mostram como esse olhar do sujeito-analista se volta para a língua. Assim, trata-se de um olhar que busca as regularidades, seguindo o fluxo do jogo da língua em sua fluidez e isso requer uma análise “que dê visibilidade a esse jogo da linguagem e mostre seus efeitos para desvelar suas evidências”. Tais evidências, de acordo com as autoras, nos mostram o que é regular, aquilo que se repete. Desta maneira, “processos regulares são aqueles que tomam ‘certa direção’, orientados por determinações ideológicas, mas que podem se transformar, mudar de orientação conforme o interdiscurso” (FERNANDES; VINHAS, 2019, p. 142-143). Nesse sentido, há também o entendimento de que regularidade, também pode ser algo que “não diz nada [...], mas que mostra, que abre uma perspectiva para discernir o que resiste a se dizer no próprio dizer.” (CONEIN et al. 2016, p. 324). Portanto, durante as análises e as observações do *corpus* optamos pela escolha de Sequências Discursivas, SD, que dialogam com o objetivo geral e, mais precisamente, com os objetivos específicos de pesquisa e a) quais regularidades discursivas sobre língua(s) emergem dos recortes e, a partir destas, via gestos de interpretação, como podemos analisar as representações sobre língua(s) que se destacam nos recortes; b) quais regularidades discursivas presentes nos recortes apontam para representações sobre si que permeiam essas narrativas; c) finalmente, como as representações sobre língua(s) e sobre si se relacionam com os processos identificatórios dos participantes. Para tratar das representações e da questão da subjetividade, precisamos pontuar que para Pêcheux (2009) o sujeito é assujeitado pela ideologia e tem a ilusão de ser o dono de seu dizer, é justamente a partir deste ponto que torna-se necessário abordar a relação que essa subjetividade não-subjetiva possui com um conceito importante trazido pelo fundador da AD, o conceito que trata dos esquecimentos.

1.4 Esquecimentos e subjetividade

A subjetividade no discurso se constitui pelo que Pêcheux aponta como esquecimentos. Importante pontuarmos aqui, que as reflexões a respeito da questão do esquecimento em AD se dá por meio das teorias desenvolvidas por Pêcheux e Fuchs ([1975] 2014)⁸ e por Pêcheux ([1975] 2009)⁹. A partir desses trabalhos, passou-se a considerar, na literatura dos estudos sobre o discurso, duas perspectivas sobre a problemática do esquecimento, assim, com base em Vinhas (2020, p. 91) “uma delas diz respeito à forma como a subjetividade opera; a outra concerne à relação com a memória”. O propósito de se fazer apresentar, neste momento da escrita, a questão do esquecimento e da subjetividade em Pêcheux tem como principal objetivo apresentar a noção de processos identificatórios no ponto seguinte deste capítulo. Isso se torna necessário, pois, apesar de trabalharmos os conceitos da AD não podemos nos esquecer que esta também é atravessada pela psicanálise, pois Pêcheux também era leitor de Jacques Lacan e por esses estudos levou para a AD a enigmática relação que o inconsciente possui com os estudos sobre o discurso, principalmente no que diz respeito aos esquecimentos, os quais o filósofo atribui uma subdivisão. No que tange a esse tópico, Pêcheux e Fuchs argumentam que o que é designado

respectivamente com o nome de “esquecimento nº1” e de “esquecimento nº2”. Vemos que estes dois esquecimentos diferem profundamente um do outro. Constatase, com efeito, que o sujeito *pode penetrar conscientemente* na zona nº 2 e que ele o faz em realidade constantemente por um retorno de seu discurso sobre si, uma antecipação de seu efeito, e pela consideração na defasagem que aí introduz o discurso de um outro. Na medida em que o sujeito se corrige para explicitar a si próprio o que disse, para aprofundar “o que pensa” e formulá-lo mais adequadamente, pode-se dizer que esta zona nº 2, que é a dos *processos de enunciação*, se caracteriza por um funcionamento do tipo pré-consciente/consciente. Por oposição, o esquecimento nº 1, cuja zona é inacessível ao sujeito, precisamente por esta razão, aparece como constitutivo da subjetividade na língua. Desta maneira, pode-se adiantar que este recalque (tendo ao mesmo tempo como objeto o próprio processo discursivo e o interdiscurso, ao qual ele se articula por relações de contradição, de submissão ou de usurpação) é de natureza inconsciente, no sentido em que a ideologia é constitutivamente *inconsciente* dela mesma (PÊCHEUX e FUCHS, [1975] 2014, p. 176).

Nessa perspectiva, ao destrinchar os pensamentos de Pêcheux no que se refere ao primeiro esquecimento, Luciana Vinhas pontua que “podemos fazer menção ao esquecimento como o avesso da memória”, já que diz respeito à questão da impossibilidade de tudo recordar

⁸ *A propósito da Análise Automática do Discurso: Atualizações e perspectivas.*

⁹ *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.*

daquilo que diz respeito à essência da constituição do sujeito, em outros termos, “para ser sujeito é necessário não lembrar” (VINHAS, 2020, p. 91). O primeiro esquecimento diz respeito, por conseguinte, ao funcionamento ou trabalho essencial e imprescindível na realização da subjetividade, pois ele “faz parte da incompletude subjetiva, a qual depende tanto da interpelação ideológica quanto do atravessamento do inconsciente” (VINHAS, 2020, p. 91). As teorias do esquecimento, conforme pontuado pela autora, “não podem ser objeto de reflexão separado de uma teorização sobre a subjetividade, que *atravessa e articula* a teoria da Análise do Discurso”, pois, as teorias do esquecimento são consideradas “fundamentais na compreensão da relação entre língua, discurso e sujeito” (VINHAS, 2020, p. 91).

Na perspectiva desta investigação, compartilhamos das observações feitas por Vinhas (2020) sobre o processo de teorização da temática dos esquecimentos. Nesse raciocínio, em consonância com o que declara a autora, na teorização proposta por Pêcheux e Fuchs ([1975] 2014) ocorre a instalação de um elo, uma conexão, entre o primeiro esquecimento e uma natureza inconsciente, porquanto em concordância com os teóricos a ideologia, constitutivamente, se torna inconsciente dela mesma. A resistência, a rejeição, ou o “recalque produzido pela zona que é inacessível ao sujeito (o esquecimento nº 1) tem como objeto o processo discursivo e o interdiscurso”, o entendimento sobre tal articulação, ainda nas palavras da autora, não se pauta, em um primeiro momento, em “considerar o inconsciente como instância psíquica nos termos teorizados por Freud, mas, sim, enquanto uma não consciência” já que, nessa linha de raciocínio “o sujeito não tem consciência de que é afetado pelo funcionamento da ideologia na forma como se subjetiva” (VINHAS, 2020, p. 93).

O segundo esquecimento, ainda de acordo com as observações de Vinhas sobre os trabalhos de Pêcheux e Fuchs ([1975] 2014), diz respeito a “como o funcionamento de tipo pré-consciente/consciente, associado ao esquecimento nº 2, funciona na teoria”, trata-se, assim, da concepção de uma zona de esquecimento “acessível ao sujeito”, por meio de um “mecanismo de antecipação” (VINHAS, 2020, p. 93). A autora observa que a operação dessa zona, de acordo com Pêcheux e Fuchs ([1975] 2014, p. 177) se dá “na medida em que o sujeito se corrige para explicitar a si próprio o que disse, para aprofundar ‘o que pensa’ e formulá-lo mais adequadamente”, sendo, desse modo, a zona das estratégias discursivas, dos processos de enunciação.

Em seu texto dissertativo sobre os dois esquecimentos, após explicitar a teorização sobre essa temática em Pêcheux e Fuchs ([1975] 2014), Vinhas (2020) lança mão de um gesto de interpretação e relaciona o primeiro esquecimento àquilo que Orlandi (2005) aponta enquanto *condições de produção amplas*, e, no que diz respeito ao segundo esquecimento,

Vinhas (2020) os relaciona ao que Orlandi (2005) considera como *condições de produção em sentido estrito*. Sendo assim, nos cabe também, ao longo deste trabalho, dissertar sobre essas condições e o papel que desempenham nesta dissertação. É preciso pontuar que nas análises das SD desta pesquisa não houve gestos de interpretação que identificam ou pontuam esquecimentos, na realidade, trouxemos esta explanação para pontuar que o sujeito encontra-se assujeitado pela ideologia que o constitui, assujeitamento relacionado a uma *subjetividade não subjetiva* conforme diz Pêcheux. Por esta razão defendemos que os processos identificatórios se dão também sob este prisma, que nos serve de apoio para expor a questão da subjetividade nos processos identificatórios. Antes de abordar as questões que dizem respeito às CP, trataremos de um conceito importante para esta pesquisa, falaremos da relação da língua(gem) com as identificações, ou melhor, com os processos identificatórios que perpassam os sujeitos.

1.5 Processos Identificatórios

Há muito tempo, aponta Signorini (2006), os constructos relativos ao binômio *língua e identidade* passam, no que concerne a sua natureza epistemológica, por reconfigurações necessárias aos constructos que o compõem, afinal de contas, o binômio já “não expressa mais uma relação antes tida como dada, entre unidades também tidas como dadas” (SIGNORINI, 2006, p. 7). Portanto, as reconfigurações contemporâneas desses constructos ocorrem pelo surgimento de questionamentos científicos contemporâneos acerca do binômio *língua e identidade* enquanto objeto de estudo.

Rajagopalan (2006)¹⁰ declara que todos nós possuímos várias matrizes identificatórias, passamos, assim, por múltiplas identificações, procuramos, então, apreender, no discurso dos imigrantes que constituem o *corpus* desta pesquisa, algumas delas. Quando dissertamos sobre múltiplas vozes, precisamos notar que estas se constituem “pela dispersão, pela heterogeneidade, inteiramente vinculada ao momento histórico-social e ideológico”, sendo assim, tais vozes “atravessam, de forma conflituosa e dissonante, a constituição identitária” do sujeito enquanto enunciador (CORACINI, 2003b, p. 113).

Nessa perspectiva, Stübe (2008) declara que “se esse enunciador é constitutivamente múltiplo, heterogêneo, clivado, barrado, não nos é possível falar de identidade como algo

¹⁰ Apesar de não se inserir no campo da AD, mas sim da Linguística Aplicada, consideramos interessante e relevante as observações trazidas por Rajagopalan neste ponto de nossa escrita por ela dialogar com o conceito permeante de processos identificatórios.

acabado, estável e fixo”, a partir dessa concepção, ao falarmos sobre identidade, precisamos considerar que esta só é captada por meio de “irrupções esporádicas no fio do discurso, quando inconscientemente resvala, na enunciação, a heterogeneidade do discurso do enunciador” (STÜBE, 2008, p. 99). É justamente por este motivo que, nesta pesquisa, trabalhamos com a noção de processos identificatórios¹¹, sendo estes relacionados com os modos de subjetivação. Em consonância com o que nos diz Coracini sobre os processos identificatórios, acreditamos

que a identidade de todo e qualquer indivíduo fixado numa determinada posição-sujeito se constitui no e do confronto de diversos discursos, que correspondem ao que Foucault denomina de exterioridade; b) que é no e pelo olhar do outro (ou de outros) que o sujeito constrói sua própria imagem, representada pelo que Lacan denominou de estágio do espelho, momentos em que o sujeito se vê inteiro, ilusoriamente completo; c) que a identidade do sujeito não se estabiliza jamais, mas está sempre em processo, melhor dizendo, sempre em movimento, em transformação; d) que, dada a complexidade do processo identitário, só é possível vislumbrar pontos de identificação que emergem pela linguagem por onde escapam vozes que constituem a subjetividade e, portanto, o inconsciente, constitutivamente heterogêneo (CORACINI, 2003b, p. 194)

No que diz respeito à citação de Coracini (2003b), faz-se pertinente abordarmos a questão do inconsciente em sua relação com a linguagem e com os processos identificatórios. Lançamos mão, então, das contribuições de Miriam Chnaiderman sobre como a psicanálise freudo-lacaniana põe-se a dialogar, ao longo das últimas décadas, com a temática da linguagem, sendo que o objetivo medular do ensaio dessa psicanalista é nos atentar para a existência de “vários mal-entendidos que permeiam tanto a leitura de Freud quanto a de Lacan” (CHNAIDERMAN, 2006, p. 48).

Em sua escrita, a autora traz apontamentos, principalmente no tocante aos sentidos e significações utilizadas por esse viés acerca das questões relacionadas ao termo identidade, conceito este que, em suas próprias palavras, “também é polêmico no âmbito da psicanálise” (*ibid.*) e, ainda a esse respeito, em consonância com as informações constantes do ensaio em questão, compreende-se que o conceito de identidade não se origina a partir de um conceito freudiano porquanto fora inicialmente constituído “a partir de analistas que formularam e desenvolveram a noção de *self* (conceito que busca organizar a totalidade da experiência do indivíduo)”, ademais, no mesmo raciocínio, lançando mão do dicionário *Termos e conceitos psicanalíticos*¹², a autora complementa o sentido desse conceito específico amparando-se em

¹¹ Alguns autores também usam o termo *processos de identificação*.

¹² Ao se referir a esse dicionário, a psicanalista nos informa, por meio de uma nota de rodapé em seu texto, sobre qual obra se orientou para tratar o conceito em torno das investigações, anteriores às empreitadas psicanalíticas freudianas, sobre a questão do *self*. Assim, foi a partir dessa obra que ela lança mão dessa discussão em seu

uma citação direta retirada desse dicionário, pois, o *self* diz respeito à “pessoa total de um indivíduo na realidade, inclusive o próprio corpo e a própria organização psíquica; a ‘própria pessoa’ de alguém, em contraste com ‘outras pessoas’ ou objetos situados fora desse alguém”¹³ (BURNESSE et. al. In CHNAIDERMAN, 2006, p. 48, grifos da autora).

Ao tratar da temática da identidade, segundo as informações pertinentes ao ensaio de Miriam Chnaiderman, existe na literatura de Freud uma distinção fundamental na orientação da abordagem das complexidades a ela atribuídas por ele em seus estudos. No campo físico-biológico e intelectual, o psicanalista utilizou fundamentalmente duas designações: *identidade de pensamento* e *identidade de percepção*, formulações utilizadas por ele especificamente no que diz respeito ao funcionamento do aparelho psíquico. Todavia, ao tratar da temática em discussão por meio de uma linha de pensamento que ora dialoga com o(s) sentido(s) de identidade(s) proposto(s) nesta investigação, o pensador austríaco fez, isso sim, uso do termo *identificação*.

A esse respeito, no que tange à definição desse termo em particular, em consonância com o que se vem discutindo na literatura psicanalítica nos últimos tempos, a ideia em torno do termo *identificação* é abordada “para definir processos estruturantes que ocorrem no Eu (ou Ego, dependendo do autor consultado) através dos quais este internaliza relações com o mundo circundante, dando lugar a matrizes identificatórias” (CHNAIDERMAN, 2006, p. 48). Sendo assim, a ensaísta pontua que os processos estruturantes, internalizadores da relação do Eu com o outro e que fundam essas matrizes identificatórias, na literatura psicanalítica freudiana, gera e promove uma concepção de identificação enquanto “forma primitiva de vínculo afetivo com um objeto, que posteriormente dará lugar a escolhas de objeto” (CHNAIDERMAN, 2006, p. 48).

A ideia de que exista uma identidade que definiria o sujeito psíquico é totalizante, destarte, vem sendo criticada por muitos adeptos à psicanálise desde a descoberta do inconsciente por Freud. A esse respeito, Chnaiderman (2006, p. 49), apoiando-se na premissa de que com o surgimento dos estudos sobre o inconsciente ocorreu uma revolução da noção de sujeito em psicanálise, reafirma a ideia de que a “subjetividade deixou de ser relativa a processos de individuação”¹⁴. Nesse sentido, com o intuito de aprofundarmos um pouco mais

texto. A referência ao dicionário foi dada na seguinte estrutura: “Burness E. Moore, M.D., Fine, Bernard D., M.D. – Termos e conceitos psicanalíticos, P. A., Artes Médicas, 1992.” (CHNAIDERMAN, 2006, p. 48).

¹³ Na obra de Burness *et. al.* (1992) a informação se encontra, de acordo com a citação feita pela psicanalista, na página 190.

¹⁴ Sobre o termo *individuação*, achamos pertinente apontar aqui a definição que traz o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, Michaelis, em sua versão online sobre o verbete, assim: *individuação* é um substantivo

sobre a importância que vem a desempenhar o inconsciente na psicanálise, recorreremos às colaborações de Jean Laplanche¹⁵ e Jean-Bertrand Pontalis¹⁶, por meio da obra *Vocabulário da Psicanálise*¹⁷, uma enorme gama de verbetes psicanalíticos oriundos principalmente da literatura freudiana. A partir dessas contribuições, faz-se relevante, neste ponto da escrita, discorrer acerca do conceito fundante de inconsciente, revolucionário para os estudos e concepções sobre a questão do sujeito em psicanálise.

Assim sendo, no que diz respeito à origem do termo, os autores mencionam o artigo *O inconsciente (Das unbewusste)* escrito por Freud em 1915. A partir da análise sobre a concepção do termo, os organizadores da obra (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p. 235) ressaltam que “o inconsciente freudiano é, em primeiro lugar, indissolúvelmente uma noção tópica e dinâmica, que brotou da experiência do tratamento”.

Primeiramente, uma noção tópica porquanto se incorpora em uma das duas tópicas freudianas¹⁸, ou seja, origina-se a partir de um ponto de observação ou teoria que pressupõe uma distinção e classificação da aparelhagem psíquica em determinado “número de sistemas dotados de características ou funções diferentes e dispostos numa certa ordem uns em relação aos outros”, assim sendo, metaforicamente, tais sistemas podem ser considerados enquanto “lugares psíquicos de que podemos fornecer uma representação figurada espacialmente” (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p. 235). Por conseguinte, o inconsciente é, ademais, uma

feminino e diz respeito a 1) ato ou efeito de individualizar(-se); 2) caráter individual; 3) Para a psicologia, diz respeito à *consciência da individualidade em cada pessoa*, segundo as teorias junguianas (grifo nosso). Portanto, em sua concepção lexical podemos observar que o verbete nos remete a tudo aquilo que é da ordem do particular em alguém, e é justamente esse o ponto ora criticado pela psicanálise a esse respeito. Disponível em: <<<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/individua%C3%A7%C3%A3o/>>>. Acesso em: 07/01/2023.

¹⁵ De acordo com informações disponíveis no portal da Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI), Jean Louis Laplanche no início de seu percurso acadêmico enveredou-se pelos estudos da Filosofia na *École Normale Supérieure*. Em meados da década de 40, Laplanche estudou na Universidade de Harvard. A partir de 1950 começou sua análise com Jacques Lacan, iniciando também nesse período sua formação médica para depois se dedicar a sua própria formação psicanalítica. Para maiores informações sobre sua biografia, conferir conteúdo disponível em: <<<https://febrapsi.org/publicacoes/biografias/jean-laplanche/>>>. Acesso em: 02/01/2023.

¹⁶ Jean-Bertrand Pontalis é psicanalista, filósofo e escritor. Concluiu seus estudos superiores no Liceu Henri-IV e em Sorbonne. A partir da década de 50, iniciou análise didática com Jacques Lacan. Biografia disponível em: <<<https://febrapsi.org/publicacoes/biografias/jean-bertrand-pontalis/>>>. Acesso em 02/01/2023.

¹⁷ Cf. LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. Tradução: Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001. 552 p. ISBN 85-336-1396-2.

¹⁸ De acordo com a obra (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p. 505), “fala-se correntemente de duas tópicas freudianas, sendo a primeira aquela em que a distinção principal é feita entre Inconsciente, Pré-consciente e Consciente, e a segunda a que distingue três instâncias: o id, o ego e o superego”.

noção dinâmica¹⁹, já que trata de uma qualificação “de um ponto de vista que considera os fenômenos psíquicos como resultantes do conflito e da composição de forças que exercem uma certa pressão, sendo essas forças, em última análise, de origem pulsional” (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p. 119).

Portanto, por ser uma noção tópica e dinâmica, o inconsciente freudiano “mostrou que o psiquismo não é redutível ao consciente e que certos “conteúdos” só se tornam acessíveis à consciência depois de superadas certas resistências” (*ibid.*, p. 236, grifo do autor); além do mais, tal conceito ainda desvelou, no que tange à vida psíquica, que esta é dotada de ideias eficazes e efetivas ainda quando inconscientes, e que é a partir dessas ideias e pensamentos que os sintomas descendem. Isto posto, a partir dessas explicações sobre o inconsciente freudiano, percebemos que a não superação de determinadas resistências inibe o acesso a determinados conteúdos pela consciência.

A descoberta do inconsciente, assim, “levou a supor a existência de “grupos psíquicos separados” e, de modo mais geral, a admitir o inconsciente como um “lugar psíquico” particular que deve ser concebido não como uma segunda consciência”, mas sim, enquanto uma estrutura sistematizada, ou melhor, “um sistema que possui conteúdos, mecanismos e, talvez, uma “energia” específica” (*ibid.* p. 236, grifo do autor). Quais seriam, então, esses *conteúdos* de acordo com Freud? Bem, a esse respeito, Laplanche e Pontalis pontuam que na publicação em 1915 de *O inconsciente, Das unbewusste*, em alemão, o médico e psicanalista austríaco, ao se referir a tais conteúdos, os qualifica enquanto *representantes da pulsão*, e que, na prática,

a pulsão, na fronteira entre o somático e o psíquico, está aquém da oposição entre consciente e inconsciente; por um lado nunca se pode tornar objeto da consciência e, por outro, só está presente no inconsciente pelos seus representantes, essencialmente o “representante-representação”. Acrescente-se que um dos primeiros modelos teóricos freudianos define o aparelho psíquico como sucessão de inscrições (*Niederschriften*) de sinais (2), idéia retomada e discutida nos textos ulteriores. As representações inconscientes são dispostas em fantasias, histórias imaginárias em que a pulsão se fixa e que podemos conceber como verdadeiras encenações do desejo (*ver*: fantasia). (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p. 236, grifos do autor).

Temos, portanto, a partir de toda essa discussão em torno das identidades, ou melhor, dos processos identificatórios, do inconsciente e das questões que esses conceitos nos trazem quando estudados a partir de suas relações com a língua(gem), a introdução de mais um conceito, *representações*, introduzido na citação anterior, que merece especial atenção na pesquisa e que toma corpo na investigação a partir do objetivo que visa investigar

¹⁹ Para Laplanche e Pontalis (2001, p. 119) frequentemente “se tem enfatizado que a psicanálise substitui uma chamada concepção estática do inconsciente por uma concepção dinâmica”.

representações sobre língua(s) e sobre si em narrativas de imigrantes venezuelanos no Oeste catarinense.

Em diálogo com Coracini (2003a), podemos concluir que, nesta investigação, não tratamos da identidade enquanto essência, ou uma relação de atributos ou aspectos relativamente irremovíveis que podem sofrer modificações de maneira contínua devido aos acréscimos ou subtrações de características. Não se trata de uma concepção de identidade que visa definir quem é o indivíduo pertencente a um grupo determinado, ao mesmo tempo em que o diferencia dos demais, participantes de grupos outros, como desejam alguns pesquisadores, pois não acreditamos na ocorrência de uma identidade estável, fixa e resolvida.

O conceito sobre identidade, do qual partimos, passa, portanto, pelo sentido de processo identitário, porquanto a partir de sua heterogeneidade e complexidade só podemos perceber momentos de identificação. Precisamos ressaltar que, como declara Coracini (2003a), “se identificar com alguém ou com algo pressupõe, do ponto de vista psicanalítico, um movimento que parte do exterior em direção ao interior”, sendo assim, é um movimento que “parte do outro em direção ao um, deixando no inconsciente recalques, marcas indeléveis que serão mais tarde acionadas por fatos, circunstâncias, objetos ou pessoas” e, sob essa questão, a autora ainda pontua que “isso significa que a atração ou repulsa que sentimos por alguém ou por um dado objeto encontra seu fundamento em elementos constitutivos do inconsciente, lá depositados e jamais esquecidos” (CORACINI, 2003a, p. 198).

Entretanto, nos lembra a autora que, de acordo com a perspectiva psicanalítica, não há necessidade, no que diz respeito aos processos identificatórios, de ignorar a pertença social, muito pelo contrário, pois, nas palavras da autora, “ela é a própria origem da heterogeneidade subjetiva” (CORACINI, 2003a, p. 199). Desse modo, pela abordagem da psicanálise “a criança é formada por e no olhar do outro que começa a constituí-la, nela incrustando sistemas simbólicos bem como sentimentos contraditórios não-resolvidos, inscritos em seu inconsciente para toda a vida” (CORACINI, 2003a, p. 199). Por conta dessas questões, se nos prontificamos a discorrer sobre a questão da identidade, precisamos abordá-la em sua pluralidade, concebê-la como algo da ordem do incompleto, constantemente em fluxo, pois é um processo incessante, formado pelo discurso, pela língua(gem). Finalmente, é preciso pontuar que os processos identificatórios se manifestam no campo simbólico, lugar das representações, lugar do jogo com a imagem do outro e de si.

1.6 Representações

Para introduzir o que concebemos enquanto representações nesta dissertação faz-se necessário, num primeiro plano, discorrer sobre o desenvolvimento histórico pelo qual passou a noção da qual se reveste o termo *simbólico*, substancial para a pesquisa, sendo assim, sabe-se que

a idéia de conferir uma função simbólica aos elementos de uma cultura (crenças, mitos, ritos) e de lhes atribuir um valor expressivo é característica da própria disciplina antropológica. Mas foi na França, com os trabalhos de Marcel Mauss (1872-1950), que se impuseram, frente ao funcionalismo e ao culturalismo das escolas inglesa e norte-americana, as noções de “função simbólica” e “eficácia simbólica”. Depois de Mauss, Claude Lévi-Strauss desenvolveu essa questão, a partir de 1949, trazendo para a antropologia conceitos elaborados pela lingüística moderna, em particular por Ferdinand de Saussure (1875-1913) em seu *Curso de lingüística geral*, postumamente publicado (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 714, grifos dos autores).

Pode-se perceber, a partir da citação, que os estudos sobre o *simbólico* vieram originalmente da antropologia. O termo começou a ser utilizado pelo psicanalista Jacques Lacan em 1936²⁰ para se referir a “um sistema de *representação* baseado na linguagem, isto é, em signos e significações que determinam o sujeito à sua revelia, permitindo-lhe referir-se a ele, consciente e inconscientemente, ao exercer sua faculdade de simbolização” (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 714, grifo nosso). Assim dizendo, quando nos referimos às representações (sobre), a partir do(s) suporte(s) teórico(s) desta investigação, nos propomos a um olhar analítico sobre o simbólico, sobre a função simbólica. As representações se manifestam via simbólico, sendo assim (re)criadas e (re)produzidas a partir do jogo discursivo, via efeitos de sentido que apontam para as regularidades constitutivas da língua(gem), que moldam imagens que se fazem representar no campo simbólico. A partir desta concepção sobre o que são as representações, conseguimos perceber a pertinência desse conceito para o campo da AD, já que falar sobre o simbólico também possibilita falar sobre o discurso, assim como também conseguimos estabelecer conexões com os processos identificatórios, que se dão a partir de um movimento com a língua(gem); para tratar dessas questões, nos apoiamos nas contribuições de Coracini (2015).

²⁰ De acordo com Roudinesco e Plon (1998), Lacan usa o termo *simbólico* pela primeira vez em 1936 para abarcar toda a noção desenvolvida em seu trabalho *estádio do espelho*. O psicanalista inscreveu a noção de *simbólico* em uma trilogia, juntamente com as noções do *real* e do *imaginário*.

A respeito do conceito de *representações*, Coracini (2015) ressalta que a este termo são atribuídas definições diferentes conforme a linha teórico-metodológica de seus autores. De acordo com a pesquisadora (CORACINI, 2015, p. 134), inicialmente, “qualquer coisa pode representar qualquer outra coisa, mas geralmente empregamos representantes próximos de seus representados”. Nesse ínterim, ela ainda ressalta que pelo fato de sermos seres de linguagem, são as palavras que utilizamos como nossas representantes; é o que ela se refere como representação por semelhança. Na mesma obra, a autora nos lembra sobre a empregabilidade do termo *repraesentatio* na Idade Média que apontava para uma relação entre imagem e seu original. Assim sendo, o período da Filosofia Medieval conhecido como Escolástica explicava o termo *repraesentatio* salientando que “por meio de seus equivalentes: os signos estão no lugar das coisas que os causam e daquelas a que eles remetem: (Lt.: *stare pro*), estar no lugar de, por em cena, desempenhar o papel de” (CORACINI, 2015, p. 134).

Após abarcar conceitos sobre representações que trazem contribuições distintas ainda que semelhantes, baseadas em textos de autores como Foucault e Freud, Coracini chega a Lacan²¹. Nessa perspectiva (CORACINI, 2015, p. 140), para Lacan, “as representações ou imagens (de si e do outro), imagens essas vindas do outro, da relação que se estabelece com esse outro, se dão na esfera social e moldam o comportamento, as atitudes do ego”, assim, tais imagens ou representações vão imprimir no sujeito uma ilusão de completude, de verdade, e é a esse estado ilusório de inteireza que se dá o nome de *identidade*. Portanto, a partir dessas contribuições, tomamos por meio das observações de Coracini (2015) as definições sobre o que entendemos por “representações” e por “identidade”, ou seja, conceitos que abarcam a concepção de um sujeito cindido pelo inconsciente, interpelado pela ideologia que o atravessa e o (re)constitui discursivamente, e atravessado pela crença de possuir uma identidade, tratada aqui como um estado ilusório de inteireza impresso nesse sujeito por meio das imagens que possui de si e do outro, ou seja, pelas representações que o circundam e se fazem representar via simbólico, na materialidade da língua. Portanto, por meio dessa concepções sobre representações e sobre identidade e partindo dos pressupostos da AD que o sujeito interpelado ideologicamente se fazer representar, via simbólico, trataremos, então, do sujeito imigrante venezuelano, que se inscreve na sociedade pela linguagem e que tem a partir da língua, no caso o portunhol, a inscrição material da linguagem, no discurso que sempre se manifesta a partir de determinadas condições de produção (CP).

²¹ A autora se refere aos Escritos lacanianos, mais precisamente ao texto ‘O estádio do espelho como formador da função do eu’. Cf. (LACAN, 1949 [1998])

1.7 Condições de Produção

Antes de abordarmos as CP desta investigação, torna-se imprescindível falar de duas noções centrais para a AD que possuem relação direta com as CP: a noção de *interdiscurso* e a de *intradiscurso*. Para o fundador da AD (PÊCHEUX, 1995) o interdiscurso se refere a qualquer conjunto imperante de formações discursivas (FD) que correspondem “ao espaço no qual se dá a constituição dos sentidos; onde os sujeitos, por meio de suas identificações a determinadas formações ideológicas (FIs), manifestam seu posicionamento”, nessa perspectiva, a FD é esculpida “a partir de fragmentos do interdiscurso, estabelecendo, por intermédio da atuação ideológica, sua matriz de sentido, a qual é afetada pela contradição e pela heterogeneidade” (PRUINELLI, 2020, p. 115).

Nesse mesmo contexto, observa-se também o papel das Formações Ideológicas (FI) que, em concordância com a autora (PRUINELLI, 2020, p. 121) “sinalizam o processo pelo qual o sentido percorre para “existir”, ou melhor, para se materializarem no fio do discurso” (grifo da autora). Consequentemente, essa movimentação pode ser percebida por meio das “identificações dos sujeitos a determinados conjuntos de saberes, que se manifestam por intermédio das formações discursivas”, com base nesse processo, percebemos as FI enquanto “uma série de dizeres, rituais, práticas, representações que, de acordo com a formação social vigente, instaura posições de classe, a partir das relações estabelecidas entre os sujeitos”, sendo que tais posicionamentos, no que lhes concerne, “mantêm entre si vínculos que podem ser de hegemonia, oposição ou concordância” (PRUINELLI, 2020, p. 121).

O interdiscurso, por estar imbricado no conjunto das formações ideológicas, é concebido enquanto a memória do dizer, exterioridade constitutiva do discurso, em outros termos, o espaço a partir do qual se organizam e se estabelecem os objetos do saber. Conforme apontado por Orlandi (2005), tal exterioridade constitutiva, motivadora dos sentidos que resultam de outro espaço, aponta para a necessidade das movimentações parafrásticas e polissêmicas em direção a (re)constituição dos sentidos. Nesse sentido, de acordo com as contribuições de Costa e Guimarães (2022), podemos dizer que o interdiscurso

compreende o conjunto das formações discursivas e se inscreve no nível da constituição do discurso, na medida em que trabalha com a re-significação do sujeito sobre o que já foi dito, o repetível, determinando os deslocamentos promovidos pelo sujeito nas fronteiras de uma formação discursiva. O interdiscurso determina materialmente o efeito de encadeamento e articulação de tal modo que aparece como o puro “já-dito” (COSTA e GUIMARÃES, 2020, p. 161)

Eni Orlandi (2005) ainda nos declara, a partir da noção de interdiscurso, que mesmo não sendo viável criar um sentido dotado plenamente de singularidade – porquanto ele não seria totalmente entendido, pois não faria sentido – o novo pode, certamente, aparecer por meio dos deslocamentos do já-dito, ou seja, a partir da memória do dizer, sendo que, é justamente a partir deste raciocínio que se instaura a noção de intradiscurso. Para Michel Pêcheux (1995) o intradiscurso é tido como um produto do interdiscurso sobre si e imbricado à noção de interdiscurso, tem-se, imprescindivelmente, o conceito de intradiscurso que, consoante as contribuições de Costa e Guimarães (2020), se constitui enquanto

Simulacro material do interdiscurso, na medida em que fornece-impõe a “realidade ao sujeito, matéria-prima na qual o indivíduo se constitui como sujeito falante numa determinada formação discursiva que o assujeita. Ao pensarmos o discurso como uma teia a ser tecida podemos dizer o intradiscurso é o “fio do discurso” de um sujeito; a rigor, é efeito do interdiscurso sobre si mesmo, uma vez que incorpora, no eixo sintagmático (linear), a relação de possibilidade de substituição entre elementos (palavras, expressões, proposições), como se estes, assim encadeados, tivessem um sentido evidente, literal. O que está em evidência, no intradiscurso, é a formulação de um discurso a partir da realidade presente (COSTA e GUIMARÃES, 2020, p. 161, grifos dos autores)

Sendo assim, o intradiscurso (des)vela o relacionamento do sujeito com suas próprias elaborações, em outros termos, com tudo aquilo que, na presença de determinadas condições²², é enunciado em determinado momento. De maneira sucinta, Orlandi (2005) conclui que, considerando o discurso enquanto um fenômeno que se dá sobre a língua, do imbricamento da memória, ou seja, do interdiscurso, com a atualização do já-dito, ou do intradiscurso, surge a noção de enunciação e, conseqüentemente, a noção de discurso concebida até hoje pela AD.

Após estas considerações iniciais sobre a relação do interdiscurso e intradiscurso com as CP, neste ponto da escrita, nos enveredamos por aquelas que permeiam as transcrições das entrevistas, mais especificamente nas Sequências Discursivas, cujas análises se encontram no decorrer desta dissertação. Para tanto, nos cabe a princípio discorrer acerca deste aparato conceitual vinculado à AD. Nesta linha teórica, em consonância com Orlandi (2005), objetiva-se perceber a língua fazendo sentido simbolicamente, pois em AD partimos de um trabalho social geral, constituinte tanto do homem quanto de sua história. Sendo assim, podemos conhecer mais, a partir deste tipo de perspectiva, sobre “aquilo que faz do homem

²² Condições de Produção.

um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se”, pois a AD “concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social” (ORLANDI, 2005, p. 15). Para a pesquisadora, o discurso é justamente uma forma de mediação que possibilita, ao homem e à sua realidade, não apenas a continuidade e a permanência, mas também a transformação e o deslocamento. Nessa lógica, a pesquisadora ressalta que há todo um trabalho simbólico do discurso e que este se faz enquanto sustento das criações da existência humana. Portanto, nos é oportuno observar, a partir das contribuições de Eni Orlandi, que é primordial notarmos que “a Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas” enquanto sujeitos, interpelados pela ideologia enquanto “membros de uma determinada forma de sociedade” (ORLANDI, 2005, p. 15-16).

A partir do momento em que a AD se interessa pelo homem inserido na sua história, essa *disciplina de entremeio* estima e reflete sobre os processos e as condições de produção da linguagem. Disciplina de entremeio porquanto ao abordarmos a forma de constituição da AD, fundamentalmente a partir da década de 60²³, no que diz respeito às suas disciplinas estruturantes, notamos o seguinte traço constituinte: elas não se acumulam positivamente. Para a autora (*ibid.*, p. 25), “a AD trabalha no entremeio, fazendo uma ligação, *mostrando que não há separação estanque entre a linguagem e sua exterioridade constitutiva*”, e ainda no que tange a esta temática, a analista de discurso aponta que essas disciplinas “se fazem no espaço indistinto das relações entre disciplinas, relações estas que não são quaisquer umas, mas que têm sua especificidade” (ORLANDI, 2020, p. 23, grifo nosso).

Estamos trabalhando com o discurso, ou seja, com “um processo que se produz pela relação intrínseca entre a língua, a história e a ideologia”, (OLIVEIRA & RADDE *In*. LEANDRO-FERREIRA, 2020, p. 48). Assim, acerca do objeto da AD, Pêcheux já apontava a necessidade de pensarmos os fenômenos linguísticos de dimensão superior à frase enquanto funcionamento. Entretanto, para o filósofo, tal funcionamento não se restringe unicamente ao campo do linguístico, pois de acordo com pensador, não podemos definir este funcionar “senão em referência ao mecanismo de *colocação* dos protagonistas e do objeto de discurso, mecanismo que chamamos ‘condições de produção’ do discurso” ([1969] 2014, p. 78, grifos do autor). O que fazemos neste ponto da escrita é justamente pensar os fenômenos linguísticos enquanto funcionamento, concordando com o pensamento pecheutiano que, ao tratar das

²³ A AD surge a partir da articulação de três grandes campos do conhecimento humano: Marxismo, Psicanálise e Linguística. A esse respeito, cf. Orlandi (2000).

proporções de tais fenômenos, postula que os mesmos se dão além de uma zona frasal ou meramente semântica.

Portanto, o *mecanismo de colocação* dos protagonistas, imigrantes venezuelanos, e dos objetos de discurso, representações sobre língua(s) e sobre si, de acordo com o raciocínio teórico, está além do campo frasal, ou seja, funciona em referência com o que está além deste lugar, ou seja, está em relação com a exterioridade e sabemos que esses mecanismos são as condições de produção (CP). Por esse caminho, nas palavras de Oliveira e Radde (2020, p. 48) “as condições de produção permitem o acesso à exterioridade, uma vez que dizem respeito ao modo como o discurso é pensado na Análise de Discurso” e para tanto, a esse respeito, elas também citam Michel Pêcheux, já que para o filósofo, o objeto da AD, o discurso, é pensado enquanto “efeito de sentidos entre os pontos A e B” (PÊCHEUX, [1969] 2014, p. 81), lembrando que tais pontos dizem respeito aos lugares ou espaços determinados em uma dada formação social.

Nesse raciocínio teórico, ainda no que diz respeito às CP e seu funcionamento, em consonância com informações encontradas na obra *Glossário de Termos do Discurso*²⁴, observamos que elas são motivadoras da instauração das relações de força no âmago do discurso e conservam junto à linguagem uma relação imprescindível, constituindo juntamente a ela o sentido do texto. Enquanto parte da exterioridade linguística, as CP podem ser agrupadas tanto em condições de produção de sentido estrito, que dizem respeito às circunstâncias da enunciação, como em sentido amplo, que levam em consideração o contexto sócio-histórico-ideológico.

1.7.1 Condições de Produção em sentido estrito.

As CP em sentido estrito, CPse, ocorrem em um contexto de aprendizagem de língua portuguesa na cidade para onde os participantes migraram e, aparentemente, se estabeleceram, Chapecó, SC; já as CP em sentido amplo, CPsa, têm como base questões sociais, históricas e ideológicas. No que diz respeito às CP de sentido estrito, temos no momento da enunciação a presença do entrevistador/pesquisador, que fora também o próprio professor de língua portuguesa dos imigrantes, e que acredita ter estabelecido junto à sua turma, até o momento da entrevista, ou seja, após um período de 04 (quatro) meses passados do início das aulas de língua portuguesa, uma relação de transferência, não apenas com a maioria dos alunos da turma, mas também com os alunos participantes da pesquisa.

²⁴ Cf. Glossário de Termos do Discurso, Gráfica da UFRGS, 2001, p. 13.

A relação de transferência é o aspecto mais substancial e relevante das CPse, pois foi por meio dela que as narrativas se deram *como* se deram. Sobre este termo tão recorrente em Psicanálise, precisamos ter cautela para nem sequer passarmos pela (pre)tensão de colocarmos em um mesmo lugar, ou melhor dizendo, em um mesmo campo experiencial, a sala de aula juntamente a uma situação de entrevista com a experiência analítica, onde esta, sim, funciona enquanto lugar primordial ao qual a noção de transferência²⁵ se mostra para Lacan (2010, p. 12) ao introduzi-la enquanto tópico de seu Seminário 8, *A transferência*. A esse respeito, de acordo com o psicanalista, ocorre de nos referirmos à transferência enquanto uma experiência, esta, “no entanto, conhecemos muito bem, na medida em que tenhamos, de alguma forma, praticado a experiência analítica”. Importante frisarmos aqui, a locução adverbial *de alguma forma* presente na citação anterior, ao mesmo tempo em que precisamos reconhecer que a experiência analítica é, dentre outras coisas, uma experiência de escuta, que possui certa regularidade e que se desenvolve e se aprofunda em uma relação íntima com o tempo possibilitado a essas experiências. trata-se de referi-la a uma experiência. Esta, no entanto, conhecemos muito bem, na medida em que tenhamos, de alguma forma, praticado a experiência analítica.

Lacan ainda aponta, ao se referir à experiência analítica, uma questão contextual primordial que a permite ocorrer, porquanto para esta experiência “o que importa não é, de modo algum, seu valor de enunciado, mas sim o seu valor de enunciação”. Importante ressaltarmos que, conforme apontam Roudinesco e Plon (1998) o “termo transferência não é próprio do vocabulário psicanalítico” e acrescentam que é uma noção utilizada em inúmeros campos, implicando “sempre uma idéia de deslocamento, de transporte, de substituição de um lugar para outro, em que essa operação afete a integridade do objeto” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 767).

Importante se faz, mencionarmos que, de acordo com os autores, todas as correntes do freudismo “consideram a transferência essencial para o processo psicanalítico” todavia, conforme são as escolas, “as divergências são múltiplas quanto a seu lugar no tratamento, seu manejo pelo analista e o momento e os meios de sua dissociação” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 767). Entretanto, a autora e o autor trazem uma especificação acerca do termo que consideramos de enorme importância para a concepção de transferência nesta investigação e

²⁵ Conforme apontam Roudinesco & Plon (1998) o termo ‘transferência’ não é exclusivo da Psicanálise. Nesta escola de pensamento, é preciso ressaltar que o termo já é debatido desde Freud até os dias de hoje, e ainda gera muitas discussões, pois mesmo cerca de cem anos depois do surgimento da psicanálise, o “conceito de transferência ainda é objeto de um debate contraditório, cuja origem se encontra na história de seu reconhecimento, de sua avaliação teórica e de sua utilização por Freud a partir do abandono da hipnose e da catarse”. Cf. (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 767)

como ela, enquanto constituinte das CPse, sustenta o processo narrativo dos participantes, assim:

... consideremos que a existência da transferência é atestada, antes de Freud, por uma terminologia abundante: afinidade, influência sonambúlica, necessidade de direção, transposição afetiva etc. Na verdade, a inovação freudiana consistiu em reconhecer nesse fenômeno um componente essencial da psicanálise, a ponto, aliás, de esse novo método se distinguir de todas as outras psicoterapias por empregar a transferência como instrumento de cura no processo de tratamento. Todavia, esse reconhecimento não se deu espontaneamente e, até o fim da vida, Freud continuaria impressionado com a recorrência do fenômeno. Desde 1909, Sandor Ferenczi observou que a transferência existia em todas as relações humanas: professor e aluno, médico e paciente etc.” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 767).

No que diz respeito à nossa experiência analítica em AD, nos cabe salientar, que esta não se reveste de e/ou se iguala a uma experiência clínica, todavia, não podemos deixar de apontar que há, em nossa experiência, uma possibilidade real de diálogo com a Psicanálise em certos momentos, principalmente, quando também somos atravessados – por sermos constituídos pelos discursos de professores de línguas, estudantes, pesquisadores, e entrevistadores, discursos estes que aqui constituem o que nos referimos enquanto Sujeito Entrevistador (SE) – por um valor específico de enunciação, que se dá no momento da entrevista, e também pela experiência da escuta, não clínica, porém analítico-discursiva, e que teve, efetivamente, um lastro temporal não apenas significativo, como também regular. Portanto, após estas explicações, defendemos a relação transferencial enquanto constituinte da investigação.

1.7.2 Condições de Produção em sentido amplo

Ao tratar das Condições de Produção em sentido amplo, CPsa, estaremos abordando questões históricas, sociais e ideológicas nos efeitos de sentido, presentes no intradiscurso, que constituem as narrativas dos participantes. Sendo um ponto complexo da escrita desta pesquisa, os sentidos constituintes das narrativas que estruturam o eixo analítico da dissertação não se fecham (deveriam?). Tanto as SD, recortadas para os fins deste trabalho, como também as observações referentes à crise venezuelana, que se encontram nas obras referenciais consultadas e que estão diretamente relacionadas à temática, possuem esse traço em comum: algo do contraditório.

Ao narrarem sobre a crise econômica da Venezuela com sua consequente crise migratória global, tanto alguns participantes, como alguns autores das referências bibliográficas sobre esta temática, nos apresentam sentidos que não se fecham, principalmente, em relação a uma pergunta crucial que, a nosso ver, é da ordem da culpabilidade e da responsabilidade: afinal de contas, de quem, ou de quê, é a culpa ou responsabilidade por toda essa crise em terras venezuelanas que suscitou em uma diáspora latinoamericana e mundial? Pontuamos, neste ponto da escrita, que esta não é, como já sabemos, a questão primordial trazida por esta investigação²⁶, entretanto e não por menos, ela permeia o fio discursivo constituinte desta escrita em conjunto com nosso olhar analítico, pois além de tal questão se evidenciar na materialidade discursiva constituinte do texto oriundo das referências enquanto *necessidade econômica*, tal questão surgiu, similarmente, durante as aulas de língua portuguesa²⁷, na Pastoral do Migrante, enquanto *crise econômica oriunda de um regime ditatorial “socialista e comunista”*²⁸. Além disso, tal questão também ressurgiu por meio das leituras das bibliografias e referências acerca da crise econômica venezuelana no decorrer desta escrita e as conclusões foram similares: o(s) sentido(s) em torno desta narrativa não se fecham.

Não há, ainda, produção científica e epistemológica, ou seja pesquisas, o suficiente no que diz respeito ao fenômeno migratório venezuelano em terras brasileiras. Assim sendo, de acordo com Oliveira (2019, p. 219) “isso faz com que se recorra a matérias jornalísticas e aos registros administrativos para que seja possível compor um quadro mais amplo sobre essa imigração”. Para o pesquisador, esse tipo de migração se enquadra, no que diz respeito às suas especificidades, ao que se conhece por *migração forçada* (*ibid.*, grifo nosso). De acordo com esta tipologia migratória utilizada por Oliveira (2019), sustentada por pesquisas oriundas de trabalhos como o de Jubilut e Madureira (2014), podemos observar que quando se referem ao termo *migração forçada*, a pesquisadora e professora Liliana Lyra Jubilut e o então mestrando

²⁶ Conforme já foi exposto, a problemática central desta dissertação é investigar quais são as representações sobre língua(s) e sobre si que emergem das narrativas dos imigrantes venezuelanos, aprendizes de língua portuguesa e residentes no município de Chapecó no Oeste catarinense.

²⁷ Durante as aulas era recorrente a crítica a Luiz Inácio Lula da Silva, Lula, pois para os alunos venezuelanos, ele é “amigo” de Nicolás Maduro, do Partido Socialista Unido da Venezuela, atual governante da Venezuela. (nota do pesquisador).

²⁸ Intrigante é nos perguntarmos por que nossos participantes falaram tanto disso durante as aulas, mas não durante as entrevistas, pois a princípio, não identificamos esse preconceito ideológico em nosso *corpus*, pelo menos não de forma evidente a ponto de ser uma regularidade em nossas sequências discursivas. Gostaríamos de frisar que os dizeres foram feitos pelos alunos imigrantes durante as aulas e não dizem respeito às opiniões sociais, culturais ou políticas do pesquisador.

em Direito Internacional André de Lima Madureira, ambos vinculados à Universidade Católica de Santos, SP, abordam esse tipo de migração enquanto “um fenômeno que afeta um número cada vez maior de pessoas”, e que embora não haja “dados numéricos consolidados e sistematizados estima-se (sic) que existam 51,2 milhões de pessoas deslocadas em função de violência e/ou perseguição” (JUBILUT e MADUREIRA, 2014, p.12). A autora e o autor, nesse artigo publicado em 2014, lançaram mão dos dados disponibilizados pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR/UNHCR) por meio de um relatório conhecido como *Global Trends Report*. Este mesmo relatório foi atualizado e disponibilizado novamente no ano de 2021, assim, atualmente, de acordo com o documento, o número de migrantes forçados ao redor do planeta cresceu de 51,2 para 89,3 milhões, ou seja, em concordância com esse relatório²⁹, sustentado por pesquisas, publicado por essa agência vinculada à Organização das Nações Unidas (ONU), há, nos dias atuais, praticamente 90 milhões de pessoas em situação de migração forçada ao redor do mundo.

De acordo com Oliveira (2019) existe um olhar um tanto quanto desatento sobre a imigração venezuelana no Brasil, principalmente por conta da grande quantidade de pedidos de refúgio por parte desses imigrantes. Há também olhares que percebem esse tipo de migração enquanto fluxos mistos “face à presença de migrantes econômicos e solicitantes de refúgio na mesma corrente migratória” (OLIVEIRA, 2019, p. 2019). Faz-se importante ressaltar, pontua o pesquisador, no que diz respeito a essa questão, que de acordo com pesquisas realizadas tanto pela Cátedra Sérgio Vieira de Mello, da Universidade Federal de Roraima (UFRR), como pelo Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), que apenas “uma minoria das pessoas foi posta em movimento em decorrência de perseguição ou ameaça política” e ele ainda destaca que “a larga maioria buscava escapar do desemprego, inflação, desabastecimento de produtos básicos, que, no limite, levava à fome”; Oliveira também pontua que “no momento da pesquisa, a situação de fome aparecia como um marcador da migração” (OLIVEIRA, 2019, p. 219-220).

É justamente essa condição contextual – de falta de trabalho, inflação e situação de desemprego – a que mais se reverbera nos sentidos em torno das narrativas das entrevistas oriundas da primeira provocação do roteiro, RES 01, *Fale um pouco da sua trajetória da Venezuela até o Brasil*. Não observamos nenhuma menção direta a uma vinda para o Brasil motivada pela perseguição ou ameaça política. Nesse ínterim, um dos motivos principais que

²⁹ Cf. *Global Trends Report 2021*. Disponível em: <https://www.unhcr.org/publications/brochures/62a9d1494/global-trends-report-2021.html>. Acesso em 13/01/2023.

justificam a realização desta pesquisa de mestrado é justamente o fato de ela poder vir a contribuir para o desenvolvimento científico sobre o tema da migração venezuelana no Brasil, tendo seu ponto geográfico especificamente voltado para o Oeste catarinense. Essa afirmação encontra como subsídio, no que diz respeito a uma das justificativas da pesquisa, o reconhecimento dessa necessidade por parte de alguns pesquisadores que vêm se debruçando sobre o tema, sendo Oliveira um deles, pois, para ele “ainda há muito o que se investigar para que possa construir um arcabouço teórico que minimamente se aproxime dessa realidade” (*ibid.* p. 220). Em sua pesquisa o investigador trata desses deslocamentos enquanto “migração laboral, forçada por uma crise humanitária descomunal que tem raízes em problemas políticos, econômicos e sociais”, ainda de acordo com o autor “a gravidade da situação requer das autoridades brasileiras, nas três esferas de governo (federal, estaduais e municipais), que seja dado um acolhimento digno e facilitada a integração de nossos irmãos e irmãs venezuelanos (sic) no Brasil” (OLIVEIRA, 2019, p. 220).

Durante as entrevistas observamos que a maioria dos participantes, antes de chegar a Chapecó, passaram por Roraima e no que diz respeito às migrações, este estado está com sua capacidade de recepção esgotada. A cidade de Pacaraima localiza-se justamente na região fronteira com a província venezuelana de Bolívar. Sabe-se que o município não possui condições favoráveis para o devido acolhimento desse tipo de migração, sendo assim, é em direção à capital do estado, Boa Vista, que seguem a maioria dos venezuelanos. Entretanto, devido a intensificação dos fluxos, a capital de Roraima, segundo Oliveira (2019, p. 222), “viu esgotada sua capacidade de recepção, sobretudo pela pressão nos serviços de saúde e assistência social”. Fato curioso e importante, é saber que, de acordo com o pesquisador, “para completar o quadro do lugar de principal destino da migração, o Roraima é o único estado brasileiro que não recebe energia elétrica do sistema nacional, sendo que grande parte do seu abastecimento vem da Venezuela” (OLIVEIRA, 2019, p. 222).

Interessante pontuarmos, em detrimento da opinião política dos alunos-participantes da pesquisa, que o texto de Oliveira (2019) tende a fazer referências economicamente positivas ao governo Chávez³⁰, com a leitura do texto é possível perceber que o pesquisador preocupa-se em mostrar dados econômicos sociais razoáveis para o país, principalmente em comparação aos dados de desenvolvimento social do estado de Roraima. Ao se referir ao fluxo intenso de migração venezuelana para Boa Vista, o pesquisador chega a caracterizá-la

³⁰ Hugo Chávez foi o presidente da Venezuela durante 14 anos, mais precisamente de 1999 até seu falecimento em 2013

enquanto paradoxal após apresentar as informações estatísticas da ordem de desenvolvimento humano da Venezuela de 2016:

Por mais paradoxal que pareça, os emigrantes venezuelanos deixam um país que, no ano de 2016, tinha aproximadamente 90% de população vivendo em áreas urbanas, taxa de mortalidade infantil de 13,8%, esperança de vida ao nascer de 75,4 anos, e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,767. Ao chegarem ao Brasil, ingressam por um estado com 522,6 mil de habitantes (sic), sendo que destes 66,0% vivem em zonas urbanas; 70% do território é composto por terras indígenas e reservas ambientais; onde a principal atividade econômica é a prestação de serviços (87,5%), com destaque para o serviço público (75%), indústria (8,7%) e agropecuária (3,8%); o Produto Interno Bruto (PIB) corresponde a 0,1% do PIB brasileiro; situação que acaba por refletir em seus indicadores sociodemográficos: esperança de vida ao nascer de 71,5 anos, taxa de mortalidade infantil de 17,2% e IDH de 0,707. (OLIVEIRA, 2019, p. 222)

O que Oliveira (2019) aponta na citação acima diz respeito aos dados macroeconômicos relativos à Venezuela, discurso muito recorrente nas observações de muitos economistas, principalmente, quando querem frisar os índices de desenvolvimento do país por meio de uma *ótica macro*, ou seja, que olha para a economia de um país *como um todo*, abarcando questões mais amplas, mas não necessariamente a *qualidade de vida das pessoas*. O que fica evidente é que a realidade econômica nacional é bem diferente da realidade econômica da população, algo que já diz respeito às questões microeconômicas, pois, sob este viés de análise, o olhar da microeconomia, o foco se direciona sobre o comportamento econômico individual. Pelo olhar microeconômico, focalizam-se as questões relacionadas aos mercados específicos e aos movimentos de produtores e consumidores, não levando em consideração o conjunto mais amplo ou a questão do todo na economia de um país. Em conclusão, dados macroeconômicos não refletem o bem-estar da população de um país de forma eficaz, se assim o fosse, os participantes não estariam passando por uma transição migratória tão complexa, fruto de um colapso econômico.

O OLHAR EXPLORADOR

“Adianta querer saber muita coisa? O senhor sabia, lá para cima – me disseram. Mas, de repente, chegou neste sertão, viu tudo diverso diferente, o que nunca tinha visto. Sabença aprendida não adiantou para nada...”

(Guimarães Rosa)

2.1 Um território inexplorado

Viver em um país tão diverso e atravessado por uma infinidade de culturas outras é ao mesmo tempo intrigante e desafiador. Por mais que idealizemos um lugar (outro), a travessia se mostra singular e revestida de tocaias. Por mais longa que venha a ser a preparação, é chegado determinado momento onde esta, de nada serve, pois nos são demandadas novas formações e novos olhares, do contrário, caímos em novos redemunhos.

Chegamos no Oeste catarinense para a realização desta pesquisa de campo em meados de março de 2022 e logo fomos impactados pela força migratória presente no município de Chapecó porquanto fomos residir em um bairro industrial que liga o centro comercial e residencial primordial do município às suas principais indústrias frigoríficas, o bairro EFAPI. Percebemos uma dinâmica diferente neste bairro: além do enorme contingente de imigrantes ali residentes, o fluxo de pessoas pelas ruas dessa região é ininterrupto, não importa o horário, pois muitas das trabalhadoras e dos trabalhadores dos frigoríficos iniciam suas respectivas jornadas de trabalho durante a madrugada. A madrugada é, muitas vezes fria e inóspita, principalmente para quem veio de regiões tão quentes, como as dos trópicos caribenhos, caso tanto dos imigrantes venezuelanos como dos haitianos, que são os principais imigrantes residentes deste bairro, além de brasileiros advindos do Nordeste do Brasil e de catarinenses que ali possuem seus comércios³¹.

³¹ O mercado imobiliário do município está bastante aquecido por conta do fluxo migratório, assim, muitos proprietários optam em alugar suas casas para os imigrantes.

Em nosso primeiro mês em Chapecó, residindo no bairro EFAPI, fomos morar em um pensionato. Era uma casa de dois pisos relativamente grande, dividida em três ambientes principais: o ambiente superior era onde ficavam e residiam os proprietários, uma família do sul do Brasil; o ambiente inferior era subdividido em duas partes, uma para brasileiros e outra para imigrantes, pois os proprietários nos informaram que não tiveram uma “boa experiência” com imigrantes brasileiros³² e imigrantes estrangeiros (haitianos e/ou venezuelanos) residindo no mesmo espaço, o que para nós se mostrou bem evidente quando nosso colega de mestrado, africano, tentou residir conosco mas foi alocado no espaço da casa reservado aos imigrantes estrangeiros. No espaço onde moramos, havia sete pessoas, cada uma alugando um pequeno “quarto”, todos homens, imigrantes brasileiros, principalmente das regiões Norte e Nordeste do Brasil e que se mudaram para Chapecó por conta das possibilidades de trabalho nos frigoríficos. Muitos desses aposentos eram na realidade outros tipos de instalações que foram transformadas em mini-quartos para poder maximizar o lucro com os aluguéis. Nessa parte específica da casa onde residimos, havia pelo menos 03 (três) instalações desse tipo, com paredes de plástico improvisadas na divisão dos aposentos. A média do valor do aluguel desses aposentos é de R \$400,00 e a nenhum dos moradores da pensão eram permitidas visitas. A média salarial dos trabalhadores vinculados aos frigoríficos de Chapecó, mais precisamente daqueles a fazer serviços braçais na indústria de carnes, é de pouco mais de um salário mínimo³³. Muitas dessas pessoas saíram de suas regiões já contratadas e com suas passagens aéreas pagas pelas indústrias chapecoenses³⁴, e sempre nos falavam, nos momentos de descontração, que ali não faltava trabalho para quem queria trabalhar.

Cada um deles possui sua própria história, mas muitas coisas em comum: um histórico de desemprego e dificuldade e a necessidade de prover para suas famílias que longe ficaram. O que é dividir uma casa com mais seis pessoas e sair de madrugada para trabalhar, sob um frio de 2° Celsius, em comparação a uma vida sem trabalho e muitas vezes enfrentando condições de subsistência? Apesar do sofrimento e da saudade, a resposta é óbvia: é ter segurança. Há trabalho e há moradia para os imigrantes residentes em Chapecó. Realmente, não falta, pois, a demanda é alta. Entretanto, trata-se de um trabalho específico para o imigrante, um trabalho direcionado, assim como uma região habitacional também

³² Optamos em nos referir aos nordestinos e aos nortenhos brasileiros enquanto imigrantes, pois sentimos que os mesmos são tratados como tal no Oeste catarinense.

³³ Em 2022 o salário mínimo no Brasil era de R \$1.212,00, a partir de 2023 houve um reajuste e esse valor passou a ser de R \$ 1.302,00.

³⁴ Obtivemos esse relato de um imigrante pernambucano que então residia conosco no pensionato.

geograficamente especificada, no bairro industrial da cidade, preferencialmente. Percebemos que a inserção dos imigrantes estrangeiros no mercado de trabalho da cidade, fora dos frigoríficos, é muito difícil e cheia de barreiras não apenas culturais, mas também burocráticas, pois a falta de proficiência em língua portuguesa dificulta, em demasia, encontrar empregos que demandam por habilidades comunicativas e não apenas braçais, além do mais, a morosidade no reconhecimento da documentação acadêmica e profissional dos imigrantes, principalmente venezuelanos, impede que seus diplomas de formação superior sejam validados no Brasil e muitos acabam por desistir do processo e se conformam com o trabalho nas indústrias frigoríficas da região³⁵.

Ainda residindo no bairro EFAPI, entre uma prosa e outra ao portão do pensionato, durante aqueles primeiros trinta dias, vimos, observamos e presenciamos o fluxo dos imigrantes estrangeiros que ali estão a viver. Famílias inteiras, venezuelanas e haitianas, a alugar a mesma casa e, muitas dessas vezes, percebemos mais de três famílias em uma mesma casa. Chegamos, inclusive, a ouvir relatos feitos por alguns motoristas de aplicativo de que em determinadas regiões da cidade havia cerca de 08 (oito) famílias residindo na mesma casa; maneira por meio da qual encontram para conseguir economizar um pouco mais, no intuito de dar conta do alto custo de vida da capital do Oeste. Quando íamos para a universidade, muitas vezes de ônibus, qual língua ouvíamos dentro das lotações da cidade? Em todas as nossas jornadas, além de dividirmos um espaço superlotado de transporte urbano público, experienciamos a escuta de variantes do espanhol, do crioulo haitiano, do português catarinense, e de nossa inquietação, a escuta de usos do portunhol, principalmente na comunicação dos venezuelanos com os brasileiros, ou seja, estávamos embebidos de um *ser-estar-entre-línguas-culturas* durante toda a travessia investigativa.

Para darmos início às aulas de língua portuguesa para os imigrantes venezuelanos entramos em contato com a Professora e pesquisadora Claudia Rost Snichelotto, responsável pelo Centro de Línguas da UFFS, CELUFFS, que desde o início colaborou substancialmente para a realização das aulas. A princípio, sob orientação da coordenadora do CELUFFS, entramos em contato com o representante dos imigrantes venezuelanos em Chapecó que buscava um lugar para as aulas no próprio bairro EFAPI, pois é onde a maior concentração de alunos reside. Entretanto, o processo de busca para um ambiente apropriado para a realização das aulas na EFAPI não se concretizou, pois a proposta de criação de uma associação de

³⁵ Em nosso curso de língua portuguesa, havia uma aluna venezuelana professora e com doutoramento completo na área de ciências químicas e biológicas. Essa imigrante venezuelana está buscando reconhecimento profissional no Brasil para poder largar o trabalho na indústria e poder voltar a fazer o que sempre se dedicou a fazer, ou seja, lecionar.

representação venezuelana, intuito inicial do representante dessa comunidade migratória em Chapecó, em tempo hábil tanto para ministrarmos as aulas como para a realização da pesquisa, não se concretizou até então. Estávamos, assim, vivenciando uma corrida contra o tempo, felizmente, por meio da ajuda da Professora Snichelotto e da Pastoral do Migrante, conseguimos em abril de 2022, montar uma turma de língua portuguesa para imigrantes, aos sábados, no centro de Chapecó.

As entrevistas ocorreram entre os meses de julho e agosto de 2022, no Centro de Apoio ao Migrante Nossa Senhora Aparecida, estabelecido à Rua São João, 106 D, na região central de Chapecó, local também comumente conhecido pelas pessoas do município por Pastoral do Migrante ou, simplesmente, Pastoral. A Pastoral pertence à Diocese de Chapecó que foi criada em 14 de janeiro de 1958, por meio da Bula³⁶ *Quoniam Venerabilis Frater*³⁷ oriunda da sua Santidade o Papa Pio XII. A Pastoral está entre uma das várias ações evangelizadoras da Diocese e seu processo de articulação, de acordo com informações obtidas no portal da Igreja³⁸, iniciou-se em 2016. Assim, de acordo com as informações fornecidas pela internet, a proposta de criação desta ação aparece como “porta para acolher, orientar e acompanhar os migrantes que chegam na cidade e/ou procuram/precisam de ajuda”, sendo que uma “das ações realizadas é o acompanhamento dos cursos de português para migrantes, realizado em parceria com voluntários/as” (DIOCESE DE CHAPECÓ, [s.d.]).

As informações acima foram obtidas no portal da Diocese de Chapecó, tentamos encontrar mais materiais sobre o trabalho da Pastoral com os migrantes, mais precisamente outros tipos de publicações, para fins de uma validação bibliográfica formal, mas não conseguimos. Entretanto, ainda no intuito de sabermos um pouco mais como vem sendo realizado o trabalho com os migrantes pela Pastoral de Chapecó, entramos em contato com seu representante legal, Elias de Nardi, que nos amparou não apenas com as questões relativas à aprovação desta pesquisa pelo CEP por meio da assinatura de uma *Declaração de Ciência e Concordância das Instituições Envolvidas*, documento essencial para a realização de uma pesquisa de campo com seres humanos, mas também com o apoio que precisávamos para ministrar as aulas de língua portuguesa em uma sala de aula estruturada na própria Pastoral.

³⁶ De acordo com o portal *Vade Mecum Brasil*, uma Bula papal diz respeito a um documento selado com o timbre do Papa, onde ele se expressa acerca de determinado assunto administrativo da Igreja, no que diz respeito tanto a assuntos religiosos quanto políticos. Disponível em: <https://vademecumbrasil.com.br/palavra/bula-papal> . Acesso em 27/01/2023.

³⁷ A tradução deste termo do latim para o português é, respectivamente, *para o venerável irmão*.

³⁸ Cf. <https://diocesechapeco.org.br/acao-evangelizadora/pastorais#pastoral-do-migrante> . Acesso em 27/01/2023.

2.2 Trâmites éticos essenciais

O percurso metodológico desta pesquisa iniciou-se após a aprovação pelo Comitê de Ética de Pesquisa da UFFS (CEP)³⁹ da condução das entrevistas semiestruturadas e, conseqüentemente, da coleta de dados que resultou na montagem do *corpus*. Desse modo, o Parecer Consubstanciado de Aprovação (PA) disponibilizado pelo CEP via Plataforma Brasil ocorreu em fins de junho de 2022, após um período necessário de adequações solicitadas pelo respectivo Comitê e algumas alterações foram ocorrendo no decorrer deste tramitar. Inicialmente, o cadastro na Plataforma se deu em 14 de abril de 2022 e logo após esta data o CEP deu início à apreciação da pesquisa, assim, a partir de então, foram emitidos pareceres subsequentes, referentes ao estado de apreciação da investigação, que apontaram para algumas pendências e solicitaram ajustes parciais na metodologia por se tratar de uma pesquisa de campo com seres humanos. Desse modo, desde o cadastro junto à Plataforma Brasil e ao CEP houve, no decorrer de todo o percurso de apreciação, mais quatro pareceres⁴⁰, ou estados de apreciação, referentes à investigação que foram devidamente e apropriadamente atendidos. Assim, fazendo-se os devidos ajustes, após um período de quase três meses recebemos o parecer final, de número 5.407.966 e sob o CAAE⁴¹ 58361322.7.0000.5564, contendo a respectiva aprovação da realização da pesquisa pelo CEP na data de 22 de junho de 2022.

Importante observarmos, dentre os critérios de realização de pesquisa com seres humanos adotados pelo CEP, que o desenvolvimento de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) é condição da qual não se pode prescindir. O TCLE desta investigação, que possui seis (06) páginas, foi devidamente assinado tanto pelos participantes como pelo pesquisador, tendo suas páginas rubricadas, além disso, cada participante tem em sua posse uma via do TCLE para que sempre possa checar os critérios de participação com os quais decidiu concordar. Os participantes escolhidos aceitaram de livre e espontânea vontade participar desta pesquisa e, para tanto, leram, assinaram e rubricaram o TCLE que lhes foi apresentado em LP e também em LE. A coleta dos dados foi realizada na própria Pastoral do Migrante, no centro do município de Chapecó (Rua São João, 106 D, Centro, Chapecó - SC,

³⁹ O código deste Comitê de Ética na Plataforma Brasil, vinculado à UFFS, é o código 5564, respectivamente.

⁴⁰ As datas em ordem cronológica do cadastro e dos pareceres ulteriores emitidos pelo CEP são, respectivamente: 14/04/2022, 02/05/2022, 03/05/2022, 13/05/2022, 08/06/2022 e, finalmente, 22/06/2022.

⁴¹ O CAAE é o **Certificado de Apresentação de Apreciação Ética**. Esta é a numeração gerada para identificar o projeto de pesquisa que entra para apreciação ética no CEP.

89801-230), e foi feita pelo próprio pesquisador a partir da gravação das entrevistas orais semiestruturadas, feita com gravadores de alta precisão disponibilizados pela UFFS, realizadas com os seis (06) imigrantes venezuelanos escolhidos. Com duração máxima aproximada de trinta minutos (30'), as entrevistas forneceram os dados para a construção do *corpus* e desenvolvimento das análises.

Contudo, nos cabe ressaltar um desafio burocrático já no início deste percurso: como os participantes não possuem o português como sua língua materna (LM), além de um termo em língua portuguesa (LP), desenvolvemos outro em língua espanhola (LE). Ao aceitarem participar da pesquisa, após as assinaturas de ambos os termos, cada um dos participantes recebeu uma via, não uma cópia, tanto do termo em LP como do termo em LE. Além do mais, e não por menos, a leitura do termo em LP para todas e todos os participantes também foi feita pelo pesquisador, em voz alta, logo no início de todas as entrevistas, sendo assim, esta também foi registrada pelas gravações. Finalmente, após todo este trâmite inicial, demos início aos agendamentos das entrevistas e suas respectivas realizações.

2.3 O percurso metodológico

Desde o início da aceitação e aprovação⁴² desta pesquisa em Estudos Linguísticos, mais precisamente na linha de pesquisa Práticas Discursivas e Subjetividades (Linha I), junto à seleção do PPGEL da UFFS, sabíamos que esta pesquisa seria uma pesquisa de campo. No que diz respeito a esse tipo particular de pesquisa, Duarte (2002) aponta os principais desafios relacionados ao uso de metodologias de base qualitativa, mais precisamente, no que diz respeito às problemáticas que abrangem, por exemplo, “a delimitação do universo de pesquisa, a definição de critérios para a seleção dos sujeitos a serem entrevistados, elaboração de roteiros de entrevistas e sua realização, organização e análise de dados qualitativos, entre outros” (DUARTE, 2002, p. 139).

Concordamos com a pesquisadora quando ela, a respeito dessa temática, afirma que uma “pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados” e que ainda, nesse raciocínio, não há uma originalidade absoluta, “mas um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são, aí sim, bastante pessoais” (DUARTE, 2002, p. 140).

⁴² A aprovação do projeto se deu com a homologação do resultado final do edital nº. 178/GR/UFFS/2021 para ingresso no segundo semestre de 2021, na data de 16 de julho daquele ano. Cf. <https://www.uffs.edu.br/UFFS/atos-normativos/edital/gr/2021-0635> . Acesso em 27/01/2023.

Ainda no que tange ao cunho qualitativo deste tipo de investigação, a pesquisadora pontua que, geralmente, tais pesquisas “exigem a realização de entrevistas, quase sempre longas e semi-estruturadas (sic.)”, pois é primordial ter critérios bem definidos no que diz respeito a seleção do universo de investigação, ou seja, dos sujeitos que o compõem, já que tal procedimento “interfere diretamente na qualidade das informações a partir das quais será possível construir a análise e chegar a compreensão mais ampla do problema delineado” (DUARTE, 2002, p. 141).

Por conseguinte, a autora conclui que tanto a delimitação quanto a descrição da população base deste tipo de investigação, mais precisamente dos sujeitos a serem entrevistados, juntamente com seu respectivo “grau de representatividade no grupo social em estudo, constituem um problema a ser imediatamente enfrentado, já que se trata do solo sobre o qual grande parte do trabalho de campo será assentado” (DUARTE, 2002, p. 141).

2.3.1 Roteiro de Entrevista Semiestruturada

Para darmos início à coleta dos dados, foi necessário o desenvolvimento de um Roteiro de Entrevista Semiestruturada (RES), disposto com base nos objetivos de investigação, espinha dorsal do *corpus*, traçado em oito (08) perguntas que não seguiram determinada ordem específica, pois o pesquisador as direcionava conforme sua escuta e o fluir discursivo das narrativas de cada um dos participantes durante as gravações. Importante pontuarmos, entretanto, que a primeira pergunta do instrumento de coleta – *fale um pouco da sua trajetória da Venezuela até o Brasil* – foi deliberadamente eleita enquanto pergunta inicial de todas as entrevistas, pois partimos do pressuposto que ao narrarem suas respectivas travessias migratórias, cada um dos respectivos imigrantes entrevistados agregaria ao *corpus*, constituído a partir dos objetivos, as condições de produção (CP) que viriam a sustentar muitas das análises.

Ademais, no que ainda diz respeito à primeira pergunta do RES, nos cabe frisar que esta, sem a menor sombra de dúvida, foi a pergunta que possibilitou e promoveu as narrativas mais extensas e, talvez, as mais profícuas da investigação. Após estas explicitações, apresentamos a estrutura do RES, organizado da seguinte maneira:

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA (RES)

01	Fale um pouco da sua trajetória da Venezuela até o Brasil.
02	Como foram as primeiras experiências ao tentar se comunicar no Brasil?
03	Fale, por favor, sobre seu contato com a língua portuguesa.
04	Como você se sente ao falar português?
05	No seu dia-a-dia em Chapecó, você fala português e fala espanhol, você convive com pessoas que falam sua língua e outras que não a falam. Você poderia contar um pouco sobre essa experiência?
06	Alguma coisa mudou na sua opinião sobre a língua portuguesa desde quando você saiu da Venezuela até aqui?
07	Na sua opinião, como é ser um(a) imigrante venezuelano(a) em Chapecó?
08	Você sente que uma nova cultura, o contato com uma nova língua e aprendizagem do português afetaram você de alguma forma, mudaram algo em você desde que saiu da Venezuela?

Após serem gravadas, as entrevistas foram armazenadas e posteriormente transcritas, mais precisamente, os dados foram arquivados digitalmente, via internet e hardware, estando, assim, protegidos por senha de acesso, além de terem sido submetidos a uma escuta técnica que viabilizou suas respectivas transcrições. Por conseguinte, os dados encontram-se armazenados na nuvem pessoal do pesquisador, por meio da sua conta particular possibilitada pelo correio eletrônico gratuito disponibilizado pelo Google, mais especificamente pelo aplicativo Gmail, sob o seguinte endereço eletrônico: axmachadoribeironunes@gmail.com. Além disso, os dados também estão no *pen-drive* particular do pesquisador, no HD do computador pessoal do pesquisador e no HD do computador do Laboratório Fronteiras (Sala B404 Rodovia SC 484 Km 02, Bairro Fronteira Sul, Chapecó – SC), vinculado à Linha de Pesquisa Práticas Discursivas e Subjetividades, que integra o Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), da UFFS. Nesse contexto, possuem acesso direto aos dados da pesquisa: o pesquisador, Leandro Nunes, sua orientadora, a Prof^ª. Dr^ª. Ângela Stübe, e os demais integrantes do Grupo de Estudos Língua(gem) e Identidade (GELINDI), ligado ao Programa de Pós graduação da UFFS (PPGEL). Importante pontuar que, ao término da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, físico e digital, durante um período de cinco (05) anos. Após esse período, os arquivos serão deletados pelo responsável pelo laboratório no período determinado: junho de 2028.

As entrevistas, enquanto procedimento vital da investigação, ocorreram aos sábados, em horários que não comprometeram as aulas de LP que ocorriam das 14h às 15h50, assim, a realização das entrevistas se deu no período anterior ou posterior à duração das aulas, ou seja, no início da tarde, entre 12h30 e 14h, ou no fim da tarde, entre 16h e 18h. Todas e todos os seis (6) participantes, cada qual sendo referenciada(o) nesta pesquisa por Sujeito Imigrante Venezuelo (SIV), foram selecionados a partir dos critérios de inclusão relatados ao CEP: serem imigrantes venezuelanos maiores de 18 anos, residentes na cidade de Chapecó, aprendizes de LP no curso oferecido pelo Centro de Línguas da UFFS (CELUFFS) em parceria com a Pastoral do Migrante, doravante Pastoral. Importante nos é pontuar que este curso de LP foi ministrado pelo próprio pesquisador e entrevistador (SE), Leandro Machado Ribeiro Nunes, com apoio substancial da coordenadora do CELUFFS, Prof^a Dr^a Claudia Andrea Rost Snichelotto, e do representante legal da Pastoral do Migrante Diocese de Chapecó, Elias de Nardi. Finalmente, as entrevistas se deram nas seguintes datas e com os seguintes SIV:

- Sujeito Imigrante Venezuelano 1 (SIV-1): entrevista realizada em 09 de julho de 2022; a gravação da entrevista tem duração de 29'30''
- Sujeito Imigrante Venezuelano 2 (SIV-2): entrevista realizada em 16 de julho de 2022; a gravação da entrevista tem duração de 20'48''
- Sujeito Imigrante Venezuelano 3 (SIV-3): entrevista realizada em 23 de julho de 2022; a gravação da primeira parte da gravação da entrevista tem duração de 36'17'' e a duração da segunda parte da gravação da entrevista é de 07'14'' respectivamente.
- Sujeito Imigrante Venezuelano 4 (SIV-4): entrevista realizada em 13 de agosto de 2022; a duração da gravação da entrevista é de 13'36''.
- Sujeito Imigrante Venezuelano 5 (SIV-5): entrevista realizada em 13 de agosto de 2022; a duração da gravação da entrevista é de 16'19''.
- Sujeito Imigrante Venezuelano 6 (SIV-6): entrevista realizada em 20 de agosto de 2022; a duração da gravação da entrevista é de 16'01''.

O curso de português brasileiro para imigrantes se deu por um período de aproximadamente oito (08) meses, com início em abril e término em novembro de 2022, totalizando sessenta (60) horas de aulas e atividades realizadas na Pastoral e abrangendo os níveis básico e pré-intermediário. Durante este percurso, optamos pelo material didático *Pode*

*Entrar*⁴³ como eixo linguístico norteador das aulas, pois trata-se de um material voltado especificamente para imigrantes e possui como eixo temático questões relacionadas aos Direitos Humanos, além de atividades destinadas à inserção do público imigrante no mercado de trabalho brasileiro.

No início das atividades, havia cerca de vinte (20) imigrantes venezuelanos frequentando as aulas juntamente com um número relativamente igual de imigrantes haitianos, pois o curso não era voltado apenas para venezuelanos, entretanto, devido a questões de ordem profissional, muitos desses imigrantes não chegaram a concluir o curso, dessa forma, ao final do curso contávamos com uma proporção relativamente igual de haitianos e venezuelanos presentes no curso, cerca de dez (10) estudantes venezuelanos e haitianos. O convite para a participação nesta pesquisa foi feito em sala de aula, após breve apresentação da investigação e a manifestação do interesse pelos participantes em potencial. O critério de seleção foi baseado na proficiência da LP, pois todas as perguntas foram feitas em português e as respostas foram dadas e transcritas em *portunhol*⁴⁴. Assim, com base na performance linguística em LP observada em sala de aula pelo pesquisador, os seis (06) imigrantes venezuelanos que demonstraram ser mais proficientes em português, foram aqueles convidados a participar. Sendo assim, chega o momento de apresentarmos os participantes, os sujeitos imigrantes venezuelanos.

2.3.2 Os participantes

Para adquirir algumas informações gerais sobre os participantes, o pesquisador os enviou, após as entrevistas, a seguinte mensagem por WhatsApp:

Prezada e prezado participante, você já realizou a entrevista para ajudar na pesquisa, agora precisamos de mais algumas informações. Por gentileza, enviar essas informações para o WhatsApp do pesquisador Leandro Nunes. Preencha as informações abaixo em língua portuguesa (se não souber preencher em português, pode ser em língua espanhola), muito obrigado!

- *Sua idade (quantos anos você tem?):*
- *Você estudou até que ano?:*

⁴³ Para maior detalhamento sobre este material didático específico, cf. ACNUR. *Pode Entrar: Português do Brasil para refugiadas e refugiados*. São Paulo, Brasil, 2015. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2015/Pode_Entrar.pdf>> . Acesso em 22/01/2023.

⁴⁴ Nesta dissertação, tomamos o *portunhol* enquanto língua. Este conceito será melhor desenvolvido e epistemologicamente aprofundado ao longo de nossa escrita.

- *Ensino Fundamental? Até os 14 anos (No Brasil são 9 anos - vai do primeiro até o nono ano)*
- *Ensino Médio? De 15 a 18 anos (No Brasil são 3 anos - primeiro, segundo e terceiro)*
- *Ensino profissionalizante? De 15 a 18 anos (No Brasil são 2 anos)*
- *Graduação (Universidade)? 18 anos ou mais (geralmente no Brasil são 4 anos)*
- *Pós-Graduação (Mestrado, Doutorado)? No Brasil, mestrado são 2 anos e doutorado são 4 anos.*
- *Não estudou? Ou se estudou até onde conseguiu completar seus estudos?*
- *Quando imigrou para o Brasil? (que ano?)*
- *Você morou em outras cidades no Brasil antes de Chapecó? Em caso afirmativo, quais cidades no Brasil você morou?*
- *Em que cidade você nasceu na Venezuela?*
- *Em que cidade você morou na Venezuela?*
- *Qual era sua profissão na Venezuela?*
- *Você já tinha saído da Venezuela antes para visitar outro país?*
- *Você veio para o Brasil sozinha/sozinho ou acompanhada/o? Se veio acompanhada/o, veio com amigos ou familiares?*
- *Você trabalha com outros imigrantes aqui no Brasil? Se sim, de quais países?*
- *Você mora com brasileiros ou com venezuelanos?*
- *Você já morou com brasileiros?*
- *Você já morou com outros imigrantes?*
- *Quais trabalhos você já teve no Brasil?*
- *Atualmente, onde você trabalha no Brasil?*
- *Você pensa em mudar de profissão no Brasil? Se sim, o que gostaria de fazer?*
- *Você pretende voltar a viver na Venezuela algum dia ou pretende se estabelecer no Brasil?*

Alguns participantes não responderam a todas as perguntas, mas a partir das respostas obtidas montamos uma sucinta biografia referente a cada um dos SIVs, pois achamos pertinente, para as análises, levar em consideração o histórico pessoal dos participantes. É preciso pontuar que, apesar de termos introduzido curtas biografias acerca de cada um dos participantes desta investigação, não é a partir desses dados que desenvolvemos nos capítulos

ulteriores as análises sobre processos identificatórios, não que a história pessoal dos participantes não influencie em suas identificações ou resistências perante o outro, pois há certamente essa relação, mas, como não estamos fazendo uma análise de conteúdo e sim uma análise de discurso, o ponto de partida é sempre o texto resultante do processo de enunciação que, no caso desta pesquisa, se dá a partir das sequências discursivas (SD). Todavia, é importante apresentarmos os participantes, pois cada percurso individual apresenta informações, ainda que curtas, sobre uma trajetória de vida que se desemboca no Brasil, após enorme investimento pessoal de cada um deles em suas vidas na Venezuela e sua consequente frustração. Sendo assim:

Participante 1- identificado nas análises enquanto Sujeito Imigrante Venezuelano-1 (SIV-1):

É homem e possui 31 anos de idade. Nasceu na cidade de *Bolívar*, no estado venezuelano de *Bolívar*. Na Venezuela morava na cidade do *Tigre*, no estado de *Anzoátegui*. Na Venezuela concluiu apenas o Ensino Fundamental e lá trabalhou como recepcionista de hotel; fez também alguns cursos de formação com instrumentos musicais. Imigrou para o Brasil em 15 de dezembro de 2018 acompanhado pelo pai e alguns amigos. Antes de se mudar para Chapecó, morou na cidade de Boa Vista, RR, e também morou na cidade de Itapiranga, SC. Antes de se mudar para o Brasil, nunca havia saído da Venezuela. Em Chapecó, ele trabalha com outros imigrantes da Venezuela e do Haiti no frigorífico Aurora Guatambu. Atualmente ele reside em Chapecó juntamente com sua companheira venezuelana. Ele pensa em ter outro emprego no Brasil, ele gostaria de um dia se tornar professor de instrumentos musicais, e não pensa em voltar para a Venezuela, pretende se estabelecer aqui no Brasil.

Participante 2- identificado nas análises enquanto Sujeito Imigrante Venezuelano-2 (SIV-2):

É mulher, possui 28 anos e nasceu na cidade de *Maturín* no estado venezuelano de *Monagas*. Estudou na Venezuela até chegar à universidade onde concluiu sua graduação em Engenharia Química. Imigrou para o Brasil em 18 de dezembro de 2020. Antes de se mudar para Chapecó, Santa Catarina, passou uma semana em Boa Vista, Roraima e depois ficou um mês em Manaus, no Amazonas. Na Venezuela, morou em sua cidade natal, *Maturín*, depois na cidade de *El Tigre*, no estado venezuelano de *Anzoátegui*, onde concluiu seus estudos. Nunca

teve um emprego na Venezuela; lá, foi estudante. Nunca saiu da Venezuela para outro país antes de imigrar para o Brasil. Imigrou sozinha para o Brasil, sem amigos ou familiares. Em Chapecó, ela trabalha com outros imigrantes, venezuelanos e haitianos, no frigorífico Aurora Guatambu. Atualmente reside em Chapecó com seu companheiro venezuelano, mas já passou pela experiência de morar com outros imigrantes, um casal de haitianos. Ela pensa em mudar de profissão no Brasil, informou que gostaria de trabalhar na área de sua formação, algo relacionado à Engenharia Química. Ela não pensa em voltar para a Venezuela, mas em ficar e estabelecer sua vida no Brasil.

Participante 3 - identificado nas análises enquanto Sujeito Imigrante Venezuelano-3 (SIV-3):

É mulher e tem 50 anos de idade, nasceu na cidade de *Puerto Ordaz* no estado venezuelano de Bolívar, e morou na *Ciudad Guayana - Parroquia Unare*. Possui ampla formação educacional obtida na Venezuela, pois tem doutorado: possui Licenciatura em Pedagogia e Ciências Biológicas, Mestrado em Investigação Educacional, Pós-graduação em Psicologia Clínica, Doutorado em Ciências da Educação. No Brasil, está cursando pelo SENAI o curso de Gestão e Inovação na Indústria de Alimentos. Na Venezuela era professora de Biologia para o Ensino Fundamental e também era professora universitária, local onde também orientava pesquisas acadêmicas e participava de bancas de avaliação de pesquisas científicas. Ela nunca havia saído da Venezuela e imigrou para o Brasil em 8 de setembro de 2018 acompanhada de sua filha e antes de vir para Chapecó, SC, morou na cidade de Manaus, AM. Ela disse que já trabalhou no Brasil como educadora social, e em Chapecó ela trabalha no frigorífico Aurora juntamente com imigrantes venezuelanos e haitianos. Ela quer muito voltar a trabalhar como professora e espera por essa oportunidade no Brasil. Ela quer se estabelecer para sempre no Brasil com sua família.

Participante 4 - identificado nas análises enquanto Sujeito Imigrante Venezuelano-4 (SIV-4)

É mulher, possui 44 anos e nasceu na cidade de *San Fernando de Apure*, no estado venezuelano de *Apure*. Estudou na Venezuela até chegar à universidade onde concluiu sua graduação/licenciatura em Contabilidade Pública e Administração Comercial. Imigrou para o Brasil em 18 de Junho de 2021, Antes de se mudar para Chapecó, Santa Catarina, passou um

mês em Manaus, no Amazonas. Na Venezuela, morou na cidade de *El Tigre*, no estado venezuelano de *Anzoátegui*, onde concluiu seus estudos. Nunca saiu da Venezuela para outro país e antes de imigrar para o Brasil. Imigrou com seu marido e seu irmão para o Brasil. Em Chapecó, ela trabalhou com outros imigrantes, venezuelanos e haitianos, no frigorífico Ecofrigo⁴⁵. Atualmente, ela reside em Chapecó com seu marido e seus filhos. Ela pensa em mudar de trabalho no Brasil, pois deseja trabalhar na área de sua formação, algo relacionado à contabilidade ou administração.

Participante 5 - identificado nas análises enquanto Sujeito Imigrante Venezuelano-5 (SIV-5)

É homem, possui 50 anos e nasceu na cidade de *Cristobero* no estado venezuelano de *Anzoátegui*. Estudou na Venezuela até chegar à universidade onde concluiu sua graduação em Engenharia Química. Imigrou para o Brasil em 17 de Junho de 2021. Antes de se mudar para Chapecó, Santa Catarina, passou um dia em Boa Vista, Roraima, e depois ficou um mês em Manaus, no Amazonas. Na Venezuela, morou na cidade de *El Tigrito* e depois na cidade de *El Tigre*, no estado venezuelano de *Anzoátegui*, onde concluiu seus estudos. Tinha emprego na Venezuela. Ele já viajou de férias para outro país antes de imigrar para o Brasil: na Colômbia, para a cidade de *Casuarito* (situada na fronteira entre a Colômbia e a Venezuela) e no Brasil, para a cidade de Pacaraima, em Roraima, (situada na fronteira entre a Venezuela e o Brasil). Imigrou para o Brasil acompanhado de sua esposa. Em Chapecó, ele trabalha para a empresa Água Limpa Poços Artesianos juntamente com outros imigrantes da República Dominicana. Atualmente reside em Chapecó com sua companheira venezuelana, uma filha e seu namorado. Ele pensa em mudar de profissão no Brasil, informou que gostaria de trabalhar na área de sua formação, algo relacionado à Engenharia Química. Ele não pensa em voltar para a Venezuela, mas em ficar e estabelecer sua vida no Brasil.

Participante 6 - identificado nas análises enquanto Sujeito Imigrante Venezuelano-6 (SIV-6)⁴⁶:

⁴⁵ Esta participante, quando terminamos o curso de português na Pastoral, nos informou que havia conseguido um emprego melhor em Chapecó na área de administração de empresas, e que não trabalhava mais no frigorífico.

⁴⁶ Esta participante em especial nos deu “poucas” informações tanto no decorrer de nossa entrevista quanto ao responder ao questionário enviado pelo aplicativo Whatsapp. Interessante pontuarmos que pouco antes do término do curso a participante parou de frequentar as aulas, e ficamos sabendo por colegas que tanto ela como o

É mulher e tem 27 anos de idade, nasceu na cidade de *Maturín*, na Venezuela, onde também morou grande parte da sua vida. Lá, cursou completamente os ensinos Fundamental, Médio e Profissional, e trabalhou como assistente de confeitaria. Imigrou para o Brasil em 2020 com seus irmãos. Antes de se mudar para Chapecó, morou na cidade de Boa Vista, RR. Em Chapecó, ela morou com outros venezuelanos e nunca morou com brasileiros e trabalhou na Aurora Frango em Chapecó juntamente com outros imigrantes venezuelanos e haitianos. Ela quer voltar para a Venezuela, mas não agora. De acordo com a última notícia que recebemos sobre essa participante, sabe-se que migrou novamente com sua família para outro país da América do Sul, o Equador.

2.3.3 O *corpus*

Neste ponto, faz-se significativo ressaltarmos que em oposição aos linguistas, a ocupação dos analistas de discurso não passa por toda a extensão de um texto, sequer lançam mão da segmentação de frases no intuito de observar sua constituição interna. Conforme proposto por Indursky (*In*. FERNANDES, 2008, p. 68), o que cabe ao analista é “recortar sequências discursivas, delimitar uma porção de linguagem e de exterioridade representativa de todo o processo discursivo”. Nesse raciocínio, em diálogo com Fernandes (2008), lançamos mão das contribuições de Orlandi (1984, p. 14) quando a mesma, a esse respeito, pontua que o “recorte é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim, um recorte é um fragmento da situação discursiva”. De acordo com Fernandes (2008), respaldando-se em Courtine (1981), é justamente por meio do trabalho de recorte que temos as sequências discursivas (SD). Nesse raciocínio, nas palavras de Courtine (1981, p. 25), as SD dizem respeito às “sequências (sic.) orais ou escritas de dimensão superior à frase”.

Na AD a constituição do *corpus* se permite com o trabalho de recorte, pois este possibilita a criação de um *corpus* específico de análise, ou seja, o *corpus* discursivo é “um conjunto de seqüências discursivas estruturadas segundo um plano definido em referência a um certo estado de condições de produção do discurso” (COURTINE, 1981, p. 24). Nesse ínterim, o linguista e antropólogo (idem) também ressalta que o *corpus* discursivo está em relação íntima com o processo de construção do objeto de estudo pelo analista, não sendo, destarte, concebido *a priori*. Portanto, é por meio dos pressupostos ou hipóteses emitidas no

restante da família que estavam residindo em Chapecó decidiram migrar novamente, e mudaram-se para o Equador.

decorrer da busca pelos objetos da pesquisa que o *corpus* é construído pelo analista de discurso no intuito de responder parcialmente às indagações propostas pela investigação enquanto objetivos oriundos de uma problemática.

Portanto, de acordo com o que expusemos até aqui, podemos dizer que a constituição do *corpus* discursivo se deu a partir da problemática da investigação em diálogo com o objetivo geral de pesquisa, ou seja, como o sujeito imigrante venezuelano no Oeste catarinense narra seu percurso migratório e suas experiências *entre-línguas* e como, a partir dessas narrativas, podem se evidenciar representações desses sujeitos sobre língua(s) e sobre si? A partir desta indagação primordial, pudemos ainda nos indagar acerca de como poderíamos constituir um *corpus* discursivo que refletisse as problemáticas referentes aos objetivos específicos, a saber: a) analisar que representações sobre língua(s) emergem na materialidade linguística dos imigrantes venezuelanos em Chapecó, SC, a partir de uma trajetória permeada pelo *ser-estar-entre-línguas*; b) interpretar que representações sobre si emergem no fio discursivo dos imigrantes venezuelanos aprendizes de língua portuguesa em Chapecó, SC; c) investigar, a partir da análise das representações, como elas se relacionam com os processos identitários dos participantes.

Assim, temos aqui as seguintes informações: as indagações sobre o objeto de estudo nos levou a uma problemática central que orientou a constituição do *corpus* discursivo, materializado linguisticamente em transcrições de entrevistas semiestruturadas a partir de um questionário, que se formou a partir das oito (08) perguntas estipuladas, deliberadas conjuntamente e em seguida escolhidas para que pudessem vir a constituir o RES. Após as transcrições das entrevistas, ou seja, depois da formação do *corpus*, fizemos leitura atenta, morosa e cuidadosa das transcrições objetivando selecionar as respectivas SD toda vez que nos deparamos com efeitos de sentido que dialogam com os questionamentos. Em seguida, a partir das SD – sequências orais/escritas⁴⁷, pois tanto a escrita como a oralidade são inerentes às transcrições, pois possuem uma dimensão superior à frase, além de estarem estruturadas segundo um plano definido em referência a um certo estado de CP do discurso – identificamos alguns *fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação*, ou seja, os recortes, os RD, e finalmente, após todos esses passos e procedimentos metodológicos, partimos para os respectivos *gestos de interpretação*.

2.3.4 Gestos de interpretação

⁴⁷ Existem trabalhos em AD que concebem sequências discursivas não apenas no âmbito da oralidade e da escrita, mas também no campo do imagético. Cf. Fernandes (2008).

Chegou o momento de falarmos um pouco do dispositivo analítico da investigação. Nos cabe ressaltar que, além de se tratar de um referencial importantíssimo do aparato teórico, ao lançarmos mão de uma pesquisa de campo onde a AD exerce papel substancial enquanto suporte teórico, adotamos, na mesma medida, ferramentas metodológicas e instrumentos analíticos, principalmente no que diz respeito às análises do *corpus*, que se fundamentam nos pressupostos discursivos. Assim, enquanto dispositivo analítico desta pesquisa, temos os (nossos) gestos de interpretação e para falar desse instrumento, que nos é extremamente importante e significativo, precisamos dissertar um pouco sobre o que a AD estabelece enquanto interpretação.

Na AD o conceito de interpretação jamais se remete a algo unívoco, não há uma única voz na interpretação. Não existe (e não deve existir) tal autoridade e poder inerente aos olhares e ouvidos atentos às diversas formas de significação, mesmo porque, em todo discurso existe uma materialidade histórica, existem posições-sujeito distintas, CPs específicas, a presença da memória, a interferência recorrente do inconsciente, e processos intermináveis de (des)construção, pois a língua(gem) é viva e dinâmica, e jamais transparente, a isso chamamos de materialidade discursiva. Nesse raciocínio, concordamos com Luciana Vinhas quando a pesquisadora nos diz que ao falarmos de materialidades discursivas estamos tratando de algo que nos serve enquanto base material de análise obrigatoriamente imposta pela contradição, em outras palavras, “pelo processo de sobredeterminação próprio ao funcionamento da ideologia”, ainda de acordo com a autora, tal materialidade tem a “sua constituição marcada pela influência do materialismo na teoria da análise do discurso, sendo constituída pelo nível de existência sócio-histórico” (VINHAS *In*. LEANDRO-FERREIRA, 2020, p. 203).

O objeto teórico e metodológico que ora defendemos está ligado ao arcabouço teórico ao qual nos filiamos e adotamos, ao ponto de nos adentrarmos em uma investigação qualitativa de campo sob tais pressupostos, mais especificamente, sob aqueles para os quais o termo transparência nunca deve adjetivar a língua(gem). Estamos, nesse ínterim, envolvidos e dedicados a um trabalho cuja concepção de língua(gem) passa necessariamente por um olhar de entremeio que atribui a ela problemáticas tangenciadas pelo equívoco e o contraditório. Já podemos concluir, a partir dessa pequena descrição, porque juntamente ao termo interpretação há também o termo gesto, que para esta dissertação acreditamos ser o mais adequado, já que ao falarmos dos furos presentes na língua(gem) estamos justamente expondo e evidenciando que o nosso olhar analítico está sempre sujeito à alteridade, aos processos históricos e constitutivos do sujeito e da língua(gem).

Ao tentar compreender o enigma ideológico inscrito na interpretação, Orlandi (2020) aponta que essa problemática “nos toca particularmente pois M. Pêcheux trata a significação, pensando a relação da língua, de um lado, com a *lalangue* (o inconsciente) e, de outro, com o interdiscurso (a ideologia)”, dessa forma, no que diz respeito a essa questão, a autora pontua que, de acordo com Pêcheux, “inconsciente e ideologia estão materialmente ligados” (ORLANDI, 2020, p. 65). A importância de se compreender qual é o lugar da interpretação, constitutiva da língua, na prática das análises pode ser entendida a partir do seguinte raciocínio:

a compreensão do lugar da interpretação nos esclarece a relação entre ideologia e inconsciente, tendo a língua como lugar em que isso se dá, materialmente. A ordem simbólica, configurada pelo real da língua e pelo real da história, faz com que tudo não possa ser dito e, por outro lado, haja em todo dizer uma parte inacessível ao próprio sujeito. (ORLANDI, 2020, p. 65)

Dessarte, em conformidade com Orlandi (2020), compreende-se neste trabalho que a interpretação é constitutiva da língua, não ocorrendo, desse modo, metalinguagem. Outrossim, declaramos por extensão, que a interpretação é constitutiva do sentido e do sujeito. A partir desse raciocínio, não estamos afirmando que o sentido não é passível de interpretação enquanto o sujeito o é, mas sim que ambos são constituídos pela interpretação. Em outros termos, compreendemos que “a interpretação *faz* o sujeito, a interpretação *faz* sentido” (ORLANDI, 2020, p. 85, grifos da autora). Nesse cenário, ocorre que a construção do dispositivo da interpretação modifica a posição do leitor para um outro lugar, edificado pelo analista. Nesse ínterim, tal mudança de posição, assim como um deslocamento, enquanto lugar do sujeito/lugar do analista, (re)vela a alteridade do pesquisador, ou seja, ela aponta para uma leitura outra. Por conseguinte, a partir desse outro olhar, o sujeito/analista pode desenvolver por meio do dispositivo da interpretação, uma leitura que “trabalha o efeito da objetividade, levando em conta o deslize, o equívoco, a ideologia” (ORLANDI, 2020, p. 85). Nesta pesquisa, portanto, buscamos por esse deslocamento, por essa alteridade constituinte do olhar do pesquisador, por essa leitura outra que se manifesta pelo dispositivo da interpretação via jeito, via olhar, enquanto gesto de interpretação.

REDEMUNHO

*“Do vento. Do vento que vinha, rodopiado,
Redemoinho: senhor sabe – a briga de ventos.
Quando um esbarra com o outro, e se enrolam, o
doido do espetáculo.”*

(Guimarães Rosa)

3.1 Cursos que se imbricam

O discurso trabalha com a língua em movimento, com as exterioridades constitutivas desses cursos do dizer. Tal como os ventos, os discursos se imbricam e se reformulam tomando as mais diversas direções. Tal como o ar está para o vento enquanto sua materialidade, a língua está para o discurso. O que ocorre quando ventos diferentes tentam tornar-se um ou seguir para direções opostas ou direções diversas? Será que ocorre algo parecido com a(s) língua(s)? Estariam elas sujeitas a também serem metaforicamente algo da ordem dos redemunhos, tal como eles ocorrem nas águas e nos ventos? É justamente sobre essas questões que trata este capítulo. Primeiramente, discorreremos sobre como o *ser-estar-entre-línguas-culturas* permeia esta dissertação; em seguida, de forma mais aprofundada, trataremos da imigração venezuelana no Oeste de Santa Catarina e depois abordamos o portunhol, suas diferentes formas, para em seguida apontarmos as regularidades e fazermos as análises das sequências discursivas (SD) com base nos nossos objetivos.

3.2 *Ser-estar-entre-línguas-culturas*

Falar uma língua... falamos apenas uma? Mesmo enquanto falantes de “uma só língua”, aquela que politicamente fora estabelecida enquanto a língua oficial em nossos países de origem, cabe sempre o questionamento sobre qual ou quais línguas falamos se nos adentrarmos mais sobre quais são as concepções de língua na literatura da Linguística, da Linguística Aplicada, dos Estudos Literários e da Análise de Discurso, ou seja, na academia das Letras, mais precisamente no Ocidente. Não se trata, nesta pesquisa, de nos preocuparmos em apontar erros ou inadequações sobre conceitos, paradigmas e teses defendidas sobre o que

vem ou não a ser uma língua; afinal de contas, não nos cabe jamais deixar de reconhecer a importância de linhas de pensamento diferentes da nossa, como o estruturalismo de *Port Royal* ou até mesmo dos estudos sobre Aquisição da Linguagem, em suas diversas contribuições e, também, da Crítica Literária em torno do que a língua representa em seu domínio.

O que ocorre neste trabalho, antes de mais nada, assim como em qualquer outra produção científica, é a nossa identificação com determinados olhares que, apesar de não compartilharem de ideias estruturalistas e de suas variantes, também trazem à baila maneiras outras de se pensar o conceito sobre língua, maneiras estas que possuem uma longa história de pesquisa e investimento, que nesta investigação se dá particularmente nos estudos ou abordagens de entremeio possibilitadas pela AD, questões estas que já abordamos no capítulo anterior. Como, então, concebemos a língua e como ela se insere nesta pesquisa?

A língua é o lugar do simbólico, onde o sujeito por ela constituído se faz representar ao mesmo tempo em que representa o(s) outro(s), instância que permite ao sujeito expor (in)conscientemente seus laços ou nós de identificação e resistência; a língua é o lugar da (im)possibilidade; também é o lugar do muito a ser dito, muito que pode ser concebido muitas vezes em termos de intensidade e não necessariamente em termos de quantidade; é o lugar do silêncio, onde também há sentido, por mais que não sejam transparentes ou óbvios; é o lugar dos (des)encontros, pois o que dizemos muitas vezes não é o que o outro escuta, por mais que esse outro nos pareça, a princípio, familiar; é o lugar da materialidade discursiva, ou seja, da interpelação ideológica e sua historicidade; é o lugar da (des)ordem, apesar de uma sintaxe concebida como rígida e muitas vezes inalterável, mas que é a todo momento desafiada pelos efeitos das variações que nela atuam continuamente; um lugar de (re)constituições, (re)formulações e (trans)formações.

Portanto, de quais línguas discorreremos nesta dissertação? A concepção de língua que nos atravessa é permeada e (re)constituída por essa mandala dos inúmeros lugares que a língua ocupa e para tanto nos respaldamos nas contribuições de pesquisas oriundas de um aporte teórico-metodológico amparado pela Análise de Discurso franco-brasileira. Destarte, ao invés de falarmos sobre língua, embasados nas inúmeras possibilidades desses lugares que ela ocupa, falamos de um *ser-estar-entre-línguas-culturas*.

A imbricação conceitual em torno do termo *ser-estar-entre-línguas-culturas* surgiu a partir de inúmeras pesquisas desenvolvidas por profissionais e estudiosos das línguas, ensino e educação, envolvidos em um projeto intitulado *O Espaço Híbrido da Subjetividade: O Ser (estar) entre Línguas*, apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e

Tecnológico (CNPq) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), sob supervisão e organização da pesquisadora Maria José Rodrigues Faria Coracini, vinculada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL UNICAMP), entre os anos de 2003 e 2007. Essa imbricação conceitual se apresenta, pois, a partir de discussões, estudos e problematizações que se colocaram a partir da necessidade de se discutir com mais aprofundamento sobre a dicotomia Língua Materna (LM) / Língua estrangeira (LE). Nesse ínterim, Coracini (2013)⁴⁸ problematiza a dicotomia LM / LE, ao lançar mão da hipótese da imbricação das duas concepções de língua na constituição da subjetividade que, de acordo com a autora, é concebida enquanto dispersa e clivada.

Nas palavras da pesquisadora, *ser-estar-entre-línguas* não “se trata de uma reflexão sobre multilinguismo ou plurilinguismo nem sobre o bilinguismo, pois esses termos implicam a busca da totalidade” daquilo que denominados língua e também sujeito falante; tampouco se trata da “adição de duas ou mais línguas, adição que significa domínio idealmente concebido – e que se deseja perfeito – de cada uma das línguas implicadas,” nesse sentido o *ser-estar-entre-línguas-culturas* nos provoca a pensarmos em uma ação de captura, pois “trata-se de capturar traços de identificação que permitem compreender como se constitui pela linguagem – sempre híbrida – a identidade móvel, dinâmica, do indivíduo” (CORACINI, 2013, p. 117).

3.3 A imigração venezuelana no Oeste catarinense

O município de Chapecó de acordo com dados do IBGE possui 227.587⁴⁹ pessoas, ou seja, são praticamente 230 mil habitantes neste município, também conhecido no estado de Santa Catarina por Capital do Oeste. Ainda de acordo com informações da prefeitura da cidade, a ““Capital do Oeste Catarinense”, que completou 104 anos na quarta-feira, se manteve como a quinta mais populosa de Santa Catarina, à frente de cidades como Itajaí e Criciúma”⁵⁰ (PREFEITURA DE CHAPECÓ, 2021). Consoante a matéria divulgada pela prefeitura da cidade houve aumento populacional de 1,59% entre os anos de 2020 e 2021, o

⁴⁸ Cf. texto de Coracini (2013): O espaço híbrido da SUBJETIVIDADE: o (bem) estar/ser entre línguas.

⁴⁹ De acordo com a Prefeitura de Chapecó, esses são dados divulgados pelo IBGE em 2021. Cf. portal da prefeitura do

município: <https://chapeco.sc.gov.br/noticia/4164/chapeco-tem-227587-habitantes-segundo-estimativa-do-ibge>

⁵⁰ O aniversário de Chapecó é em 25 de agosto, ou seja, em 2023 a cidade completa 106 anos.

que significa um crescimento demográfico de 3.574 habitantes em comparação aos 224.013 do ano anterior, sendo assim, “Santa Catarina cresceu 1,18%, passando de 7,25 milhões para 7,33 milhões e, o Brasil, cresceu 0,74%, de 211,7 milhões para 213,3 milhões” (PREFEITURA DE CHAPECÓ, 2021).

Chapecó está entre os 788 municípios brasileiros partidários ao recebimento de imigrantes em situação de vulnerabilidade social e econômica, dentre eles, os imigrantes venezuelanos cuja “movimentação pelo território nacional, seja de forma *espontânea* ou assistida pela Estratégia de Interiorização vinculada à Operação Acolhida” possibilitou que todos esses municípios, em todo território nacional, “entrassem em contato com o novo contexto de refúgio e de migração” (I RELATÓRIO CIDADES SOLIDÁRIAS BRASIL, 2022, s/p, grifo nosso). No que tange ao contexto apresentado pelo Relatório (2022) logo na apresentação do documento, no que diz respeito à movimentação dos imigrantes venezuelanos pelo território brasileiro, faz-se necessário apontar que não houve, nas entrevistas, nenhuma menção feita à Operação Acolhida pelos participantes. Na realidade, o que ocorreu durante a escuta, as transcrições e as análises, foi justamente uma movimentação cujo adjetivo *espontâneo* talvez não seja o mais apropriado, pois não podemos deixar de considerar, a partir das narrativas que serão expostas neste trabalho, o prevalecer de enunciados que apontam para experiências atravessadas por algo da ordem do insuportável que se manifesta no campo simbólico dos participantes desta investigação.

Nessa perspectiva, a situação que dá início a esse processo de deslocamento, caracterizado por Oliveira (2019) enquanto migração forçada, está diretamente ligada tanto à necessidade econômica como à dificuldade de sobrevivência enfrentadas por todos os participantes desta investigação quando ainda estavam na Venezuela. Dessarte, tais condições obrigam os venezuelanos a deixarem seu país, mas não de forma espontânea, como veremos nas narrativas. Por curiosidade, resolvemos explorar os sentidos dados à espontaneidade, sendo assim, de acordo com o Dicionário Online de Português⁵¹, ao consultarmos o verbete *espontâneo* nos deparamos com as seguintes definições:

- a) A primeira diz respeito a algo que “ocorre *naturalmente*; cujo desenvolvimento não é premeditado; que não possui nem demonstra artificialismos; natural, *sincero*: sempre foi um sujeito muito espontâneo”;
- b) A segunda diz que trata-se de algo que “alguém faz por si mesmo *sem que haja obrigação*; *voluntário*: ele fez a doação de modo espontâneo”;

⁵¹ As normas relativas às referências padrão ABNT de palavras oriundas de dicionários online foram consultadas a partir da seguinte fonte: <<https://biblio.direito.ufmg.br/?p=5742>> . Acesso em 30/03/2023.

- c) A terceira faz referência a algo que “se expressa de maneira *irrefletida* (sem reflexão): a conversa foi muito espontânea”;
- d) E, finalmente, a quarta definição faz menção a algo cujo “desenvolvimento e resultado *só dependem da pessoa* ou coisa que o compõe: fogo espontâneo”. (ESPONTÂNEO, 2023, grifos nossos).

Dessa maneira, após ler as definições do verbete *espontâneo* a partir das informações do dicionário e das análises das SD que serão abordadas, não podemos caracterizar o processo migratório venezuelano em território brasileiro enquanto *movimentação de forma espontânea*, já que precariedade econômica, risco de fome, alto índice de desemprego e falta de recursos financeiros escassos à população da Venezuela, em nada sustentam um argumento que identifica essa movimentação migratória enquanto espontânea.

Apesar de não termos nenhuma informação referente à Operação Acolhida, ou à Estratégia de Interiorização, presente nas narrativas, podemos perceber que houve grande participação dessa operação no processo migratório de venezuelanos em território nacional, principalmente na Região Sul do Brasil. A esse respeito, de acordo com o Relatório das Cidades Solidárias, os estados da Região Sul são os que “mais receberam pessoas venezuelanas pela Estratégia de Interiorização” (I RELATÓRIO CIDADES SOLIDÁRIAS BRASIL, 2022, p. 15). Ainda de acordo com o documento foi registrado que, até dezembro de 2021, 11.218 pessoas haviam sido interiorizadas para o Paraná, 10.540 para Santa Catarina e 9.506 para o Rio Grande do Sul, o que totalizou para essa região um percentual de 47% de venezuelanos interiorizados em comparação a todo território nacional⁵².

No que tange ao ranking nacional das cidades que mais receberam imigrantes venezuelanos temos que os municípios de “Manaus/AM (5.223), Curitiba/PR (4.437), São Paulo/SP (3.774), Dourados/MS (2.933), Porto Alegre/RS (2.251), Chapecó/SC (1.976), Brasília/DF (1.730), Rio de Janeiro/RJ (1.456), Cuiabá/MT (1.262) e Cascavel/PR (1.145)” são aqueles que “mais receberam pessoas venezuelanas por meio do deslocamento assistido”, ou seja, podemos notar, a partir dos dados de 2022, que Chapecó ocupa a 6ª posição entre as cidades citadas pelo documento (I RELATÓRIO CIDADES SOLIDÁRIAS BRASIL, 2022, p.15). Nesse contexto, de acordo com o documento, apenas em Chapecó/SC foram registrados 1.976 imigrantes venezuelanos interiorizados. Todavia, sabemos, a partir das entrevistas, que

⁵² Interessante pensarmos e nos questionarmos sobre o porquê desse contingente de imigrantes venezuelanos ter sido majoritariamente direcionado à Região Sul do Brasil pela Operação Acolhida. Maiores e melhores oportunidades de trabalho? Melhores condições de trabalho para os imigrantes? Maior demanda por trabalho? Neste último caso, em caso afirmativo, maior demanda por qual tipo de trabalho e sob quais condições laborais? Fica a provocação.

há um número maior de imigrantes vivendo na cidade, considerando que chegaram até lá por conta própria, que é justamente o caso de todos os participantes desta pesquisa.

De acordo com informações do portal do IBGE (BRASIL, 2023)⁵³, Chapecó possuía em 2010, ou seja, no último censo, 183.530 pessoas e, de acordo com as estimativas do último censo, realizado em 2021, há um número estimado de 227.587 pessoas, o que significa um crescimento de 44.057 pessoas no decorrer da última década. Levando-se em consideração que há, entre as quase 230 mil pessoas, praticamente 2 mil pessoas oriundas da Venezuela via Operação Acolhida e que, fora esses dados, ainda existe um número relativamente alto de imigrantes venezuelanos que chegaram (e continuam chegando) na cidade por conta própria, podemos estimar que um número maior que 2% do total de habitantes da cidade são venezuelanos e que estes, em processo de aprendizagem da língua portuguesa, fazem uso do portunhol para se comunicarem com os brasileiros e demais imigrantes, principalmente haitianos, residentes na cidade.

Assim, podemos dizer que temos, enquanto CP constituintes das narrativas dos imigrantes, um contexto intenso de movimentação migratória venezuelana para o Oeste catarinense, e que este contexto propicia oportunidades de interações comunicativas singulares no que tange ao processo de engajamento social e cultural dos imigrantes venezuelanos em Santa Catarina, mais precisamente em Chapecó. No que diz respeito ao intradiscurso das narrativas, primordialmente em seu aspecto material linguístico, podemos perceber a existência do portunhol enquanto língua, não apenas ou meramente enquanto instrumento de comunicação entre seus falantes, mas como uma linguagem que permeada por um *ser-estar* ininterrupto, constituinte de sua estrutura interna em seu aspecto simbólico-discursivo e também no que diz respeito ao seu aspectos lexicais, sintáticos, semânticos, fonológicos, fonéticos e pragmáticos que, ainda que não sejam dotados de regras específicas e politicamente reconhecidas, se fazem presentes em processos comunicativos. Sendo assim, é justamente sobre essas questões que dissertamos, a partir de agora, nesta pesquisa.

3.4 Narrativas em portunhol

⁵³ Cf. portal do IBGE, mais precisamente no que diz respeito ao panorama sobre cidades, ou seja, informações sobre os últimos censos. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/chapeco/panorama>> Acesso em 08/04/2023.

Para Augusto Radde, “a língua é condição de possibilidade de um discurso, materialidade ao mesmo tempo linguística e histórica”, ou seja, ela é um “produto social que resulta de um trabalho com a linguagem no qual coincidem o histórico e o social”, o autor ressalta que, no que diz respeito ao âmbito discursivo, “a língua é reconhecida por sua opacidade e pela forma como nela intervém a sistematicidade e o imaginário”, o que dá brecha ao surgimento do “equivoco como elemento constitutivo da mesma” (RADDE, 2020, p. 181). Dessa maneira, ainda em consonância com o raciocínio do pesquisador, precisamos nos atentar para uma questão muito importante no que tange ao conceito de língua a partir da concepção discursiva, pois esta, como tal, nos interpela a levar em conta as “contradições inerentes a seu sistema interno, reconhecendo as falhas e equívocos que a constituem não para excluí-los, mas para buscar compreender em que ponto a língua encontra a história na produção de efeitos de sentidos” (RADDE, 2020, p. 181).

Em consonância com o raciocínio do autor, isso “implica, ainda, desconstruir a dicotomia língua/fala, preconizada nos estudos linguísticos, para se chegar à discursividade, única forma de ultrapassar a visão idealista que concebe a língua como um sistema fechado e autônomo”, ou seja, tal fato nos permite reconhecer na língua “sua íntima relação com a exterioridade, representada pela história e pela ideologia” (RADDE, 2020, p. 181). Longe de conceber a língua enquanto um sistema fechado e autônomo, partindo do pressuposto de que há pontos onde a língua encontra a história na geração de efeitos de sentido, assumindo que há, na língua, contradições próprias ao seu sistema interno possibilitadas a partir de todas suas falhas e equívocos, nos propomos, por meio de uma perspectiva discursiva, conceber o portunhol, materialidade linguística das narrativas, enquanto língua.

Um dos aspectos mais desafiadores desta dissertação foi indubitavelmente o processo de transcrição das entrevistas. Abordamos, neste ponto, sobre um processo que, consensualmente, já é demorado no que diz respeito às práticas de transcrição de entrevistas em nossa LM, mas que se mostrou moroso e complexo por lidarmos com uma *língua* pouco pesquisada, ou seja, o portunhol, ainda que, para muitos, esta não possua status de língua. Contudo, na investigação, este termo tão conhecido por falantes de português e de espanhol tomou conta da materialidade linguística constituinte do *corpus*, portanto, tornou-se imprescindível de ser abordado.

Compartilhamos de uma afirmação de Maria José Coracini, dada por entrevista e fazendo menção à psicanálise lacaniana, de que “contar-se na própria língua é se encontrar num dado lugar no mundo e esse lugar nos é dado principalmente pela língua-cultura que nos constitui” (CELADA; ANDRADE; GASPARINI, 2021, p. 330). Tal afirmação dada pela

autora acontece durante o momento da entrevista em que ela critica a visão dicotomista sobre LM e LE fornecida por Melman, em que o autor declara ser a LM aquela que sabemos e a LE a que aprendemos. Para Coracini (*In CELADA; ANDRADE; GASPARINI, 2021*), a LE nem sempre é a do estranhamento, assim como a LM nem sempre é a do acolhimento e segurança. A partir dessa perspectiva, nesta pesquisa, conforme previamente mencionado, também não compartilhamos de uma visão dicotomista no que tange à(s) língua(s), sendo assim, chega o momento de abordarmos a materialidade linguística da qual se constitui o *corpus* desta investigação.

A partir de um RES concebido em língua portuguesa que resultou nas entrevistas realizadas com os participantes, foram produzidas as transcrições da dissertação, mas as perguntas do instrumento de coleta foram não apenas narradas mas também transcritas em portunhol, ou seja, tem-se um fato que já evidencia, em sua materialidade linguística, um *ser-estar-entre-línguas-culturas* na materialidade linguística do *corpus*, portanto, gostaríamos de pontuar que nesta pesquisa, o portunhol é concebido enquanto língua, sendo assim, enquanto eixo epistemológico de embasamento a esta afirmação, lançamos mão das contribuições de Eliana Sturza (2019a, 2019b), pesquisadora e professora titular da Universidade Federal de Santa Maria que, há muitos anos, se debruça sobre os estudos do portunhol nas regiões fronteiriças do Sul do Brasil, mais precisamente nas fronteiras do Brasil com o Uruguai e Argentina.

Em artigo que trata da dinâmica do portunhol na vida das comunidades fronteiriças do Brasil, mais especificamente na fronteira entre Brasil e Uruguai, Sturza (2019b) aponta que o portunhol surgiu como uma língua de contato, por se caracterizar enquanto uma língua familiar, assim, como uma prática comunicativa utilizada por falantes do português e do espanhol “para suas interações em diversas práticas sociais da vida cotidiana” (STURZA, 2019b, p. 97). Ao introduzir sua escrita sobre o tema, a autora ressalta que as línguas possuem um ponto em comum, que ela chama de componente de identificação na relação dos falantes com o território e com a cultura; de acordo com ela, “a língua estabelece um elo de pertença do sujeito ao seu espaço de vivência e convivência que, em se tratando das zonas de fronteira, tem suas especificidades” (STURZA, 2019b, p. 98).

Quando a autora começa a discorrer sobre o sentido identitário do portunhol enquanto língua de fronteira, na sua relação com os habitantes fronteiriços, ela se respalda, de modo parafrástico, nas ideias de Camblong⁵⁴, particularmente no que diz respeito ao modo de viver

⁵⁴ A obra citada pela autora é: Camblong, A. M. (2002). *Habitar la Frontera, un viaje perpetuo a lo paradójico*. In Congresso Latinoamericano de Educación Intercultural Bilingüe, 6 a 9 de agosto de 2002. Lima /Peru.

e habitar a fronteira. Assim, lançando mão destas ideias a autora discorre que os sujeitos fronteiriços “expressam seu sentimento de pertença em relação ao que é da ordem local, ou seja, uma zona comum que abarca um conjunto de traços diacríticos sobre os quais são construídos os vínculos de pertencimento”, assim o sentido identitário da língua em relação aos habitantes de comunidades de fronteira está intimamente imbricado aos diferentes modos “como os fronteiriços se reconhecem e como atuam politicamente” (STURZA, 2019b, p. 98). Nesse raciocínio, o reconhecimento desses habitantes partiria de uma determinada zona territorial, caracterizada, de acordo com ela, por esse lugar vertiginoso e incerto, algo do *nem lá nem cá*. Essa dinâmica de vida fronteiriça, de acordo com a pesquisadora, torna seus habitantes singulares, únicos, pois há, nesse processo, a construção de uma identidade fronteiriça.

Sturza (2019b), quando constrói o raciocínio de concepção do portunhol enquanto língua, o faz se respaldando em alguns aspectos: um é o fato de o portunhol ter se estabelecido nas regiões fronteiriças do Brasil⁵⁵ enquanto prática comunicativa, a partir do contato linguístico entre o português e o espanhol na América do Sul; e o outro é a existência de uma relação lógica, pois, se há uma prática comunicativa estabelecida e usada pelos fronteiriços, há, então, falantes de portunhol. Dessa maneira, a respeito do portunhol, a pesquisadora conclui que é uma língua que tem falantes:

O portunhol é uma prática linguística e comunicativa, que tomo aqui como língua considerando que há falantes e, cada vez mais, apresenta-se como um traço da construção identitária para seus falantes, em especial, no caso do portunhol uruguaio. É uma língua que, se não tem ainda um sistema linguístico regular e estável tem certamente um sistema interacional e comunicativo vigoroso, dado a eficácia que apresenta em determinadas práticas sociais: um anúncio em um estabelecimento comercial, a descrição de um lugar, uma sinalização ou instrução, um cardápio de restaurante, uma negociação de preços, um pedido de reserva de hotel, uma identificação pessoal, entre outras tantas práticas comunicativas que são realizáveis em portunhol e que dinamizam a vida na fronteira. (STURZA, 2019b, p. 100)

Podemos perceber a partir da citação supramencionada que a autora defende que o portunhol é uma língua, pois, apesar de não existir, até o momento, gramática e sistematização

⁵⁵ A pesquisa de Sturza (2019) se deu em cidades gêmeas, ou seja, cidades que se correspondem em relação às suas localizações nos limites territoriais e estão de um lado e de outro na fronteira; lugares correspondentes às regiões fronteiriças que fazem parte do chamado Arco Sul. As cidades gêmeas em questão são: Santana do Livramento-Rivera ou Uruguaiana - Paso de Los Libres.

próprias⁵⁶, assim, trata-se de uma prática linguística e comunicativa que possui seus próprios falantes, seus territórios (a fronteira Brasil-Uruguai e Brasil-Argentina), sua própria interação social e traços de construções identitárias.

Todas essas características sustentam, ainda que em um contexto um pouco diferente, a premissa de que as transcrições desta pesquisa se encontram também em portunhol, pois, lançando mão das ponderações de Sturza (2019a, 2019b) sobre o porquê do portunhol ser, consoante suas ideias e suas pesquisas, uma língua, também podemos argumentar que ele, nesta investigação, também nos é uma língua. Apesar de ainda não haver oficialmente o reconhecimento do portunhol enquanto língua, sustentamos essa ideia porque identificamos, a partir das transcrições e das narrativas, a ocorrência do portunhol enquanto prática linguística e comunicativa no Oeste catarinense.

A prática languageira em portunhol ocorre no município, pois a cidade de Chapecó possui grande número de imigrantes venezuelanos que ainda estão em fase de aprendizagem da língua portuguesa, mas que fazem uso da mistura da língua espanhola e da língua portuguesa para se comunicarem com os brasileiros e demais imigrantes. Dessa maneira, podemos dizer que, em Chapecó, o portunhol possui seus próprios falantes: os imigrantes venezuelanos que para o Oeste de Santa Catarina migraram. Acreditamos que ainda é muito cedo para afirmar que o portunhol nesta região vem se estabelecendo territorialmente do mesmo modo como se estabeleceu nas fronteiras Brasil-Uruguai e Brasil Argentina (Cf. STURZA, 2019b), pois o contexto e as formas de interação de cada caso é singular.

Acreditamos que, no que tange ao contexto desta dissertação, o Oeste de Santa Catarina, mais precisamente a cidade de Chapecó, a partir do fluxo de migrações, encontra-se em um *ser-estar-entre-líguas-culturas* que promove interações linguísticas em portunhol de maneira cada vez mais intensificada e recorrente. No que concerne ao uso do portunhol no contexto desta pesquisa, pontuamos que, como as entrevistas foram realizadas em português, mas com aprendizes venezuelanos que ainda estão em um estágio de aprendizagem básico e inicial dessa língua, as respostas produzidas nas narrativas, em seu fluxo linguístico próprio, se materializaram em portunhol, o que ficou evidenciado nos recortes das transcrições.

3.5 Nuances de portunhol

A partir das pesquisas desenvolvidas por Eliana Sturza (2019a, 2019b) podemos conceber o portunhol enquanto língua. Além disso, a partir desta afirmação, a autora também

⁵⁶ Gramática e sistematização *politicamente* reconhecidas.

traz questões relevantes no que diz respeito às diferentes formas de portunhol, nesse ínterim, a autora (STURZA, 2019a, 2019b) defende a existência de quatro tipos de variação dessa língua, a saber, o *portunhol uruguaio*, o *portunhol língua de fronteira*, o *portunhol interlíngua*, e o *portunhol selvagem*.

Sturza (2019) aponta que uma noção bem difundida no Brasil é a do *portunhol interlíngua*. Nas palavras da pesquisadora, essa nuance de portunhol diz respeito a um “sistema linguístico que se produz durante o processo de aprendizagem do espanhol por parte de aprendizes brasileiros (ou vice-versa)” sendo que a principal caracterização dessa interlíngua se dá pela sua especificidade enquanto um “fenômeno de contato linguístico que ocorre em situações de aprendizagem, em diferentes contextos e níveis de aprendizagem” (STURZA, 2019b, p. 104-105). No que tange à nuance *selvagem* do portunhol, a pesquisadora nos explica consoante ao Portunhol Selvagem/*Portunhol Salvaje* que

pode-se dizer que ele tem vitalidade na escrita literária e tem como componente uma outra língua, o guarani. Do mesmo modo que os demais, não tem uma estabilidade e/ou regularidade para fixação de uma gramática. Ele tem uma gramática inventada, servindo ao texto literário como recurso estético-linguístico. O uso na escrita tem suas inspirações na realidade, na vida pulsante da fronteira, e os temas abordados são costurados sobre um cenário fronteiriço no qual a língua exerce um papel protagonista, como materialização de um discurso de resistência, o que faz com que a fronteira não seja um cenário qualquer, mas também significado na língua (STURZA, 2019a, p. 112).

Portanto, pensar o *portunhol selvagem* suscita em reconhecer uma voz literária da fronteira que se faz simbolizar no entre-línguas do português, do espanhol e de línguas indígenas, como o guarani, por exemplo. Em diálogo com o cenário das nuances do portunhol, de acordo com a pesquisadora, o grande número de cidades gêmeas na faixa fronteiriça do Arco Sul “permite discutir e exemplificar situações de uso do portunhol uruguaio e o portunhol língua da fronteira como dois fenômenos linguísticos, resultado do contato entre falantes de português e de espanhol, que impulsionam as dinâmicas sociais, econômicas, políticas e culturais na/da fronteira” (STURZA, 2019b, p. 99). O *portunhol língua de fronteira*, consoante as informações fornecidas por Sturza (2019b) se dá por meio de uma dinâmica social de contato nas regiões fronteiriças do Arco Sul sendo que ele é possível graças a uma intercompreensão possibilitada pela similaridade entre a língua portuguesa e a língua espanhola. Para entender com mais profundidade a intercompreensão, a pesquisadora levanta algumas questões: a primeira diz respeito aos propósitos de

comunicação aos quais recorrem os falantes que os motivam a falar o portunhol e não o português ou o espanhol; a segunda diz respeito a questão da recorrência com que esses falantes se apoiam nas similaridades linguísticas entre as duas línguas no intuito de fomentar uma competência comunicativa, o que garante e promove um certo nível de intercompreensão. De acordo com Sturza (2019b), no portunhol língua de fronteira existe uma presença substancial de palavras e expressões da língua espanhola enquanto parte do léxico constituinte do conhecido português gaúcho de fronteira. A pesquisadora declara que no lado brasileiro “se incorporam ao português palavras sobretudo relativas à vida rural, à lida campeira, às tradições culturais”. Enquanto referencial linguístico que fomenta a presença desta língua, há a presença de documentos linguísticos desenvolvidos nas regiões fronteiriças, como por exemplo o *Dicionário Compartilhado de Língua de Fronteira*⁵⁷, que foi concebido por estudantes que frequentam as escolas do município de Itaqui, na fronteira do Brasil com a Argentina, sendo que, nesse dicionário “há um número considerável de léxicos do espanhol” (STURZA, 2019b, p. 109).

Ao abordar o *portunhol uruguaio*, a autora ressalta que este se trata de uma língua porquanto se constitui enquanto prática comunicativa e linguística dos falantes das cidades gêmeas, na fronteira do Brasil com o Uruguai. O portunhol uruguaio se apresenta enquanto um traço da construção identitária de seus falantes, pois apresenta um “sistema interacional e comunicativo vigoroso” devido à dinâmica que surge a partir das práticas sociais (STURZA, 2019b, p. 100). A título de exemplo de tais práticas, a autora traz informações sobre a existência de anúncios em estabelecimentos comerciais; descrições de lugares na região; sinalizações e instruções; cardápios disponibilizados pela maioria dos restaurantes; negociações e barganhas de preços e produtos; interações comunicativas em hotéis da região; identificações de ordem pessoal; e várias outras dinâmicas sociais que surgem a partir das práticas comunicativas estabelecidas especificamente na região fronteiriça Brasil-Uruguai. No que diz respeito ao portunhol uruguaio, Sturza (2019b) também aponta que este tem diferenças significativas em relação ao portunhol língua de fronteira, tais diferenças seriam, respectivamente

⁵⁷ A autora declara que este dicionário, lançado em 2015, possui dois volumes e que “foi elaborado por alunos das duas escolas do município de Itaqui, fronteira Brasil-Argentina, participantes do Programa Escolas Interculturais de Fronteira, antigo Projeto Escolas Interculturais Bilingues de Fronteira” (STURZA, 2019b, p. 109).

uma relação histórica, de herança com o português brasileiro; um sistema diglótico que contribui para a manutenção do *portuñol/fronterizo* como língua de casa, em disputa com o espanhol; um estigma que marca seus falantes frente o "status social" do português padrão e do espanhol, línguas de prestígio e, por último, o fato de que cada vez mais se constitui em uma língua étnica dos fronteiriços do norte uruguaio, portanto com vínculos identitários, que remetem a um lugar de pertença e a uma cultura fronteiriça (STURZA, 2019b, p. 102, grifos da autora)

Consoante as observações de Sturza (2019, p. 102), há no portunhol uruguaio uma relação com o ambiente familiar, uma relação com a herança cultural passada pelas gerações, além do fato de o portunhol ser uma língua falada por “uma população marginalizada por sua condição econômica, suas origens e seu fracasso escolar”. Por conta disso, ocorre, dessa maneira, um conflito linguístico “na disputa entre a língua do âmbito familiar e a língua nacional, a que a escola impõe como língua da alfabetização”, pois, de acordo com informações trazidas pela pesquisadora, existem estudos que apontam para o fato de haver sido criado um “estigma em relação ao falante de portunhol uruguaio, relacionando-o a pouca escolarização, à pobreza”, já que muitos falantes “vivem no campo ou são oriundos de zonas rurais e, hoje em dia, também nas periferias das cidades”, tudo isso faz com que esse falar misturado seja “visto como um mal falar” (STURZA, 2019b, p. 102).

3.6 Portunhol língua de fronteira *simbólica*

Não podemos negar a existência de uma significativa comunidade venezuelana no município de Chapecó: existem bairros específicos onde essas famílias se estabelecem, residem, e passam a desenvolver uma dinâmica específica no que diz respeito aos seus vínculos sociais, já que desenvolvimento de dinâmicas sociais é condição substancial para o estabelecimento do portunhol enquanto língua, conforme percebemos por meio das contribuições de Sturza (2019).

Em outros termos, os imigrantes venezuelanos, pelo que tudo indica a partir da entrevista, não falam o português em suas casas, a maioria mora com outros venezuelanos, da sua família ou não, ou seja, a língua falada em casa continua sendo o espanhol; existem venezuelanos que já possuem comércio na cidade, por exemplo, foodtrucks, onde empanadas venezuelanas ou outras comidas típicas da região são vendidas para uma clientela majoritariamente venezuelana, ou seja, podemos observar a interação em espanhol acontecendo a todo momento pela cidade de Chapecó.

Nesta pesquisa, abordamos o portunhol enquanto língua de fronteira, uma fronteira simbólica, ou seja, da ordem do campo das representações, em outros termos, uma fronteira que se estabelece por meio de um *ser-estar-entre-línguas-culturas*, pois estamos analisando narrativas de sujeitos que se encontram não apenas em uma travessia migratória geográfica, mas uma travessia simbólica e que traz para o sujeito novas relações com lugares outros. Acreditamos que é a partir dessa relação com o outro, simbolizada via discurso, que podemos perceber a existência de uma fronteira simbólica que continua a atravessar o sujeito imigrante venezuelano no Oeste de Santa Catarina.

Portanto, não há uma fronteira geográfica no município de Chapecó, mas há uma fronteira simbólica⁵⁸. Para Eliana Sturza, uma das principais características do portunhol língua de fronteira é o fato de ser um fenômeno linguístico “resultado do contato entre falantes de português e de espanhol, que impulsionam as dinâmicas sociais, econômicas, políticas e culturais na/da fronteira” (STURZA, 2019b, p. 99). Sabemos que o município de Chapecó não é uma cidade localizada exatamente na fronteira entre Santa Catarina e a Argentina, apesar de o município se encontrar geograficamente relativamente próximo a este país sulamericano, entretanto há uma fronteira simbólica em movimento na cidade, o que nos leva a levar em conta que o portunhol falado pelos sujeitos venezuelanos participantes desta pesquisa, assim como pela comunidade venezuelana em desenvolvimento em Chapecó, seja abordado enquanto portunhol língua de fronteira, mas uma fronteira simbólica. Portanto, a partir deste ponto, nos cabe explorar as representações sobre língua(s) e/ou sobre si nas narrativas de alguns sujeitos imigrantes venezuelanos, e como essas representações se relacionam os processos identificatórios dos participantes.

3.6.1 Marcadores de *rebeldia*

Sabemos, conforme nos aponta Orlandi (2005) que o intradiscurso (des)vela o relacionamento do sujeito com suas próprias elaborações juntamente com tudo mais que, na presença de determinadas CP, vem a ser enunciado em momentos específicos. Após dissertar sobre as nuances do portunhol, de defendermos o aspecto *estar-entre* de sua materialidade linguística, nos parece apropriado discorrer um pouco mais sobre como o intradiscurso é formulado e elaborado pelos SIV a partir de marcadores que evidenciam, nesse *ser-estar-entre-línguas-culturas*, a construção de enunciados por meio de elementos

⁵⁸ Conforme apontamos no decorrer do capítulo teórico desta investigação, o campo simbólico (ROUDINESCO e PLON, 1998) possui relação essencial com a noção de representações (CORACINI, 2015).

linguísticos, sempre em espanhol, que num primeiro momento podem apontar para uma certa resistência à língua outra, no caso a portuguesa, mas que possuem papel substancial na constituição do portunhol. São elementos que podem ser vistos, a princípio, enquanto *rebeldes* (Cf. KO FREITAG, 2009, grifo nosso) na formulação do intradiscurso, porquanto remetem o sujeito à sua LM ao falarem na LE, mas que, contrariamente, evidenciam a singularidade das estruturas frasais típicas do Portunhol, sendo assim, estamos nos referindo aos marcadores discursivos.

Conforme nos diz Ko Freitag (2009), quando analisamos “contextos de interação, encontramos vários elementos linguísticos que não se comportam conforme a gramática normativa prescreve”, por conta disso, “a esses elementos linguísticos “rebeldes”, que têm cara de uma coisa e funcionam como outra, diferentes propostas de tratamento já foram apresentadas”, considerando-se que já foram, inclusive, “considerados como elementos extrafrasais, do discurso ou da gramática” (KO FREITAG, 2009, p. 1, grifo da autora). A pesquisadora ainda pontua que, no que tange a esses elementos linguísticos, não há conformidade na literatura a respeito da “designação e da definição da categoria, que tem sido rotulada como *marcadores discursivos*, *marcadores conversacionais*, *operadores argumentativos*, *articuladores textuais*, entre outros”, além do mais, no que diz respeito ao preconceito sofrido por esses elementos, a autora também destaca que não obstante “tantos estudos sistematizando seu comportamento, a categoria ainda é estigmatizada e associada a *vícios de linguagem* ou *cacoetes linguísticos*, possivelmente porque não é prevista na gramática normativa” (KO FREITAG, 2009, p. 1-2, grifos da autora).

Identificamos nas transcrições, a existência de marcadores discursivos na formulação do intradiscurso dos participantes da pesquisa. Todavia, não nos cabe nesta investigação, fazer uma análise de base pragmática dos tipos de marcadores encontrados, pois o objetivo desta pesquisa se respalda na identificação das representações sobre língua(s) e sobre si nas narrativas dos imigrantes venezuelanos, e como as representações atuam nos processos identificatórios desses sujeitos. Dessa forma, procuramos observar como esses marcadores organizam o fio discursivo dos participantes SIV-6 e SIV-2 a partir da materialidade linguística concebida enquanto portunhol. Observemos, então, a primeira construção enunciativa que nos leva à primeira SD desta investigação.

no seu dia a dia em Chapecó você fala português... e você também fala espanhol... (SE / RES 05)

[

sim... (SIV-6 / RES 05)

você convive com pessoas que falam a sua língua... e outras pessoas que não falam sua língua... você poderia contar um pouco sobre essa experiência? (SE / RES 05)

... meu dia a dia eu falo mais espanhol... porque: : : eu no: : so: : essa persona que fala MUITO MUITO MUITO con la gente... eu: :... FALO SI FALAN CON EU ((risos))... mas... eu no falo muito... só quando falam con eu... co/quan.: yo/preciso falar... (SIV-6 / RES 05)

cê pode falar um pouquinho mais sobre isso? (SE / RES 05)

SD1: *((risos))... ((risos))... BUENO QUE: :... quando a dienti di aqui eles falam con eu... eu re/respondo... mas quando eles NO FALAN eu NO FALO A LENGUA DE AQUI... mas eu entiendo mais... (SIV-6 / RES 05).*

alguma coisa mudou na sua opinião sobre a língua portuguesa desde quando você saiu da Venezuela até aqui? (SE / RES 06)

SD1: *uhm... bueno... eu ... (SIV-6 / RES 06)*

[

SE: *entendeu a pergunta?*

[

SIV-6: *sim... eh: : EU ENTIENDO MAIS ...*

fala um pouco... da sua trajetória da Venezuela até o Brasil... (SE / RES 01)

SD2: *ah... como foi o trajeto para chegar acá? (SIV-4 / RES 01)*

SE... *sim... você pode falar como foi o processo de decidir vir pra cá... por quê... como que você decidiu vir... como que você veio...*

SD2: *ahm... bueno... no: :... meu marido e eu chegamo: : decidimo bir para ca porque temo un conocido ca em Chapecó... ele tem media: : un ano aca.. e el nos falo que aca havia mui/muito trabalho... e decidimo sair de Venezuela o dizotio de diunio de dos mil beinte uno (*

) un anho aca... mia filha que taba no Peru... ela... compro passarre e nos crussamo a frontera de Venezuela y Brassil estava FETIADA... no habia passo... ah: : crussamo por trotia... ILEGAL... e tiegamo para ca... para Chapecó... (SIV-4 / RES 01)

A importância dos marcadores discursivos na estruturação do intradiscorso de SIV-4 e SIV-6 precisam ser debatidos a partir da leitura de um fluxo maior e mais elaborado das duas SD acima, mas por que recortes tão grandes para falar de apenas um marcador, *bueno*? A primeira coisa que se percebe é que este marcador não surge na formulação do intradiscorso dos sujeitos imediatamente após o estabelecimento das provocações RES 06, no que diz respeito a SD referente a SIV-6, nem prontamente depois da provocação RES 01, na SD de SIV-4.

Na primeira SD há uma superposição de vozes entre o SE e SIV-6, tal ocorrência reflete uma tentativa de negociação de sentidos, uma situação que estabelece a busca pela compreensão do enunciado, pois tentativa do SE de possibilitar a elucidação de RES 06, pelo enunciado *entendeu a pergunta?*, se dá em meio ao longo silêncio estabelecido no início da SD e se manifesta a partir do marcador discursivo *bueno*, que lança uma outra provocação ao SE, estabelecida por uma *falta*, uma ausência de sentido, algo que não se fecha e busca por direcionamento. A falta de sentido é um não entendimento, ou é um não querer dizer? Os *((risos))... ((risos))...* durante a entrevista realizada com SIV-6 foram muito recorrentes e surgem entre pausas longas, os risos também apontavam para uma resistência em narrar sobre a trajetória migratória e a relação com a LE, a língua portuguesa.

Na segunda SD, não da mesma forma como ocorreu com SIV-6, mas de maneira similar, também foi necessária uma intervenção adicional no processo de compreensão da provocação, intervenção feita por SIV-4, pois, o pedido de confirmação, pela busca da completude de sentidos, vem antes do marcador discursivo e se manifesta por meio da pergunta, *ah... como foi o trajeto para diegar acá?*. Entretanto, após a explicação e modalização da pergunta por SE, *sim... cê pode falar como foi o processo de decidir vir pra cá... por quê... como que você decidiu vir... como que você veio*, surge na SD o enunciado com o marcador discursivo, *ahm... bueno... no: :...* , que entre silêncios, marcados pelas elipses, e *entre-línguas*, desemboca na negação, na interdição, na recusa, na resistência de se falar sobre a trajetória e a travessia migratória, uma negação marcada pelo *no: :....*

Quando Raquel Ko Freitag (2009) nos introduz aos marcadores discursivos podemos observar, dentre outras questões, o uso do significante *rebeldia*; estes, são tão rebeldes que são considerados palavras sem importância nas interações, já que em tais contextos, conforme

pontuado pela autora, os marcadores discursivos são “elementos linguísticos que *não se comportam* conforme a gramática normativa prescreve”, sendo, portanto, rotulados enquanto elementos linguísticos rebeldes (FREITAG, 2009, p. 1-2, grifos nossos). Na busca do SE pela narrativa de SIV-4 sobre sua travessia migratória, não há, a princípio, uma vontade ou um desejo por parte de SIV-4 de retornar, simbolicamente, àquela parte inicial da sua trajetória migratória. O marcador surge no intradiscurso entre silenciamentos e instaura uma interdição no campo simbólico a partir da negação que pede mais um momento de silêncio, pois há elipses logo após o não, para então se instaurar a narrativa.

3.6.2 Parecenças

Quando afirmamos, a partir da análise do *corpus*, a existência do portunhol enquanto estruturante das narrativas dos participantes, percebemos, uma materialidade linguística que expõe, em várias facetas de sua construção linguística e simbólica, uma língua(gem) singular, uma forma peculiar do sujeito no *entre-línguas* do português e do espanhol se fazer simbolizar. Uma materialidade linguística, portanto, possibilitada a partir de práticas languageiras, ou seja, pela interação comunicativa constante entre os imigrantes venezuelanos com os demais habitantes de Chapecó (brasileiros ou não), que tomou conta desta investigação a partir das transcrições das narrativas dos participantes. Nas SD que se seguem, observamos a existência de um *já dito*, de uma memória, que permeia a relação de semelhança entre as línguas portuguesa e espanhola.

e:: como foram as primeiras experiências ao tentar se comunicar no Brasil? (SE / RES 02)

SD3: *ah::... muito muito:: DIFÍCIL porque geralmente nós não falamos a língua portuguesa e atraves de telefone con tradutor e:: haciendo asi mímica para hotel alguna cosa productos iso... eh:: porque algunas cosa muda de nome... enton:: é un poco difícil no falar a língua portuguesa... (SIV-5 / RES 02)*

e: : hoje... como você se sente... quando você fala português... (SE / RES 04)

SD4: *si () to um poco mas segura ma::s eh:: desde agora que estamos fazendo o CURSO é muito diferente quando:: está fazendo por internet que:: algo direito falando e:: se tam*

fazendo las correcciones enquanto a berbo... conjugação... de:: de las falas del português... (SIV-4 / RES 04)

No seu dia a dia em Chapecó... você fala português... e você fala espanhol... você convive com pessoas que falam a sua língua que é o espanhol e com outras que não a falam... você poderia contar um pouco sobre esta experiência? (SE / RES 05)

SD5: ... *eh::... eu::... trabalho em um frigorífico... alá trabalho com muita persona que son brasileiro... e:: eles preguntam pra mi... falando em português... eu falo pra eles e eles quierem também indagar sobre... este::... aprender a falar espanhol...((risos)) e:: intercambiamos mu::itas palabras... ((risos)) (SIV-4 / RES 05)*

A partir de um gesto interpretativo que lança mão do conceito de formação imaginária, como base de sua sustentação teórica, vimos, por meio desta SD, expor nossa interpretação de que a partir do grifo, *algumas cosa muda de nome* (algumas coisas mudam de nome), confirmamos uma regularidade no que diz respeito ao imaginário e ao já-dito que circula sobre as línguas portuguesa e espanhola. Esse imaginário coletivo traz via discurso o consenso de que o português e o espanhol são línguas muito similares. Quando nos referimos a um imaginário coletivo, procuramos nos embasar no conceito discursivo sobre a formação imaginária:

[a] partir do conceito laciano de imaginário, Pêcheux (1975) define que as formações imaginárias sempre resultam de processos discursivos anteriores. As formações imaginárias manifestam-se, no processo discursivo, através da antecipação, das relações de força e de sentido. Na antecipação, o emissor projeta uma representação imaginária do receptor e, a partir dela, estabelece suas estratégias discursivas. O lugar de onde fala o sujeito determina as relações de força no discurso, enquanto as relações de sentido pressupõem que não há discurso que não se relacione com outros. (BRESSAN, 2020, p. 125)

Dessa maneira, no que tange a essa questão, Pêcheux ([1969] 1993) declara que “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”⁵⁹ (PÊCHEUX, [1969] 2014, p. 83). Sendo assim, antes de nos referirmos a interlocutores em um determinado espaço de comunicação precisamos tocar a questão que perpassa pela noção de sujeito do discurso. Este sujeito, nas palavras de Mariele

⁵⁹ A e B são os interlocutores.

Bressan, “nada tem a ver com a entidade de carne e osso dotada de intenções” ou “dona de sua morada” (BRESSAN, 2020, p. 126). A partir dessas considerações, ainda em concordância com a autora e com os embasamentos do fundador da AD, tem-se que “todo processo discursivo supõe a existência de formações imaginárias, entendidas como regras de projeção existentes nos mecanismos de qualquer formação social”, a partir dessas regras de projeção, podemos estabelecer “as relações entre as *situações* (objetivamente definíveis) e as *posições* (representações dessas situações)” (BRESSAN, 2020, p. 126).

No que diz respeito ao imaginário que circula sobre o que vem ou não a ser similar entre a língua portuguesa e a língua espanhola, precisamos salientar que, por trabalharmos com o discurso, a perspectiva sobre a língua, assim como sobre tudo mais que a ela diz respeito, não dá espaço para conceitos fechados e categóricos. Isso ocorre porquanto partimos da noção de discurso que pressupõe, a partir de seu próprio significante, um curso de efeitos de sentido no trabalho com a linguagem, ou seja, trabalhar com o discurso é, antes de mais nada, aceitar o movimento constitutivo da língua(gem).

A SD acima se deu a partir da provocação RES 02 - *Como foram as primeiras experiências ao tentar se comunicar no Brasil?* - que nos proporcionou uma narrativa que traz em seu fio discursivo representações sobre língua(s), neste caso sobre a língua portuguesa e sobre a língua espanhola. As representações evidenciam uma comparação das estruturas semânticas de cada uma das línguas em questão, onde percebemos a regularidade de que (apenas) algumas coisas mudam de nome. Em outros termos, de acordo com SIV-5, apesar da experiência comunicativa no Brasil ser *muito, muito difícil* as línguas são bem parecidas, pois apenas *algumas coisas mudam de nome*. Podemos reconhecer, a partir do gesto de interpretação, a contradição inerente a essa narrativa sobre língua(s) produzida por esse sujeito do discurso e do inconsciente: sujeito clivado que produz efeitos contraditórios na linguagem a partir de suas representações sobre sua experiência comunicativa no Brasil e sobre as línguas espanhola e portuguesa.

Quais são as posições-sujeito assumidas por SIV-5 nesta SD? Podemos identificar no enunciado do imigrante cuja LM é diferente da LE através dos efeitos de sentido produzidos pelo grifo inicial da SD, *muito, muito difícil*, assim como também podemos identificar as representações sobre língua espanhola e portuguesa, que evocam sentidos de que elas não são tão diferentes assim, já que apenas *algumas coisas mudam*, portanto, se não é algo tão diferente, não é tão difícil. Contudo, se não fosse tão difícil, não seria muito, muito, difícil, ou seja o processo identificatório que constitui a narrativa aponta para uma contradição constituinte do campo simbólico quando este toca a regularidade pareçença.

O discurso sobre a similaridade das línguas também se faz resistir no sujeito aprendiz brasileiro de língua espanhola como LE, da mesma forma que se repete nos dizeres do sujeito aprendiz venezuelano de língua portuguesa como língua estrangeira. Trata-se da existência de um imaginário coletivo que reverbera no intradiscurso pelo interdiscurso, ou seja, uma narrativa compartilhada e reproduzida por grande parte dos sul americanos de que a língua espanhola e portuguesa são tão parecidas que apenas *algumas palavras mudam*. Esse contexto também dá espaço para muitos dizeres⁶⁰ já que o imaginário coletivo sobre a similaridade das línguas é tão forte que seus efeitos de sentido se deslocam de uma simples mistura linguística para existência de uma língua própria, conforme percebemos na SD seguinte:

Como você se sente ao falar português? (SE / RES 04)

SD6: ... agora... eh::... sinto un poco melhor una vez que inicie el curso aqui porque () quando nois tamo na rua... falamo com a/coas pessoas... eh... **acá tem diferentes eh... forma de falar... porque son de diferentes estado... eh... mas quando nós estudamos a gramática corretamente tratamos de falar menos portunhol... e falar melhor eh... eh... o português para se ter a mismos condições que ... o brasileiros geralmente ao falar mesmo idioma...** (SIV-5 / RES 04)

A importância da gramática enquanto ferramenta normativa e instrumento de política linguística, principalmente para se manter a língua nacional e oficial é tão forte no intradiscurso que ela se manifesta nos enunciados já lançando mão de significantes cujos efeitos de sentido determinam o que vem a ser, efetivamente. Assim, *falar melhor*, é saber a gramática, mas aquela politicamente instituída por meio de manuais e livros normativos; reforçada nas aulas de LM e LE; cobrada via cursos de formação. Afinal de contas, sem estudar uma língua a partir de sua gramática, o que se fala é uma língua menor, errada, sem prestígio, e para evitar este tipo de falar, nas palavras de SIV-5, *estudamos a gramática corretamente*, em outros termos, *tratamos de falar menos portunhol*. Ocorre, portanto, na SD, a depreciação do portunhol, pois – mesmo sendo uma língua que simboliza o *estar-entre* do sujeito que se encontra em uma fronteira simbólica, devido a sua própria travessia migratória

⁶⁰ Quem nunca ouviu ou participou de situações enunciativas da ordem de “A: *você fala espanhol? B: espanhol, não, mas portunhol, sim!*”?

e linguística, língua falada pelos imigrantes venezuelanos em Chapecó⁶¹ nas mais diversas situações de comunicação – não é a língua do outro, a língua nacional, falada por meio do domínio dos seus critérios gramaticais, politicamente estabelecidos. A esse respeito, Ghiraldelo (2003) menciona que autores⁶² de áreas como história, sociologia, economia denominam

língua nacional a língua fixada por um governo para ser a língua utilizada pelo Estado, para estabelecimento de leis, e, conseqüentemente, a língua ensinada nas escolas. A língua promovida a oficial poderá ser a falada pela maioria da população que vive num determinado território; ou a falada por uma minoria de maior prestígio social, ou econômico, ou ainda cultural – ou todos eles juntos; ou ainda uma língua construída a partir dos vários dialetos falados num dado território (GHIRALDELO, 2003, p. 58-59).

Ao narrar sobre a língua do outro, o sujeito narra sobre si, à vista disso, conforme aponta Coracini (2015), as imagens de si e do outro, quando simbolizadas, constituem representações que apontam para efeitos de sentido que atravessam o sujeito em seus processos identificatórios. A SD que expõe o discurso de SIV-5 traz representações sobre o que é, ou deve⁶³ ser, uma língua e como se deve falá-la no que tange à construção discursiva da narrativa de SIV-5. Dessarte, percebemos, a partir da SD, que uma língua deve ser, portanto, dotada de normas específicas, que também devem ser compartilhadas por um país e por seu povo. Por conseguinte, se não sabemos ou *dominamos* essas normas⁶⁴, ao tentar falar a língua, cometemos erros, pois estaríamos lançando mão de uma linguagem e não uma língua. Ao falarmosportunhol, portanto, ao materializarmos linguisticamente uma estrutura que não é

⁶¹ E muito provavelmente falada pela maioria das comunidades venezuelanas (além das demais comunidades latinas) que se estabelecem em vários outros países, já que a migração forçada experienciada por todas essas pessoas já possui o *status*, o reconhecimento, de *crise humanitária*. Sem falar das cidades nas fronteiras do Rio Grande do Sul com o Uruguai e a Argentina, onde, com base nas contribuições de Sturza (2004, 2019), oportunhol é amplamente utilizado.

⁶² Quando se refere a esses autores, a pesquisadora está se referindo, dentre outros, a E. Renan (1990), “*What’s a nation?*” in Bhaba (org.), “*Nation and narration*”, E. Morin (1987), “*Formation et composantes du sentiment national*”, e E. J. Hobsbawm (1990), “*Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*”.

⁶³ *deve*, pois é um significante efeito de uma relação normativa que determina como algo *deve* ser.

⁶⁴ Não estaria a relação de dominação estabelecida por uma lógica contrária, já que é a norma que busca dominar? Acreditamos que não dominamos a língua(gem) pois é por ela que o sujeito se assujeita e se (re)constitui. Cf. Pêcheux (2006, 2009, 2017), Orlandi (1984, 2005, 2020) e Coracini (1997, 2003a, 2003b, 2013).

*nem uma língua nem outra*⁶⁵, nesse nem lá nem cá, ou seja, ao estarmos conscientes, por meio do uso doportunhol, que os enunciados passam por um *estar-entre* simbólico⁶⁶, não estamos nos fazendo dizer por meio de uma língua pura, fechada em uma unicidade singular, visto que, é por meio destas características que o sujeito (acredita que) tem o aval e o reconhecimento do outro sobre a sua proficiência linguística.

As representações sobre língua(s) na narrativa de SIV-5 passam portanto pelo discurso do poder, da política linguística, do papel da nação e da língua nacional, por meio da atuação do Estado Nacional e seu povo. Em outros termos, é o cidadão nativo do país estrangeiro, o outro que ‘domina’ a língua-alvo, assim como as normas linguísticas, institucionalizadas, e específicas desse país, que determinam o que pertence ou não a língua; que determinam o que vem ou não a ser uma língua.

O objetivo do sujeito, materializado no intradiscurso, diz respeito ao seu desejo. Deprendemos, a partir do enunciado *falar melhor eh... eh... o português para se ter a mesmos condições que ... o brasileiros geralmente ao falar mesmo idioma* que SIV-5 ao simbolizar o que quer, simboliza o querer do outro, já que este trecho também aponta para indagações do tipo: que condições querem ter os brasileiros? Em outros termos, também podemos vislumbrar o desejo de se tornar o outro, SIV-5 quer falar da mesma forma que os brasileiros falam, para ter as mesmas condições que têm os brasileiros, para experienciar as mesmas oportunidades e ter a mesma vida, ou seja, falar bem (o português) é se tornar brasileiro, é pertencer ao Brasil inteiramente já que a língua desejada é aquela que se iguala ao falar do brasileiro: para se falar bem o português é preciso falar igual ao brasileiro. A questão da similaridade entre as línguas pode também ser um obstáculo para o sujeito, a partir da próxima SD conseguimos levantar análises que justificam essa afirmação, sendo assim, seguimos para o próximo conjunto de sequências.

como você se sen::te ao falar portugues::? (SE / RES 04)

SD7: *bueno... EU ME SINTO BECES MAL... porque:: eu:: reconhosco que:: hai en benezuela aquel pala::bras... que en benezue::la en la parte academica eu... eu corrirria*

⁶⁵ Mas é também todas elas ao mesmo tempo, como o encontro dos ventos que suscita no redemunho roseano. Cf. epígrafe deste capítulo.

⁶⁶ O *estar-entre*, conforme Coracini (2013), é constitutivo do sujeito nas instâncias simbólica e discursiva, já que o sujeito é cindido e clivado, tendo a ilusão de que é dono de seu dizer. Entretanto, o sujeito não tem consciência disso, pois se encontra assujeitado pelas formações discursivas e pela ideologia, conforme Pêcheux (2006, 2009, 2014).

mucho a mis alumnos... EU COLOCABA EU/DIO/EU SEN::TO UM REMORDIMEN::TO COM MIS ALUNOS... porque io colocaba essa palavra () a ser uma folha completa... y aqui eu me siento assi as beces como que ((participante faz um gesto com o rosto de dúvida e emite um som de frustração))... MAL... PORQUE TENGO QUE ABLAR:: FALAR:: DESSA FORMA y dio adió le falava “NO::”...

porque ele falava POM ((participante se refere ao verbo ‘pôr’ em português e ‘poner’ em espanhol)) y nosotros falamos COLO::CA... eu falava “POM SON LAS GALI::NAS QUE PONE OVO EN:: EL GADINE::RO”... “PROFESSOR” ((participante imitando a reação dos alunos, aparentemente relutantes em usar o verbo ‘colocar’ ao invés do verbo ‘pôr’)) y dio “NO::... ES COLO::CA... LA PIPE::TA... COLO::CA LA ()... COLO::CA LA EH::... LA DIERIN::GA ()”... ele co/no “PON LA DIERINGA PON LA PIPETA” “NO:: ESTÁ MAL... BOCÊ TIENE QUE FALAR... BOCÊ BAI COLOCAR LA PIPE::TA LA DIERIN::GA EL... EL TUBO DE ENSAIO... TODO ESSO AÍ EM LA MESA”...

y a beces eu colocaba “BAMO HACER HOJE UNA CALIGRAFIA... DE UNA FOLHA... BOCÊ TIENE QUE FALAR BO::M... TIENE QUE ESCRIBIRLO BO::M... ES CO::... LO::... CA” y quando EU TENHO QUE FALAR DESSA FORMA... eu siento assi como::... un remordimiento que io ai... como io FALE:: COM MI FIMIS ALU::NO... (SIV-3 / RES 04)

A pergunta enunciada por SE a partir da provocação RES 04, *como você se sen::te ao falar portugues::?*, interpela SIV-3 a narrar sobre sua experiência com a língua portuguesa. Entretanto, toda a narrativa expõe representações sobre língua(s) e sobre si, assim como também expõe, alicerçado nas representações, os processos identificatórios de SIV-3.

No primeiro recorte da SD, a transcrição do enunciado em caixa-alta marca uma narrativa enfática, uma força vocálica maior dada às sentenças pela participante ao narrar sobre sua experiência com a língua portuguesa em comparação à língua espanhola. Interessante perceber que ao iniciar o enunciado, a palavra que não se encontra em caixa-alta é justamente um *marcador discursivo conversacional de preenchimento*⁶⁷, **bueno**, ou seja, para dar conta de preencher seu raciocínio, o enunciado se instaura a partir de uma palavra em espanhol, que sai suave e tranquila, pois a ênfase vocálica se manifesta a partir da tentativa de

⁶⁷ Em espanhol, *marcadores conversacionales de relleno: ya, si, bueno, bien, eh...*

se expressar em língua portuguesa e também pela declarativa que aponta para o sentir que se constitui em SIV-3 ao falar português, ***EU ME SINTO BECES MAL***....

O sentir-se mal se justifica no enunciado seguinte, ***porque:: eu:: reconhosco que:: hai en benezuela aquel pala::bras... que en benezue::la en la parte academica eu... eu corrirria mucho a mis alumnos...*** , em outros termos, porque há uma resistência à língua do outro, no caso, à língua portuguesa, já que, em espanhol, o sujeito se sente dono, proprietário de sua língua⁶⁸ a ponto de se posicionar enquanto moderadora e corretora da linguagem de seus alunos: ***“NO::... ES COLO::CA... LA PIPE::TA... COLO::CA LA ()... COLO::CA LA EH::... LA DIERIN::GA ()”... ele co/no “PON LA DIERINGA PON LA PIPETA” “NO:: ESTÁ MAL... BOCÊ TIENE QUE FALAR... BOCÊ BAI COLOCAR LA PIPE::TA LA DIERIN::GA EL... EL TUBO DE ENSAIO... TODO ESSO AÍ EM LA MESA”***.

Torna-se pertinente, neste ponto, pontuarmos que a subjetividade para Pêcheux ([1975] 2009) não se centra no indivíduo plenamente consciente de suas motivações e propósitos, a esse respeito, Indursky (2008) declara que o fundador da AD convoca “um sujeito que não está na origem do dizer, pois é duplamente afetado”. Portanto, o sujeito é atravessado social e pessoalmente, sua psiquê é afetada pelo seu inconsciente que também se manifesta via linguagem, ou seja, via discurso” (INDURSKY, 2008, p. 10-11) . Assim, a natureza da subjetividade pecheutiana é não-subjetiva, pois o sujeito é dotado de inconsciente e, em sua constituição social, o sujeito é interpelado pela ideologia. É a partir desse laço entre inconsciente e ideologia que o sujeito da AD se constitui sendo que é sob o efeito desta articulação que o sujeito da AD produz seu discurso.

Dessa forma, na SD, há um deslocamento desta posição quando o sujeito passa a ser o alvo da correção, que agora ocorre na língua outra, mudança esta que lhe causa *remordimiento*, ou seja, remorso, como podemos observar quando SIV-3 diz que ***EU COLOCABA EU/DIO/EU SEN::TO UM REMORDIMEN::TO COM MIS ALUNOS***. O truncamento na transcrição deste enunciado aponta para um possível lapso relativo ao sujeito que sente, tanto no que diz respeito ao sujeito do discurso quanto ao sujeito da sentença: quem sente remorso? *Eu* ou *yo*? De quem é a voz que agora sente remorso? Esta é a voz da imigrante em aprendizagem da LE, *eu*, ou a voz da cidadã venezuelana professora, *yo*? Qual é o sujeito que agora tem o sentimento de remorso? É a voz do sujeito que acredita ser dono do seu dizer: o sujeito cindido, o sujeito clivado, *eu* e *yo*, pois a voz é do sujeito que se constitui no espaço do *entre-línguas*; e também é a voz dos sujeitos sentenciais: *yo*, que nos remete à

⁶⁸ Esta representação em torno da *relação de posse* com a(s) língua(s) será abordada com mais aprofundamento no capítulo seguinte.

professora venezuelana, assim como *eu* nos desloca até a imigrante aprendendo o português – são diferentes posições-sujeito (des)ocupando o mesmo lugar ao mesmo tempo que ocupam um lugar outro, em uma língua estranha, conforme nos declara Coracini (2003) ao ressaltar a partir das contribuições de Melman (1992) que a

língua estrangeira é a língua “estranha”, a língua do estranho, do outro. Tal estranhamento tanto pode provocar medo como uma forte atração. No primeiro caso, é o medo da despersonalização que sua aprendizagem implica (Melman, op. cit., p. 33), medo do estranho, do desconhecido, medo do deslocamento ou das mudanças que poderão advir da aprendizagem de uma outra língua. O medo pode, em circunstâncias particulares, bloquear a aprendizagem, impondo uma barreira ao encontro com o outro, dificultando e, por vezes, impedindo uma aprendizagem eficaz e prazerosa (CORACINI, 2003, p. 149).

Esse lugar outro, que passa pela língua outra, na narrativa de SIV-3, é justamente o lugar do estranhamento que causa o *remordimiento*, o remorso, o mal-estar, é o lugar da língua estranha, da língua do outro, que até determinado momento, não deveria ser tão estranha assim, já que o já-dito sobre as línguas em questão apontam para semelhanças, apontam para línguas irmãs. Assim dizendo, se na Venezuela SIV-3 corrigia seus alunos dizendo que o verbo correto, nas circunstâncias determinadas pelo contexto da narrativa da SD, é *colocar* e não *poner*, e ao levarmos em conta que esses verbos em português são praticamente representados pelas mesmas palavras, *colocar* e *pôr*; tem-se, então, abertura para crer que este tipo de uso do verbo *pôr*; ao invés de *colocar*, na língua portuguesa, também deveria passar pelas mesmas correções e advertências, conforme percebemos no enunciado: ***porque io colocaba essa palabra () a ser una folha completa... y aqui eu me siento assi as beces como que ((participante faz um gesto com o rosto de dúvida e emite um som de frustração))... MAL... PORQUE TENGO QUE ABLAR:: FALAR:: DESSA FORMA y dio adió le fulava “NO::”***.

A negação imposta lá, na Venezuela, passa a ser uma outra negação no Brasil, negação imposta pela língua do outro, pela língua estrangeira, pois, no Brasil não se fala como na Venezuela: ***y nosostro falamo COLO::CA... eu fulava “POM SON LAS GALI::NAS QUE PONE OVO EN:: EL GADINE::RO”***. Pelos gestos de interpretação, percebemos por meio das narrativas da SD que há algo não muito fácil de ser incorporado pelo discurso de SIV-3, principalmente em se tratando de palavras e línguas praticamente

iguais, construções que se mostram pelo já-dito sobre o português e o espanhol. O discurso oriundo da posição de professora, que muitas vezes não é apenas uma professora.

No que tange a essa FD, podem ser percebidos, a partir da SD, discursos que apontam para efeitos de sentido da ordem da língua e do uso formal da língua, discurso também presente no ensino da LM no Brasil, onde o falar bem é usar os verbos formalmente (uns em detrimento de outros) e não da forma como todo mundo os usa, pois se é uma linguagem usada por tudo mundo, não é uma linguagem das mais apropriadas. Além disso, ser uma professora, principalmente da educação infantil, traz algo da ordem da maternagem no discurso sobre essa profissão, ao ponto das professoras e dos professores falarem a seus alunos da mesma forma como falam a seus filhos. Tanto a questão da formalidade ao falar, quanto a questão do discurso da professora/mãe, questões presentes na exterioridade da língua, que se fazem resistir no interdiscurso, também se formulam no intradiscurso de SIV-3, conforme percebemos no lapso que ocorre no fim do seguinte enunciado: ***BOCÊ TIENE QUE FALAR BO::M... TIENE QUE ESCRIBIRLO BO::M... ES CO::... LO::... CA” y quando EU TENHO QUE FALAR DESSA FORMA... eu siento assi como::... un remordimiento que io ai... como io FALE:: COM MI FIMIS ALU::NO.***

A partir das SD expostas neste capítulo, identificamos duas regularidades que apontam para um *redemunho* linguístico que se manifesta pela língua portunhol. Primeiramente, esta língua foi apresentada em suas quatro nuances principais conforme desenvolvidas por Eliana Sturza, o que nos mostra que muito ainda há para ser pesquisado sobre o portunhol, pois ele existe e se manifesta a todo momento nas falas e dizeres constituídos por um estar-entre. O portunhol, no que diz respeito a esta pesquisa não se encontra somente materializado nas SD deste capítulo, ele está presente em todas as SD e ocorre se manifesta enquanto língua de fronteira simbólica, já que além das fronteiras geográficas também há o espaço no dizer que via representações que apontam para uma relação de resistência e estranhamento à língua outro, identificada na regularidade *rebeldia* por meio do marcador discursivo *bueno* enquanto o sujeito acredita ter a ilusão de que as línguas são muito parecidas, ilusão esta manifesta a partir da regularidade *parecença* que se faz representar por meio de efeitos parafrásticos nos enunciados dos participantes. A partir de agora, apresentamos um outro capítulo, permeado por efeitos de sentido que apontam para uma *travessia* migratória e também simbólica, permeada por representações extremamente significativas para se compreender o processo de migração forçada pelo qual passam os venezuelanos.

TRAVESSIA

“Ah, tem uma repetição, que sempre outras vezes em minha vida acontece. Eu atravesso as coisas - e no meio da travessia não vejo! -- só estava era entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso?”

(Guimarães Rosa)

4.1 As (im)possibilidades

A epígrafe acima muito nos diz sobre as narrativas da investigação, mais precisamente sobre os recortes que fizemos ao analisarmos as SD que nos apontam para regularidades que se materializam linguisticamente, viabilizadas por meio das transcrições de narrativas em portunhol e que nos guiam até as representações sobre língua(s) e sobre si. Nesse pequeno trecho de *Grande Sertão: Veredas*, escrito por Guimarães Rosa e narrado pelo personagem Riobaldo, é possível perceber não apenas o jogo metafórico em torno da repetição que sempre se faz acontecer em nossas vidas, mas também sua relação com a trajetória desse narrador. Ao final da epígrafe, faz-se possível vislumbrar, do mesmo modo, a presença de algo da ordem do (im)possível, do furo, da falta, constituinte dessa travessia.

Cabe pontuar com base na leitura de *Grande Sertão* que a escrita de Guimarães Rosa, amplamente imbricada por neologismos rosianos, apropria-se reiteradamente de um jogo de palavras que passa pelas metáforas e se poetiza entre trocadilhos. Nesse cenário, ressalta-se que o próprio nome do personagem e narrador da obra, Riobaldo⁶⁹, nos remete a dois sentidos que se repetem concomitantemente durante a narrativa de *Grande Sertão*: o primeiro, diz respeito à presença dos rios enquanto *travessia* constante e necessária; o segundo aponta para os malogros que a partir surgem em meio a essa trajetória a partir do verbo *baldar*. Por

⁶⁹ Aquele que balda ou é baldado por rios (interpretação nossa).

consequente, é por meio dos efeitos de sentido em torno do verbo baldar, assim associado ao nome de um dos principais personagens rosianos, que se torna viável entrever a dinâmica metafórica cujos efeitos nos remetem à *frustração*, às *falhas* e aos *fracassos* constantes e onipresentes nesse sertão, com suas intermináveis veredas. Isto posto, ressalta-se que ao ser baldado pelo rio em sua travessia, Riobaldo por vezes se depara com *algo da ordem do impossível* e do não premeditado, algo da ordem do *real*.

Nessa conjuntura, primordialmente no que se refere a *algo do real*, torna-se pertinente trazer à baila que na psicanálise lacaniana encontra-se a introdução do termo real em 1953. De acordo com alguns psicanalistas e organizadores de dicionários de psicanálise, o termo foi extraído por Lacan a partir da filosofia e do conceito de realidade psíquica em Freud no intuito de ser utilizado enquanto uma designação para uma “realidade fenomênica que é imanente à representação e *impossível* de simbolizar” (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 645, grifo nosso). O *real* para a psicanálise, está intimamente relacionado a outros dois outros conceitos fundamentais, o *simbólico* e o *imaginário*, pois, como ressalta Costa (2020, p. 245), ele diz respeito “a uma das três dimensões inerentes ao sujeito”.

Nesse raciocínio, de acordo com a escrita lacaniana, a “dimensão do real não se refere exatamente à realidade, mas ao que dela se extrai para que seja possível suportá-la como tal” tendo em vista que “real aponta para o impossível, aquilo que não pode ser diretamente simbolizado por remeter a um encontro traumático, que perturba e desorganiza o universo do significado” (COSTA, 2020, p. 246). Além do real há a dimensão imaginário que “remete à experiência da realidade vivida”; no que tange à dimensão do simbólico, esta trata do lugar do Outro e organiza “a experiência dessa realidade numa complexa rede de significados” (COSTA, 2020, p. 245). Isto posto, neste capítulo, assim como se ocorre na interpretação das metáforas rosianas presentes em sua epígrafe, apresentam-se narrativas que também se dão em torno de uma travessia aparentemente interminável, permeada por um *ser-estar-entre-línguas-culturas*, e que também traz via discurso regularidades que apontam para malogros e frustrações enquanto algo da ordem do (in)terminável e do (im)possível.

4.2 Um breve recapitular

O objetivo geral desta pesquisa é investigar, analisar e interpretar quais representações sobre língua(s) e sobre si emergem nas narrativas dos imigrantes venezuelanos aprendizes de língua portuguesa em Chapecó, Oeste catarinense. Busca-se neste capítulo analisar as SD relativas ao *corpus* ao expor gestos de interpretação que analisam enunciados permeados por

um *ser-estar-entre-línguas-culturas*. Faz-se importante ressaltar, a partir desse recapitular inicial com respeito aos objetivos, que a imbricação conceitual *ser-estar-entre-línguas*⁷⁰ se constitui a partir das pesquisas desenvolvidas por Maria José Coracini entre os anos de 2003 e 2007, mais precisamente, em projeto intitulado *O espaço híbrido da subjetividade: o ser (estar) entre línguas*. Nessa mesma linha de raciocínio, desenvolve-se, atualmente, o projeto *Ser-estar-entre-línguas-culturas: língua, identidade e formação de professores*, coordenado pela pesquisadora Angela Derlise Stübe, desde 2018 na UFFS, campus Chapecó, SC. Isto posto, é justamente a este projeto guarda-chuva que esta investigação se filia, pois analisamos representações sobre língua(s) e sobre si que emergem do dizer dos imigrantes venezuelanos no Oeste catarinense. Este dizer se desenvolve a partir de narrativas transcritas e materializadas enquanto portunhol e possui regularidades que apontam para representações que se mostram no campo simbólico dos sujeitos ao narrarem sobre seu processo migratório em conjunção ao seu relacionamento com a(s) língua(s), mais precisamente com a língua estrangeira enquanto a língua do outro, ou seja, estranha, mas também, familiar.

No que diz respeito a este aspecto específico das narrativas, ao abarcar o *estar-entre*, nos respaldamos nas ideias defendidas em Coracini (2013) em que a autora problematiza a dicotomia língua materna (LM)/língua estrangeira (LE). Em seu texto, ao questionar esse tipo de separação conceitual, ainda muito recorrente nos estudos linguísticos. A linguista lança mão da hipótese da imbricação das duas concepções de língua, mais precisamente, na constituição da subjetividade que, para a autora, deve ser concebida enquanto dispersa e clivada. Dessarte, de acordo com autora, o *ser-estar-entre-línguas* não “se trata de uma reflexão sobre multilinguismo ou plurilinguismo nem sobre o bilinguismo, pois esses termos implicam a busca da totalidade” daquilo que denominados língua e também sujeito falante; tampouco se trata da “adição de duas ou mais línguas, adição que significa domínio idealmente concebido – e que se deseja perfeito – de cada uma das línguas implicadas” (CORACINI, 2013, p. 117). Diferentemente, o termo nos remete a um ato de captura, ou seja, “trata-se de capturar traços de identificação que permitem compreender como se constitui pela linguagem – sempre híbrida – a identidade móvel, dinâmica, do indivíduo” (CORACINI, 2013, p. 117).

Portanto, após essas explicações, apontamos que tanto a construção como a constituição do *corpus* desta dissertação se deu a partir de uma problemática, em diálogo com

⁷⁰ Para leituras mais aprofundadas sobre a questão, conferir Coracini (2013) *O espaço híbrido da SUBJETIVIDADE: o (bem) estar/ser entre línguas*, parte III, p. 117. Ver referências.

o objetivo geral de pesquisa, ou seja, como o sujeito imigrante venezuelano no Oeste catarinense narra seu percurso migratório e suas experiências, em um *ser-estar-entre-línguas-culturas*, e como, a partir das regularidades observadas nas SD, podem se evidenciar, por meio dos gestos de interpretação, representações desses sujeitos sobre língua(s) e sobre si? A partir desta indagação geral, pudemos ainda nos questionar a respeito de como poderíamos construir um *corpus* que contemplasse os questionamentos referentes aos objetivos específicos, sempre levando em consideração o fato de que as narrativas oriundas das entrevistas semiestruturadas ocorrem por meio de um *ser-estar-entre-línguas-culturas*. Dessa forma, os objetivos específicos procuram: a) analisar que representações sobre língua(s) que emergem na materialidade linguística dos imigrantes venezuelanos em Chapecó; b) interpretar que representações sobre si emergem no fio discursivo desses imigrantes; c) investigar, a partir da análise das representações, como elas se relacionam com os processos identitários dos participantes. Nesse percurso, a partir da pergunta geral, e também das específicas, desenvolvemos o RES.

Sendo assim, considerando as provocações, em diálogo com os objetivos geral e específicos, nas narrativas de imigrantes, nesse simbolizar de percursos, travessias envoltas de um *ser-estar-entre-línguas-culturas*, buscamos a partir da AD, lançar mão de um movimento pendular (PETRI e DIAS, 2013), considerando-a enquanto dispositivo analítico e teórico no que diz respeito aos gestos de interpretação (ORLANDI, 2020) que, neste caso, passam pelas identificações nas SD das regularidades discursivas até chegarmos às representações sobre língua(s) e sobre si.

O olhar sobre os grifos das Sequências Discursivas (SD) que se seguem nos leva a tentar estabelecer, a partir da problemática central de pesquisa⁷¹, formulada inicialmente em forma de questionamento e transformada em objetivo geral de investigação, o gesto de interpretação a partir do questionamento geral sobre as narrativas dos sujeitos envolvidos nesta dissertação. Assim dizendo, os gestos de interpretação visam a identificar as representações sobre língua(s) e sobre si nas narrativas dos sujeitos imigrantes venezuelanos no Oeste catarinense (SIV). A partir desta intenção mais ampla, traçamos os objetivos específicos: a) analisar que representações sobre língua(s) emergem na materialidade linguística dos imigrantes venezuelanos em Chapecó; b) interpretar que representações sobre

⁷¹ A problemática investigativa parte do seguinte questionamento: como o sujeito imigrante venezuelano no Oeste catarinense narra seu percurso migratório e suas experiências, em um *ser-estar-entre-línguas-culturas*, e como, a partir das regularidades observadas nas SD, podemos identificar, por meio de nossos gestos de interpretação, representações desses sujeitos sobre língua(s) e sobre si?

si emergem no fio discursivo desses imigrantes; c) investigar, a partir da análise das representações, como elas se relacionam com os processos identitários dos participantes.

Esses objetivos nos levam, a partir dos gestos de interpretação sobre as SD, a tentar estabelecer *as relações de força* do discurso sobre línguas e migração por meio dos enunciados proferidos pelos Sujeitos Imigrantes Venezuelanos (SIV). Para tanto, é basilar lançarmos mão das CP enquanto exterioridade linguística desses recortes. Quando decidimos não apagar os aspectos *sócio-históricos* fundamentais à *produção de sentido*, não estamos tratando do texto em análise enquanto simples transmissão de informação por parte de indivíduos totalmente conscientes de seus dizeres. Pelo contrário, desse modo, lançamos mão das CP porquanto elas “permitem o acesso à exterioridade, uma vez que dizem respeito ao modo como o discurso é pensado na Análise de Discurso, “efeitos de sentido” entre os pontos A e B”, sendo que tais pontos nos levam a lugares estabelecidos em uma dada formação social (PÊCHEUX, [1969] 2014, p. 81, grifos do autor).

4.3. Travessia simbólica

O sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão. Este é um famoso dizer na história do Brasil, nos remete a uma de várias outras profecias atribuídas a Antônio Conselheiro, beato que ergueu, juntamente com seus inúmeros seguidores, a vila de Canudos, na então fazenda Belo Monte, no estado da Bahia, no fim do século XIX. O vocábulo *travessia* possui as seguintes entradas no *Dicionário Online Priberam*: “(substantivo feminino) - 1. Viagem ou passagem através de grande extensão de terra ou de mar. 2. Viagem por mar. 3. Vento travessão, contrário à navegação” (TRAVESSIA, 2023).

Interessante pensarmos que a metáfora da travessia, apesar de ser atribuída tanto a um movimento, ou passagem, sobre grandes extensões de terra ou de mar, se constitui por meio efeitos de sentido que dialogam com duas coisas totalmente, pelo menos a princípio, opostas: o mar e o sertão. Entretanto, quando pensamos nas representações sobre esses dois termos, percebemos que tanto *mar* quanto *sertão* se fazem objeto de comparação e semelhança naquilo professado por Conselheiro e que ainda resiste nos dizeres de poetas, livros didáticos, aulas e na própria literatura brasileira, pois, quem de nós, enquanto brasileiras e brasileiros, nunca ouviu algo sobre o fato de que, algum dia, a terra, o sertão, *vai virar mar*, e este *vai virar sertão*.

Uma inversão ou substituição de termos, a princípio, bem diferentes, mas que se constituem por sentidos que os atribui o papel de serem *lugares*, dotados de uma *grande*

extensão, ora de água, ora de terra, característica fundamental e essencial para que se dê uma travessia. Nesse sentido, tem-se, na literatura brasileira, por exemplo, no que diz respeito à travessia de Riobaldo, em Grande Sertão, uma narrativa composta por efeitos de sentido em torno do perigo, da necessidade, do incerto, de um movimento e de um migrar ininterruptos, das despedidas, ou seja, há a presença de significantes que se repetem, termos que carregam sentidos que resistem em ali estar, pois, afinal de contas, são significantes que apontam para a travessia.

fale um pouco...da SUA TRAJETÓRIA... da Venezuela até o Brasil... (SE / RES 01)

SD8: *para io salir DE MI PAÍ::S... DE VENEZUELA... tomó decisão::... foi condunto con MIÁ FAMÍ::LIA porque NÓS TODOS tomamos UNA DECISIÓN () como uma família de cinco pessoa... mi três filho... mi esposo e eu... EU FUI:: A MI/ESCO::LA trabalhe:: taba de/bacac:: de/baca/de fêria quando fui a comprar mias fi::lho su/uniforme esco::la... AÍ NO PU::SSE COMPRAR L/UNIFOR::ME NI:: porque MI FÉRIA es dianero que dão fêria e () mi esposo no alcançaba ai dio DIORÊ::... diorê:: ((participante se emociona e começa a chorar enquanto fala)) e () MIA FILHA “NOS BAMOS DE VENEZUELA”... (SIV-3 / RES 01)*

SD9: *...eu:::... eh::: tava::: lá na Venezuela na ciudade que diama Las Claritas ... é só garimpo lá... trabalhan con o::ro... eu fiquei lá cinco anho ... entau::m depois diegaran uns amigos lá e ele falaran “no::n” pa ir::: pa Brasil pa experimentar o tu trabalho... entaum eu falei “tá bom” ... falei com meu pai... falei pra ele e ele falou “tá bom qualquer cosa si non ba bon você podi boltar”... tá eu fui con eles e aí éramos ... três pessoa... mes dos amigos e eu... e traz curso de: : de viaje nós passamos a cabala onde estan polici: :a federal... mas lá na Venezuela... eles pararon... procuraran documentação... aliá é é muito diferente... (SIV-1 / RES 01)*

e:::... na sua opinião... como é ser um imigrante venezuelano em Chapecó (SE / RES 07)

SD10: *imigran::te... eh:::... NO É FÁCIL... no é fácil imigrar de um país de nós... ma::s... por enquanto eu fico aqui no Brasi/em Chapecó FICO BOM... gosto de Chapecó:: é que tem muitas pessoas que ele:: vam de estado para estado... por exemplo... eu eu morei na Boa Vista... no é um lugar bom para morar... não tem:: eh:::... para CONVIVIR TÁ*

MUITO RUIM LÁ... lá tem mui/não tem EMPRE::GO... a gente sempre briga... entendeu? MUITO venezuela::no... depois eu viajei pra Santa Catari::na... fiquei lá em Itapiran::ga... um lugar peque: :no... no tem para onde sair... mai muito tranquilo... sempre falo pra mi esposa que é **um lugar tranquilo para cuidar nosso filhos... entendeu? (SIV-1 / RES 07)**

Não escolhemos o conjunto de SD acima enquanto o primeiro deste capítulo à toa, enquanto gatilho inicial para as análises, pois dentre todas as entrevistas realizadas, a que ocorreu com a participante SIV-3 possui uma característica peculiar: a entrevista não foi concluída em seu primeiro agendamento, pois a participante ficou mais de 30 minutos respondendo à primeira provocação, *Fale um pouco da sua trajetória da Venezuela até o Brasil*, pergunta identificada nesta pesquisa enquanto RES 01. Trata-se de um relato dado em meio a choros e lamentos que evidenciam uma trajetória marcada por uma evidente injustiça social. Sendo assim, a entrevista precisou ser prorrogada para o período posterior a aula de português daquela data do dia 23 de julho de 2022, um sábado à tarde, na Pastoral do Migrante. Da mesma forma que ocorreu com a entrevista de SIV-3, todas as outras entrevistas foram marcadas por uma narrativa mais extensa a partir da provocação RES 01, o que justifica analisarmos duas SD a partir dessa primeira provocação, além da SD fruto da provocação RES 07 que se tornou relevante por apontar para efeitos de sentido em torno da regularidade em análise.

Na primeira SD do conjunto acima, SD8, o enunciado *para io salir DE MI PAÍ::S... DE VENEZUELA... tomá decisão::... foi condunto con MIÁ FAMÍ::LIA porque NÓS TODOS tomamos UNA DECISIÓN*⁷² começa com uma oração explicativa, *para io salir DE MI PAÍ: :S (para eu sair do meu país)*, que se justifica no decorrer do enunciado com o fato de a decisão ter sido tomada por toda a família, principalmente pela incapacidade dessa família arcar com os custos escolares de seus filhos, *ÁI NO PU::SSE COMPRAR L/UNIFOR::ME*⁷³, que leva SIV-3 a narrar o momento desta decisão quando pontua para a filha que todos iriam deixar a Venezuela, *NOS BAMOS DE VENEZUELA*⁷⁴.

Em SD8, quando o Sujeito Entrevistador (SE) interpela SIV-3 por meio da provocação RES 01, *fale um pouco...da SUA TRAJETÓRIA... da Venezuela até o Brasil...*, há neste enunciado a presença de um significante que nos remete para as relações parafrásticas em

⁷² “para eu sair do meu país, da Venezuela, tomar a decisão, foi em conjunto com minha família porque nós todos tomamos uma decisão” (SIV-3, tradução nossa).

⁷³ “daí não pude comprar o uniforme” (SIV-3, tradução nossa).

⁷⁴ “vamos deixar a Venezuela!” (SIV-3, tradução nossa).

torno do fenômeno migratório, tais relações nos levaram, a partir dos gestos de interpretação, a criar um elo de sentido metafórico com os possíveis sentidos advindos do significante *travessia*. O raciocínio analítico parte não apenas do intradiscurso de SIV-3, que se dá a partir de uma provocação, mas também, pela provocação em si, a partir do intradiscurso do SE, pois ele pergunta sobre uma *trajetória*, ainda que específica a SIV-3, mas compartilhada por outros imigrantes, como se pode observar no relato de SIV-1 que será analisado adiante.

A matriz de sentido que se constitui, ao longo da história, a partir dos processos parafrásticos e polissêmicos abre espaço para a deriva, sendo assim, enunciados que tangenciam uma temática específica que, no caso das SD passa pela questão da migração e/ou imigrantes, pressupõem, de acordo com Radde (2020, p. 227) uma “criatividade na língua, garantida pelo processo polissêmico” que pode ocorrer “no momento em que o processo parafrástico, responsável pela produtividade na língua, retoma os saberes do interdiscurso”. Nesse raciocínio, a provocação RES 01, lança, enquanto gatilho inicial, o significante *trajetória*, que pertence a uma matriz de sentido, pois esse significante se perpetua no tempo e no espaço em discursos diversos e seus efeitos de sentido se manifestam no fio do discurso por meio de uma memória discursiva .

A forma como essa provocação, e esse significante em particular, afeta SIV-3, provoca no sujeito uma narrativa sobre seu *percurso*. O intradiscurso da SD8 enuncia uma *mudança* difícil e sofrida compartilhada por um grupo de pessoas advindas de um *mesmo*⁷⁵ lugar, um lugar seu, *para io salir de MI PAÍ: :S*, de uma mesma família, *foi condiunto con MIÁ FAMÍ::LIA porque NÓS TODOS tomamos UNA DECISIÓN*, que por conta da necessidade, *AÍ NO PU: :SSE COMPRAR L/UNIFOR::ME*, precisa deixar a Venezuela, *NOS BAMOS DE VENEZUELA*, para viver em um outro país. Tem-se, assim, uma narrativa sobre uma *travessia de migração venezuelana* que nessa SD traz o já-dito no discurso da *trajetória/travessia migratória*, ou seja, enunciados que remontam aos sentidos *de tomar a decisão de sair de seu país*, que na definição trazida pelo dicionário, no início do capítulo, nos remete ao um *percurso sobre longas extensões de terra e de mar*.

É preciso atentar para o fato de que a SD8 se constitui dentro de um processo discursivo que pressupõe um sujeito assujeitado, uma subjetividade não subjetiva, pois SIV-3 é atravessado pela imposição do esquecimento discursivo que constitui seu dizer sem este o perceber, afinal de contas, essa narrativa se dá sob determinadas CP constitutivas do processo discursivo de SIV-3, desse modo, elas apontam para um efeito polissêmico ao introduzir o

⁷⁵ *mesmo* em um sentido de uma *posição sujeito* compartilhada: o lugar de fala dos SIV dadas certas condições de produção.

novo, uma nova relação de sentidos que surge nesse processo migratório por conta da necessidade econômica, pela busca de trabalho e melhores condições de vida. Essa travessia é, nesse dizer, *específica de um novo contexto*, e passa a ter novos sentidos, pois, além de uma mobilização de sentidos sobre *sofrimento* e/ou *perigo*, como percebemos pelo grifo *ai dio DIORÊ::... diorê::*. Além disso, em termos do uso de significantes constitutivos de seu intradiscurso, SIV-3, ao formular seu dizer sobre a *trajetória*, sobre o migrar venezuelano, enuncia um dizer que fala de um processo que se dá *em conjunto*, com a família.

Na SD seguinte, SD9, obtida por meio da mesma provocação, RES 01, mas agora narrada por SIV-1 temos uma relação semelhante de significantes que apontam para efeitos de sentido sobre migração que passam pela questão do *perigo*, da *impossibilidade de permanecer*, da *tomada de decisão de ir embora* da Venezuela *em conjunto* devido à *falta de trabalho*, à *necessidade econômica*. Os sentidos em torno da falta de trabalho e da impossibilidade de permanecer se manifesta nos grifos iniciais da SD9: *...eu:::... eh::: tava::: lá na Venezuela na cidade que diama Las Claritas ... é só garimpo lá... trabalhan con o::ro... eu fiquei lá cinco anho ... entau::m depois diegaran uns amigos lá e ele falaran “no::n” pa ir::: pa Brasil pa experimentar o tu trabalho*. A *impossibilidade* da continuidade da situação narrada por SIV-1 se manifesta na narrativa pelo olhar do outro, *depois diegaran uns amigos lá*, que por por meio da negação, *e ele falaran “non”*, interpela SIV-1 a tomada de uma decisão, *entaum eu falei “ta bom”*, que também se dá em conjunto com o outro envolvido naquelas condições, ou seja, os amigos, conforme já pontuado, e o pai do imigrante, *falei com meu pai... falei pra ele e ele falou “tá bom”*, portanto, a alternativa para aquela situação de necessidade e falta de trabalho, a única solução possível se materializa no trecho *pa ir: : : : pa Brasil pa experimentar o tu trabalho*, enunciado que aponta para o deslocamento e a movimentação inerentes à migração.

Os perigos desse percurso são narrados em enunciados que apontam para as vicissitudes da travessia, *traz curso de: : viaje*, em conjunto, *éramos ... três pessoa ... mes dos amigos e eu ...*, até se depararem com um perigo ou situação de alerta, *passamos a cabala onde estan polici: :a federal... mas lá na Venezuela... eles pararon... procuraram documentação... aliá é é muito diferente*. Nessa perspectiva, no trecho em destaque, *é só garimpo lá... trabalhan con o::ro*, ao invés de funcionar enquanto adjetivo, a marca linguística *só* funciona enquanto uma condição adverbial que modifica o verbo ser, *é*, neste grifo, ou seja, quando SIV-1 nos diz “é só garimpo lá”, ele nos aponta uma justificativa dotada do sentido da falta de oportunidade, da ausência de outras opções, da impossibilidade de encontrar outra coisa que não seja trabalhar no garimpo, já que, lá, na Venezuela, pelo menos

na região onde o imigrante buscava seu sustento, havia apenas, *só*, a possibilidade do garimpo.

Notamos que o enunciado, *então::m depois diegaran uns amigos lá e ele falaran “no::n” pa ir::: pa Brasil pa experimentar o tu trabalho*, se inicia com um marcador adverbial de circunstância, de momento, representado a partir do advérbio *então* que indica o momento circunstancial quando *diegaran uns amigos lá*, no garimpo, na Venezuela, e negaram a SIV-1 a possibilidade de continuar ali, com aquela vida, aquele tipo de trabalho, quando introduziram o *no: :n*, o não, a negação, àquela situação específica ao mesmo tempo em que introduziram a necessidade que se colocava a ele de *ir: : : pa Brasil pa experimentar o tu trabalho*. Não é uma justificativa qualquer, a questão de ter de sair da Venezuela e ir para o Brasil, pois, pelos grifos *falei “tá bom” ... falei com meu pai... falei pra ele e ele falou “tá bom qualquer cosa si non ba bon você podi boltar”*, percebemos a aceitação enunciada pelo sujeito, *tá bom*, e o aval de seu pai, *tá bom*.

Pode-se dizer que há uma conformidade conjunta, *um pensamento compartilhado* por todas as personagens citadas por SIV-1 nessa narrativa, que compartilham do sentimento de *nos vamos de Venezuela*, por conta de uma *necessidade econômica* que os lança na *travessia* migratória, que é, na maior parte das vezes, feita *em conjunto*, como se observa em *éramos ... três pessoa... mes dos amigos e eu*. É, primordialmente, *a necessidade econômica*, exposta a partir da busca por melhores condições de trabalho e o aval, ou reconhecimento social, em torno dessa necessidade pelas pessoas próximas aos SIV, que sustentam a decisão de todos eles, sem exceção, a se lançarem numa *travessia* migratória.

Tal regularidade, enquanto movimento não apenas da mudança, mas principalmente de *ter de* ir embora de seu país por conta da necessidade, resiste e se repete no fio discursivo, no intradiscurso, das SD observadas, e se constituem por meio de um intradiscurso, no que diz respeito às suas questões sociais, ideológicas e históricas, nos efeitos de sentido que circulam sobre migração e migrante. As CPsa dialogam com o intradiscurso presente na materialidade linguística das transcrições e evidenciam uma relação com a exterioridade constituinte do discursivo, ou seja, como esses significantes representam história(s), relações sociais, e ideologia(s) imbricadas na relação permanente com as língua(s), linguagem e o próprio discurso.

A narrativa em SD10, que ainda diz respeito ao discurso de SIV-1, é provocada pelo SE a partir da RES 07, *e::... na sua opinião... como é ser um imigrante venezuelano em Chapecó* e a resposta na narrativa, advinda a partir do grifo da provocação, já nos mostra uma alteração enfática, uma elevação do timbre da voz do sujeito, justificado pela transcrição do

trecho em caixa-alta. Nos deparamos então com uma afirmação, entre pausas, marcada por um advérbio de negação, ... *NO É FACIL...* que já denota a *dificuldade* em *ser um imigrante* não apenas venezuelano, não apenas no Oeste catarinense, mas em uma perspectiva ampla, a *condição* de imigrante, em termos gerais, *não é fácil*, pois *no é fácil imigrar de um país de nós*⁷⁶.

O sentido da trajetória, da travessia, se mostra na locução adverbial, *por enquanto*, que marca o começo do enunciado *por enquanto eu fico aqui no Brasi/em Chapecó*, o sentido da locução limita uma situação até o momento presente, dando a ideia de um percurso que ainda não chegou ao fim. Como se trata de um percurso migratório, há um *movimento* entre *lugares*, feito em *conjunto*, por *imigrantes*, *é que tem muitas pessoas que ele: : vam de estado para estado*.

O percurso é *perigoso*, pois, a partir do enunciado *no é um lugar bom prar morar... não tem: : eh: :... para CONVIVIR TÁ MUITO RUIM LÁ... a gente sempre briga*, percebemos uma construção enunciativa que adjetiva um lugar, no caso Boa Vista, enquanto ruim, pois há ali, violência, *briga*, e o sujeito se lança nesse percurso em busca de *segurança*, fugindo do *perigo* e da *violência*, pois anseia por *um lugar tranquilo para cuidar nosso filhos*; percebemos uma *travessia* migratória que se justifica pela *necessidade econômica*, manifesta pelo enunciado *lá tem mui/não tem EMPRE::GO*, trecho marcado pela ênfase vocálica em seu último significante, *emprego*.

No que diz respeito à SD8, SD9 e SD10, identificamos a regularidade *travessia* com base nos apontamentos de Fuchs e Pêcheux ([1975] 2014), pois sabemos que “a produção do sentido é estritamente indissociável da relação de paráfrase entre sequências tais que a família parafrástica destas sequências constitui”, ou seja, a produção do sentido, ocorrendo por meio desse tipo de relação, forma uma “matriz do sentido” (FUCHS; PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 166-167, grifo dos autores). Essa relação entre os sentidos na paráfrase não é evidente, sendo assim, a esse respeito, também entendemos, em consonância com Radde (2020) que “por serem apagadas as relações de sentido entre o dito e o já-dito, todo processo de repetição do mesmo abre espaço para a deriva responsável por trazer o novo” (RADDE, 2020, p. 227). Uma mesma matriz de sentido pode ser “recortada por meio de diferentes formações discursivas, por meio de sequências que extrapolam as fronteiras de uma FD, de modo que

⁷⁶ Outro aspecto interessante sobre este enunciado, marcado pela preposição *de* que estabelece uma relação de subordinação e dependência, no caso uma posse, quando o sujeito se refere ao país, *de um país de nós*, será abordada enquanto uma regularidade específica neste capítulo, mais adiante.

essa matriz de sentido encontra-se na exterioridade , na região saturada de saberes” , em outras palavras, no interdiscurso (RADDE, 2020, p. 227).

Conforme adotada até aqui, ou seja, a partir de efeitos de sentido que se constróem pelo dizer sobre a necessidade e a ausência de trabalho, expostos pelos grifos das SD observadas, tem-se que a regularidade *travessia* nos leva ao já-dito e pré-construído presente em outras instâncias, outros lugares, outras posições enunciativas, como na academia, no discurso de pesquisadores sobre este tipo de migração, e também na imprensa, em publicações jornalísticas de organizações internacionais que se debruçam sobre esse assunto, como a ONU, por exemplo.

Não nos dispusemos nesta pesquisa de, além das transcrições das narrativas, selecionar documentos oriundos de uma instância de poder enunciativa específica para lançar mão de uma pesquisa mais aprofundada. Entretanto, apesar de não estarmos trabalhando com um *corpus* complexo, achamos importante evidenciar a matriz de sentido da migração enquanto *travessia*, constituída a partir de uma relação parafrástica e polissêmica oriunda de outras instâncias do discurso, mas que evidenciam o já-dito, o pré-construído, por meio de enunciados de outros arquivos que pertencem a outras instâncias discursivas como, por exemplo, a academia e a imprensa.

A pertinência de mencionarmos enunciados oriundos de outros arquivos, no que diz respeito a representações sobre migração e imigrantes, se dá pela necessidade de pontuarmos que esses efeitos de sentido, em um processo discurso sobre migração e sobre imigrantes, não ocorrem via relação intertextual, mas se constituem tanto via interdiscurso como por meio de sua formulação enunciativa, seu intradiscurso. O pré-construído nas narrativas das SD, mais precisamente com o que elas têm a dizer sobre o fenômeno da migração, principalmente quando apontamos grifos que se imbricam, via efeitos de sentido, às questões de *necessidade econômica*, aponta para uma matriz de sentido que se relaciona com o discurso de outras instâncias enunciativas. Assim, no intuito de explorar o interdiscurso das SD, a partir dos grifos, no que diz respeito ao já-dito, ao pré-construído, lançamos mão, de forma breve e sucinta, pois o *corpus* não é complexo⁷⁷, de alguns exemplos dos dizeres sobre migração e migrantes em uma pesquisa e em um veículo de comunicação.

No caso da academia, no início desta pesquisa, citamos os trabalhos de Oliveira (2019) que, ao discorrer sobre migração, nos informa que as pesquisas realizadas tanto pela Cátedra Sérgio Vieira de Mello, da Universidade Federal de Roraima (UFRR) como pelo Observatório

⁷⁷ Como *corpus* complexo nos referimos à análises de *corpora* compostos por diferentes gêneros, nesta pesquisa, por exemplo, trabalha-se apenas com entrevistas semiestruturadas.

das Migrações Internacionais (OBMigra) nos informam que apenas “uma minoria das *pessoas* foi *posta em movimento em decorrência de* perseguição ou *ameaça* política” e ele ainda destaca que “*a larga maioria buscava escapar do desemprego, inflação, desabastecimento de produtos básicos, que, no limite, levava à fome*”, nesse raciocínio, Oliveira (2019) também pontua que “no momento da pesquisa, *a situação de fome* aparecia como *um marcador da migração*” (OLIVEIRA, 2019, p. 219-220, grifos nossos).

Como, a partir de uma perspectiva discursiva, os grifos do conjunto das SD deste capítulo, com seus efeitos de sentido, dialogam com os grifos sobre o discurso acadêmico acerca da migração venezuelana? Temos que, a partir de um processo parafrástico e polissêmico, conseguimos relacionar os grifos sobre o discurso acadêmico com a regularidade *travessia* – via termos como ... *pessoas ... posta em movimento em decorrência de ameaça* ou *a larga maioria buscava escapar da fome* e ainda *escapar do desemprego* – que aparece enquanto um já-dito, pois observamos a resistência de significantes cujos sentidos apontam para uma condição inevitável de *uma maioria de venezuelanos ter de se colocar em movimento por necessidade econômica*.

No caso da imprensa, é interessante observar como o pré-construído presente na memória discursiva das SD se manifesta não apenas na posição sujeito de imigrante venezuelano, mas também na posição sujeito de representante de uma organização internacional que produz, via jornalismo, dizeres sobre a migração (principalmente compulsória). A partir de informações retiradas da reportagem *Migração e Refugiados* disponível em um portal de conteúdo jornalístico da ONU, encontramos o seguinte trecho, uma citação, que inaugura o texto da reportagem, que expõe a opinião do secretário-geral da ONU, António Guterres, sobre esta questão de importância internacional: “eu sou migrante, mas ninguém espera que *eu arrisque minha vida* num barco avariado ou a *cruzar um deserto* num caminhão *para encontrar trabalho fora do meu país*. *A migração segura não pode limitar-se à elite global*” (MIGRAÇÃO, s/d, grifos nossos).

Os termos destacados acima, que expõem circunstâncias onde pessoas precisam *arriscar a vida* ou *cruzar um deserto* para que consigam *encontrar trabalho fora* de seu país, evidenciam os efeitos de sentido em torno da migração venezuelana encontrados nas SD porquanto lançam mão de significantes que jogam com tudo aquilo que constitui a regularidade *travessia*, em sua relação com os sentidos apontados tanto pelas SD, quanto pelo discurso do próprio secretário-geral da maior organização internacional do planeta. As palavras grifadas, a partir da citação exposta no início da reportagem, nos remetem a sentidos

que dialogam com o *perigo*, e com uma trajetória, um *movimento (ir embora)* devido a uma *necessidade*.

Interessante observar que esta condição é atribuída a sujeitos específicos, o enunciador, secretário-geral, se exclui desse nicho particular, pois sua *condição social* é bem diferente daquelas relativas aos sujeitos migrantes. Os SIV participantes desta pesquisa, se apropriam desta condição em suas próprias narrativas, *os perigos* aos quais se puseram a enfrentar após decidirem *ir embora* de seu país, Venezuela, num *movimento* decorrente de *necessidade econômica* é sempre evidenciado nos discursos pela *primeira pessoa do singular* ou do *plural*, pois relatam uma experiência própria de si e do grupo ao qual pertencem, e vice-versa, ou seja, uma *experiência do outro* que também é *de si*.

Portanto, a tomada de posição da palavra vem do lugar daquele(s) que vivencia(m) uma condição de extrema necessidade, condição esta identificada pelos grifos e que nos remetem ao pré-construído, ao já-dito, ou seja a uma memória discursiva que se (re)significa no dizer. Esses grifos também nos dizem muito sobre o arquivo relacionado ao *corpus* discursivo do qual dispomos, em outros termos, as narrativas dos imigrantes venezuelanos, materializado enquanto possibilidade de funcionamento de um documento transcrito, uma possibilidade da construção de um arquivo, por meio de um *corpus* que expõe a relação da “materialidade com a ideologia, com o político e com o poder”, já que a noção de arquivo é concebida “como um campo de *documentos* pertinentes e disponíveis sobre uma questão, sendo que, nele, ferve a inscrição do político” (BRESSAN, 2020, p. 27, grifo nosso).

Há algo de impossível na tentativa de se separar um país, principalmente os sujeitos que o habitam, de sua(s) cultura(s) e conseqüentemente de sua(s) língua(s), daí o quão significativa se torna a travessia dos participantes, pois a regularidade em torno dos sentidos sobre o processo migratório se dá por meio da metáfora da travessia e de tudo aquilo que nela (não) cabe, principalmente a ilusão de que, por força maior, aquela casa, o lar e, até mesmo, a língua materna desses participantes possa ter *ficado para trás*, possa ter permanecido lá, na Venezuela, pois faz-se necessário a esses imigrantes a obrigatoriedade de se estabelecer em uma *nova* vida em um *novo* lugar principalmente por meio de uma *nova* língua, (não) sua. Entretanto, tais percepções em torno de algo que se perdeu com a migração, ou seja, algo da cultura e até mesmo da língua, se dá por meio da ilusão de que a Venezuela, assim como tudo aquilo que a este país diz respeito, tenha ficado para trás, ou seja, a crença de que há um lugar que não está mais aqui, no Brasil, um modo de ser que não se encontra mais presente na vida dos participantes. Todavia, é justamente a partir da observação das narrativas presentes nas SD das quais tratamos neste capítulo, que se percebe a contundente presença da Venezuela,

manifestada enquanto discurso de sujeitos imigrantes venezuelanos. Tal presença se manifesta em seus modos de olhar o outro; ela se faz perceber, a todo momento, na própria materialidade linguística constituinte das narrativas transcritas, em que a língua espanhola venezuelana se evidencia em meio à língua portuguesa, algo tão marcante nas regularidades presentes nas marcas discursivas em portunhol já analisadas, ou seja, há um *ser-estar-entre-línguas-culturas* em todo fio discursivo presente nas SD, portanto, as regularidades em torno da travessia evidenciam esse *entre-lugar*.

4.4 Sou travessia

O que as imagens sobre o outro falam sobre si? O que as representações sobre a trajetória da Venezuela até o Brasil têm a nos dizer sobre os processos identificatórios do Sujeito Imigrante Venezuelano no Oeste Catarinense? A partir desta pergunta central, amparados pelas análises das narrativas expostas nas SD que nos apontam para efeitos de sentido em torno da regularidade *travessia*, nos lançamos, neste momento, à resposta para tal pergunta em diálogo com dois de nossos objetivos específicos: *interpretar que representações sobre si* emergem no fio discursivo desses imigrantes e investigar, a partir da análise das representações, como *elas se relacionam com os processos identitários dos participantes*. No que tange a este último objetivo, a como seremos guiados a responder tal questão, que passa pelos processos identitários em sua relação com as representações sobre o outro/si, estaremos sempre “considerando que a identidade resulta das representações ou imagens que cada um faz de si e do outro e que essas representações partem sempre do outro, pois nos vemos através do olhar do outro” (CORACINI, 2010, p. 96).

Lembremos, que o discurso das narrativas dos imigrantes, mais precisamente SIV-1 e SIV-3, é constituído por CP das quais o sujeito não está ciente, pois ele é atravessado pela ilusão de ser dono do seu dizer, já que na AD, como nos diz Pêcheux (2009) o sujeito descentrado é caracterizado por dois esquecimentos ou ilusões. Quando se esquece de que não é a origem do seu dizer, o que ocorre é que o sujeito tem a ilusão de que quando formula seu dizer sobre sua travessia, ele está lançando mão de sentidos seus, entretanto, o seu dizer “se constitui de inúmeras vozes precedentes, apontando para o que Foucault denomina o já-dito”, ou seja, o que se conhece por FD na AD (CORACINI, 2010, p. 96). Nesse raciocínio, o segundo esquecimento “diz respeito à ilusão do sujeito de que escolhe tão bem os argumentos, os enunciados, as palavras que os sentido do seu dizer é compreendido por todos da mesma maneira”, em outras palavras, o sujeito se esquece, em “nível consciente, de que não controla

os efeitos do seu dizer, de que o que o interlocutor compreende depende diretamente da situação de enunciação, da formação discursiva em que se insere, de sua vivência” (CORACINI, 2010, p. 96).

Não há um discurso sobre uma trajetória, uma travessia, há significantes que apontam para outros significantes que vão tecendo no fio do discurso, a partir das CP, uma matriz de sentido que constitui uma memória, um já-dito. A partir das SD, foram observados enunciados que ao tocar os significantes *trajetória* e *imigração*, por mais que o sujeito tenha sido provocado por meio das RES 01 e 02, a narrar uma trajetória *sua* assim como uma *condição de imigrante sua*, apontam para efeitos de sentido que constituem um já-dito sobre esses significantes.

Quando SIV-1 e SIV-3 narram sobre sua trajetória, lançam mão de termos que remetem ao discurso sobre imigração: travessia perigosa, pois é inevitável, requer deixar seu lar, sua casa, seu país e sua língua para adentrar em território desconhecido, um movimento que passa por um processo de resistência ao outro que se manifesta enquanto necessário e importante, pois há necessidade dele.

As imagens que os sujeitos constroem sobre o outro, a partir dos grifos nos levam a todos esses significantes, essas são as representações sobre a imigração venezuelana no Oeste catarinense. Falar do outro é falar de si, as imagens que um sujeito faz do outro e também de si são as representações sobre o outro e sobre si, portanto, considerando que a identidade, enquanto processos identificatórios, conforme afirma Coracini (2010, p. 96), “resultam das representações” podemos concluir, por enquanto, que as representações sobre si nas narrativas de imigrantes venezuelanos no Oeste catarinense sobre sua travessia migratória apontam para processos identificatórios que se constituem no e pelo perigo, no e pelo sofrimento, na e pela necessidade, no e pelo desejo de um trabalho, no e pelo desejo da segurança, no e pelo desejo do acolhimento na língua do outro, no e pelo desejo da língua desse outro, no e pelo movimento que coloca o sujeito em um estar-entre, uma identidade ainda em construção, que por meio da evidência dos lapsos aqui/lá ou ele/eu aponta para as falhas e os equívocos nas língua(gens) que constituem os sujeitos imigrantes venezuelanos e que os coloca em um *ser-estar-entre-línguas-culturas* ininterrupto.

4.5 Um país *meu*/uma língua *minha*

Ainda partindo do primeiro conjunto de SD apresentadas neste capítulo, percebemos, durante as análises da primeira regularidade, *travessia*, a ocorrência de uma outra repetição

que se mostrou importante, por se fazer resistir no fio discursivo das narrativas, enquanto objeto de análise nesta investigação. Trata-se, assim, da repetição de uma marca linguística que aponta para o *possessivo* quando os SIV falam da Venezuela, algo que denota *pertencimento a um lugar* que não os tem. Retomemos à observação de SD8 e SD10 (mas que aqui serão consideradas enquanto SD11 e SD12 já que o olhar analítico cai sobre outra regularidade) assim como uma nova SD, a SD13:

fale um pouco...da SUA TRAJETÓRIA... da Venezuela até o Brasil... (SE / RES 01)

SD11: *para io salir DE MI PAÍ::S... DE VENEZUELA... tomó decisão::... foi condiunto con MIÁ FAMÍ::LIA porque NÓS TODOS tomamos UNA DECISIÓN () como uma família de cinco pessoa... mi três filho... mi esposo e eu... EU FUI:: A MI/ESCO::LA trabalhe:: taba de/bacac:: de/baca/de fêria quando fui a comprar mias fi::lho su/uniforme esco::la... AÍ NO PU::SSE COMPRAR L/UNIFOR::ME NI:: porque MI FÉRIA es dianero que dão fêria e () mi esposo no alcançaba ai dio DIORÊ::... diorê:: ((participante se emociona e começa a chorar enquanto fala)) e () MIA FILHA “NOS BAMOS DE VENEZUELA”... (SIV-3 / RES 01)*

e::... na sua opinião... como é ser um imigrante venezuelano em Chapecó (SE / RES 07)

SD12: *imigran::te... eh::... NO É FÁCIL... no é fácil imigrar de um país de nós... ma::s... por enquanto eu fico aqui no Brasi/em Chapecó FICO BOM... gosto de Chapecó:: é que tem muitas pessoas que ele:: vam de estado para estado... por exemplo... eu eu morei na Boa Vista... no é um lugar bom para morar... não tem:: eh::... para CONVIVIR TÁ MUITO RUIM LÁ... lá tem mui/não tem EMPRE::GO... a gente sempre briga... entendeu? MUITO venezuela::no... depois eu viajei pra Santa Catari::na... fiquei lá em Itapiran::ga... um lugar peque: :no... no tem para onde sair... mai muito tranquilo... sempre falo pra mi esposa que é um lugar tranquilo para cuidar nosso filhos... entendeu? (SIV-1 / RES 07)*

... no seu dia a dia em Chapecó... você fala português... e você fala espanhol... você convive com pessoas que falam sua língua... e outras que não a falam... você poderia contar um pouco sobre essa experiência? (SE / RES 05)

SD13: *geralmente si moro com pessoas da minha nacionalidade da Venezuela e geralmente falamos mais nos/nossa língua que portugueses quando:: eu vou a:: supermercado o outro ponto diferente na minha casa... tenho que falar português para poder me entender com outras pess/po/pode me entender a mim... isso (SIV-5 / RES 05)*

As marcas linguísticas do possessivo ocorrem tanto em SD11, na narrativa de SIV-3, *para io salir DE MI PAÍ::S... DE VENEZUELA*, como em SD12, na narrativa de SIV-1, *no é facil imigrar de um país de nós*. Nesse momento, essa marca linguística nos leva a refletir sobre a questão do *sentimento de indentificação nacional*, interessante pontuarmos que, sobre esse sentimento, ressaltado por uma relação de posse nos enunciados das SD, convém observamos a seguinte linha de pensamento, uma contribuição de Gellner (apud HALL, 2006), sobre a questão da identidade nacional:

A idéia de um homem sem uma nação parece impor uma (grande) tensão à imaginação moderna. **Um homem deve ter uma nacionalidade, assim como deve ter um nariz e duas orelhas.** Tudo isso parece óbvio, embora, sinto, não seja verdade. Mas que isso viesse a parecer tão obviamente verdadeiro é, de fato, um aspecto, talvez o mais central, do problema do nacionalismo. **Ter uma nação** não é um atributo inerente da humanidade, mas aparece, agora, como tal (GELLNER apud HALL, 2006, p. 48, grifos nossos).

Na teorização proposta em Pêcheux e Fuchs ([1975] 2014) sobre os esquecimentos na teoria da AD, apresentada no capítulo teórico deste trabalho, observamos que, no processo de constituição da subjetividade na AD, o sujeito é atravessado por dois esquecimentos, conforme nos aponta Vinhas (2020, p. 93), no primeiro, “o sujeito não tem consciência de que é afetado pelo funcionamento da ideologia”, já no segundo, há uma zona de esquecimento “acessível ao sujeito, cuja comprovação encontra respaldo no mecanismo de antecipação”. Nesse raciocínio, relacionamos o primeiro tipo de esquecimento às CPsa no interdiscurso das SD desta investigação, enquanto o segundo se relaciona com as CPse também presentes nos recortes. Lançamos mão deste gesto analítico a partir da relação que Vinhas (2020) faz com os pensamentos de Orlandi (2005) nessa relação entre esquecimentos e condições de produção. Quando observamos as formulações dos dizeres em SD11 (narrado por SIV-3), SD12 (narrado por SIV-1) e SD13 (tanto na provocação feita pelo SE como na narrativa de SIV-5) em relação aos grifos a partir do enunciado de Gellner, citado acima por Stuart Hall, temos:

- *para io salir **DE MI PAÍ::S... DE VENEZUELA**;*
- *no é fácil imigrar **de um país de nós**;*
- *peessoas que falam **sua língua**... e outras que não a falam;*
- *moro com pessoas da **minha nacionalidade** da Venezuela e geralmente falamos mais **nos/nossa língua** que português;*
- ***Um homem deve ter uma nacionalidade**, assim como deve ter um nariz e duas orelhas;*
- ***Ter uma nação** não é um atributo inerente da humanidade, mas aparece, agora, como tal.*

Possuir uma nação e, conseqüentemente, uma língua, não é algo que nos causa estranhamento, pois toda formulação do dizer que aponta para essa relação de sentido já nos faz sentido. Ao nos debruçarmos sobre o interdiscurso e intradiscurso desses enunciados, dessa relação constitutiva entre os discursos, percebemos, por meio de um olhar analítico, o marcador do possessivo presente na formulação de todos os dizeres, ou seja, é na formulação do intradiscurso que percebemos a relação que esses termos estabelecem com o interdiscurso, pois “há uma relação entre o já-dito e o que se está dizendo que é a que existe entre o interdiscurso e o intradiscurso ou, em outras palavras, entre a constituição do sentido e sua formulação” (ORLANDI, 2005, p. 33). Essa relação não ocorre por meio de uma intertextualidade, pois conforme nos aponta a autora “é preciso não confundir o que é interdiscurso e o que é intertexto”, para a autora o interdiscurso “é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos”, ou seja, para que as palavras de alguém “tenham sentido é preciso que elas já façam sentido” (ORLANDI, 2005, p. 33).

Os efeitos de sentido da relação de posse observados nos enunciados acima não apontam para um indivíduo que pertence a um lugar, mas sim, *de um lugar que pertence a um indivíduo*. Isso se dá por meio do pré-construído e do já-dito sobre a questão da nacionalidade, ou seja, há uma memória discursiva que possui efeito na construção enunciativa de um sujeito assujeitado, dotado de uma subjetividade não-subjetiva. A relação de posse entre *indivíduos* e a *nação*, que se dá via repetição em processos parafrásticos, reverbera nos discursos sobre a questão da nacionalidade e sua relação com a identidade nacional, sendo assim, essa repetição passa a ocupar também o lugar do discurso sobre os processos migratórios.

As narrativas sobre processos migratórios são formadas por enunciados que dizem respeito a deixar uma nação sua, ou seja, um lugar seu, para viver em um lugar (do) outro,

mais especificamente, a nação do outro. Na realidade, a partir dos esquecimentos sob os quais o sujeito está assujeitado, sabe-se que o lugar outro, não é da ordem do pertencimento, mas do estranhamento, pois o outro, enquanto porta-voz da cultura-alvo e da língua-alvo, também se constitui nesse lugar simbólico da nação que o pertence. Portanto, a relação de posse se manifesta da exterioridade para o sujeito.

Ao dissertar sobre o raciocínio de Gellner (1983), exposto acima, Hall (2006) acrescenta que “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*” (HALL, 2006, p. 48, grifo do autor). Na perspectiva dos objetivos, a partir das análises em torno da marca linguística do possessivo e sua associação ao já-dito sobre identidade nacional, nos perguntamos: que representações sobre língua(s) emergem na materialidade linguística dos imigrantes venezuelanos em Chapecó? b) que representações sobre si emergem no fio discursivo desses imigrantes?; c) como as representações se relacionam com os processos identitários dos participantes? Para tratarmos dessas perguntas, partimos do pensamento de Coracini (2010, p. 96) que advoga que “a identidade resulta das representações ou imagens que cada um faz de si e do outro e que essas representações partem sempre do outro, pois nos vemos através do olhar do outro”.

Os efeitos de sentido sobre nação, nacionalidade ou identidade nacional e língua estão imbricados por uma relação de posse entre eles e o(s) sujeito(s) que os enuncia(m): o(s) sujeito(s) fala(m) de uma nação sua, a partir de uma nacionalidade sua e de uma língua sua. Portanto, os enunciados evidenciam uma *relação de pertencimento*. Observa-se também que a relação de pertencimento se manifesta, enquanto objeto de crítica e pesquisa, em textos outros que abordam a questão da língua e da identidade.

A título de exemplo, podemos trazer neste momento da escrita o que discorre Coracini (2007) sobre o texto derridiano *O monolinguismo do outro*. De acordo com a autora, em uma passagem específica desta obra, Derrida se questiona “só *tenho* uma língua, ora *ela não é minha*” (DERRIDA apud CORACINI, 2007, p. 47, grifos nossos). É possível observar, a partir desses grifos, que ao mesmo tempo que o autor admite possuir uma língua, ele reconhece que ela não é sua. Sobre essa afirmação do autor, Coracini (2007) nos diz, respectivamente, que Derrida nos coloca, de forma duvidosa ou aporética

a impossibilidade da imbricação entre ter, possuir e não ter ou não pertencer ao sujeito que se vê impossibilitado de enunciar no momento mesmo em que enuncia: como me é possível falar se a língua, a única que tenho (que sei, que conheço, que falo), não me pertence? E, se não me pertence, como falar e ser falado por ela? Mas, se eu a possuir – o que significa dominar, der dono dela (do latim *dominus*, senhor)

–, terei de nela inculir minha maneira de ser, de ver, de tocar, de (me) relacionar, enfim, terei de me tornar proprietário dela e, assim, escravizá-la, impedir a sua propagação, a sua difusão... (CORACINI, 2007, p. 47)

A linguista, no que tange ao já-dito sobre a posse da língua e seu resistir no discurso, ressalta ainda que há o entendimento de que “o colonizador pode (querer) impor a sua monolíngua (ou o que ele julga ser “uma” e “sua” língua), pela força e / ou pela lei, interditar, lançar o sujeito – o outro a quem se impõe e que submete – no entre-dizeres, na interdicção”, colocando, assim, o sujeito “no lugar confuso e sem dono do entre-línguas, que significa entre-culturas, entre-outros, entre mim e o outro, que é sempre “outros”” (CORACINI, 2007, p. 47-48, grifos da autora). A autora conclui, em consonância com Derrida, que não há “propriedade natural da língua, que, aliás, se algum dia existiu, se desfez em Babel” (CORACINI, 2007, p. 47). Podemos observar, a partir dessas ideias, que há algo que resiste no discurso sobre a relação entre língua e posse, principalmente quando atribuímos a essa relação uma determinação política e de controle, uma determinação que se faz repetir por meio da marcação linguística de posse, apesar da impossibilidade de essa relação de dominância com a língua ocorrer, a não ser, claro, via esquecimento.

4.6 A língua: lar (não) meu

No intuito de abarcar as questões relativas aos objetivos específicos, mais especificamente no que diz respeito ao primeiro deles, ou seja, quais regularidades e representações sobre língua(s) emergem das transcrições das narrativas, resolvemos observar as SD produzidas a partir das provocações enunciativas 02, 03 e 04: *Como foram as primeiras experiências ao tentar se comunicar no Brasil?; fale, por favor, sobre seu contato com a língua portuguesa; como você se sente ao falar português?*

Estas provocações, entretanto, não foram suficientes para motivar os entrevistados a falarem mais sobre seus percursos, ou seja, foram necessárias, outras provocações no decorrer das entrevistas, melhor dizendo, provocações subsequentes, quando percebíamos que o sujeito não mergulhava em sua própria narrativa. Portanto, a partir dos enunciados iniciais, sentindo necessidade de narrativas mais extensas, também recorremos a algumas provocações subsequentes para alavancar as entrevistas, como por exemplo, *you pode falar um pouco mais sobre isso?* assim como outras provocações que sempre dialogam com seus enunciados principais.

Dito isso, outra regularidade que encontramos nas SD dialoga com a relação entre *língua, família, casa, lar e segurança*⁷⁸ exposta nas narrativas a partir de efeitos de sentido recorrentes sobre situações de *(des)acolhimento, (in)segurança e (não)pertencimento*. A partir das provocações 02, 03 e 04 do RES, pudemos identificar tais relações, enquanto repetição metafórica presentes nas narrativas de alguns dos participantes, como é o caso de SIV-1 e SIV-2⁷⁹. A seguir, o conjunto de SD referente à regularidade analisada neste tópico:

SE: *me fala um pouco sobre seu contato com/a língua portugue::sa...*

SIV -1: *como apren/é:: de aprender?*

SE: *Eh...como foram as primeiras experiên::cias ao tentar se comunicar no brasi::l?*

SD14: *lá em boa vista:: fue difícil porque lá fala muito rápido...demais de rápido entón en la hacienda onde eu trabalhei...ele faLÁVAN FALÁVAN FALÁVAN mas eu nó:::n nó:::n...non sentia atración de aprender...entendeu? así...no me importava...eu no queria aprender português...entendeu? (SIV-1 / RES 02)*

SD15: *por::... porque eu falava que eu ia trabalhar uns meses aqui no Brasil em Boa Vista e de/aí eu bou boltar pra Venezuela...entendeu? que passa que dehp::is nós começamo a falar con mia mae por telefone ela estava lá na Venezuela e ela falava que venezuela tava mu::ito ru::im a gent/ava passando muito fome...que melhor que nós ficamos lá/aqui no Brasil... entón diá mia mente tava ficando que tem que:: ficar aqui...tem que ficá/ate que/éu fiquei... de aí eu falei con:: con:: o patrón... nós falamo la patrón de la hacienda que eu queria aprender português...aí aí eu cambiei... outro pensar... (SIV-1 / RES 02)*

SD16: *...e ele falou “só você tem que:: que:: escuta::r lo que nós fala::mo...nós vamo a falar com/ocê mais devagar”... e ae eu comencei:: ele/e::u gostava era porque nós fica::mos... ele diega::va um dia por semana...era muito difícil pa/éu aprendier né? eu fica um dia por sema::na de aí... eu... quando ele vão embo::ra eu ficava triste porque/éu queria aprender depois quando ele voltava eu queria que/éle ficar a semana TOda ali... pa/éu*

⁷⁸ Há também, entre esses significantes, uma relação de pertencimento evidenciada pela marcação linguística do possessivo, contudo, como já tratamos desse tipo de regularidade, focalizamos aqui um outro aspecto de repetição.

⁷⁹ Uma síntese biográfica de cada um de nossos participantes, Sujeitos Imigrantes Venezuelanos, SIV, está disponível em nosso capítulo metodológico.

aprender... ele diebaba:: ele diebaba a sua esposa su filho avó::... sua família entendeu?...
(SIV-1 / RES 02)

SD17: *mas A PRINCÍPIO EU NÓ GOSTEI porqu/eu::: eu pensava que no iba:: a ficar aqui no Brasil..._não não vou aprender porque não vou fiCAR... de::pois quando eu vi a situação da mia família eu... tem que ficar... tem que aprender... mas... eu é con () con personas boas...* (SIV-1 / RES 02)

A partir dos grifos de SD14, *non sentia atración de aprender... entendeu? asi... no me importava... eu no queria aprender português... entendeu?*, percebemos uma *resistência*⁸⁰ em aprender a língua portuguesa por parte de SIV-1. Isso ocorre em seus contatos “iniciais” com o idioma, ou seja, quando começou a trabalhar no Brasil. Entretanto, essa resistência está relacionada ao que identificamos na SD seguinte, SD15, que suscitou em uma narrativa mais detalhada a partir de uma outra provocação colocada pelo SE, *Você pode falar um pouco mais sobre isso?*. Assim, na SD15, quando SIV-1 enuncia *porque eu falava que eu ia trabalhar uns meses aqui no Brasil em Boa Vista e de/aí eu bou boltar pra Venezuela...entendeu?* percebemos que o sujeito narra um momento onde ainda não existia um sentimento de pertencer ao Brasil, ao lugar onde a língua portuguesa é falada, o que marca a razão aparente da resistência, já que a casa, o lar de SIV-1, ainda era, pela formulação do intradiscurso em SD15, a Venezuela.

Essa relação com a moradia, o lar, começa a se deslocar conforme observamos a partir do trecho *começamo a falar con mia mae por telefone ela estava lá na Venezuela e ela falava que venezuela tava mu::ito ru::im*, assim, a opção para o sujeito seria repensar seu lar, *que melhor que nós ficamos lá/aqui no Brasil...entón diá mia mente tava ficando que tem que:: ficar aqui*. Então, quando a decisão se instaura, o discurso coloca o sujeito em um outro lugar, uma nova casa, onde se fala uma língua outra, mas da qual ele agora precisa tentar se apropriar: *ate que/éu fiquei... de aí eu falei con:: con:: o patrón... nós falamo la patrón de la facenda que eu queria aprender português...aí aí eu cambiei... outro pensar...*

Na SD16, o outro exerce papel fundamental no início do processo de aprendizagem da língua portuguesa por SIV-1, a partir do enunciado *e ae eu comencei:: ele/e::u gostava era porque nós fica::mos... ele diega::va um dia por semana...era muito dificil pa/éu aprendier né?* percebemos que existe uma relação transferencial entre os sujeitos, o sujeito aprendiz e

⁸⁰ A questão da *resistência* nos pareceu importante de ser mais um objeto de análise, enquanto uma regularidade específica a ser aprofundada neste capítulo.

imigrante e o sujeito fazendeiro e patrão, por meio do lapso *ele/eu* que ocupa a posição de sujeito do verbo *gostar* no enunciado: quem gosta? ele, SIV-1, ou o patrão? Há um lapso no enunciado que aponta para um equívoco, uma falha, que marca no intradiscurso a ocorrência de dois sujeitos que ocupam o mesmo espaço, a mesma posição em relação ao ato de gostar. Se ambos gostam e têm o desejo de ficarem juntos, estamos falando de processos de identificação que passam por uma relação transferencial com o outro e, conseqüentemente, com algo da ordem do desejo do outro: SIV-1 deseja aprender e o patrão deseja ensinar; qual é o objeto desejado? a língua. Existe, nesse contexto, a presença de mais um *entre-lugar*, o lapso, *ele/eu*. Existe, assim, a relação afetiva entre o sujeito e seu patrão, nesse *entre-lugar* da aprendizagem da língua portuguesa, evidentemente uma relação íntima, que se dá via presença, via bem-querer: a ausência do patrão desencadeou tristeza e interferiu no tempo e qualidade da processo de aprendizagem da língua portuguesa por SIV-1, pois o desejo pelo outro e pela sua língua – um outro que se formula no intradiscurso por meio do significante patrão cujos efeitos de sentido passam pela figura paterna e supostamente acolhedora, dando margem à uma relação com uma provável língua que (des)acolhe – também passa pela falta, já que esse outro, por vezes, se ausentou: *quando ele vão embo::ra eu ficava triste porque/éu queria aprender depois quando ele voltava eu queria que/éle ficar a semana TOda ali... pa/éu aprender*. A relação entre aprender uma língua e estar em um contexto familiar é tão forte para SIV-1, que o mesmo interpela SE no fim da sequência, *sua família, entendeu?* Temos assim a partir da formulação do enunciado de SIV-1, no modo como enuncia, no intradiscurso, efeitos de sentido que apontam a importância de uma estrutura familiar acolhedora e presente na aprendizagem de língua portuguesa.

Essa relação transferencial entre SIV-1 e a família do patrão implica a existência de um relacionamento intenso e extremamente importante na constituição do sujeito enquanto falante da língua do outro, no qual ele busca amparo. A ausência do outro remetia SIV-1 à tristeza: *quando ele vão embo::ra eu ficava triste porque/éu queria aprender depois quando ele voltava eu queria que/éle ficar a semana TOda ali... pa/éu aprender... ele diebaba:: ele diebaba a sua esposa su filho avó::... sua família entendeu?*. Por meio desses grifos percebemos a relação *com a língua do outro, com a família do outro, com a presença do outro, com a atenção do outro*, nessa *travessia simbólica* pela qual passa SIV-1. Observa-se uma trajetória que se desenvolve sob circunstâncias de acolhimento, pertença, em um novo lar. Portanto, a resistência inicial manifestada pelo apontamento do enunciado nos grifos de SD17, *A PRINCÍPIO EU NÓ GOSTEI porqu/eu::: eu pensava que no iba:: a ficar aqui no Brasil*, enunciado de início enfático e que valida a afirmação de que o processo de

aprendizagem só se tornou *objeto de desejo* quando SIV-1 decide⁸¹ ficar no Brasil, *de::pois quando eu vi a situação da mia família eu... tem que ficar... tem que aprender... mas... eu é con () con personas boas*, ou seja, o sujeito tem um novo lar, uma nova família e conseqüentemente uma nova língua.

A partir da leitura das narrativas expostas nesse conjunto de SD, a partir das provocações do SE e após os gestos de interpretação, argumentamos que a aprendizagem de uma língua para SIV-1 possui relação íntima com seu lar. Podemos então apontar uma regularidade a partir da leitura desses grifos: *minha língua é minha casa*. Neste ponto torna-se relevante pensarmos o termo língua materna (LM) na situação exposta acima: Pela formulação do intradiscurso, por mais contraditório que seja, há uma interdição feita pela mãe do sujeito no que concerne seu possível retorno à Venezuela.

Precisamos pontuar que é recorrente, na literatura psicanalítica, a interdição estar ligada à figura do pai, sendo conferido à mãe um papel de sustentação contínua do gozo de seu filho ou filha. Entretanto, o que está em jogo no fio do raciocínio é a questão da posição ocupada por estes sujeitos a partir de seu discurso, assim dizendo, acreditamos que a mãe pode assumir uma posição de interdição, assim como o pai pode assumir uma posição de sustentação do gozo, pois, nesta investigação, trabalhamos com o papel do sujeito via discurso e não com uma concepção de cunho biológico, que considera o corpo feminino da mãe ou o masculino do pai em relação aos seus papéis de formação atrelada e presa a um raciocínio de fundamentação orgânica. Isso acarretaria em um olhar categórico e inflexível (um olhar inconcebível) nos estudos sobre o discurso, e não é por meio de tal raciocínio, quase darwinista, que se dá a constituição epistemológica concebida pela AD ou, muito menos, pela Psicanálise.

Isso exposto, para SIV-1, a língua materna, além de ser a língua espanhola falada em seu país de origem, a Venezuela, também representa a língua de sua mãe e a sua língua materna. A partir do momento em que a língua da mãe o interdita dizendo que na Venezuela as coisas estavam ruins e que não era para ele retornar, há o deslocamento, como o próprio sujeito simboliza quando diz que: *entón diá mia mente tava ficando que tem que:: ficar aqui...tem que ficá/ate que/éu fiquei*⁸². Interessante observarmos que, neste momento de instauração da interdição da língua espanhola em prol da língua estrangeira, o deslocamento

⁸¹ Sabemos, a partir das análises, que não foi uma *decisão* como qualquer outra, já que, conforme expusemos anteriormente, na regularidade *travessia*, o que ocorre com os imigrantes venezuelanos é um *deslocamento compulsório por necessidade econômica*: Não há como permanecer onde não há trabalho.

⁸² “já então minha mente dizia que tinha que ficar... até que eu fiquei... até que falei para meu patrão que queria aprender português” (tradução nossa).

surge a partir da proibição do retorno ao lar e, conseqüentemente, à língua materna, a língua mãe. Desse modo, o deslocamento acaba por desembocar na possibilidade de aprendizagem da língua do outro, pela figura patriarcal, evidenciada pelo significante *patrão* da narrativa de SIV-1. O discurso do patrão, cabe observar, apesar de aparentemente acolhedor, também não deixa de interditar o sujeito, pois, conforme evidenciado no enunciado, há uma expectativa do outro no que tange a essa questão, uma necessidade do imigrante ter de aprender a língua portuguesa e deixar de falar como os venezuelanos escutando como o outro fala: *e ele falou “só você tem que:: que:: escuta::r lo que nós fala::mo...nós vamo a falar com/ocê mais devagar”*.

Lustosa (2018, p. 324) ao abarcar o conceito psicanalítico do *Nome do pai* ressalta que a função paterna, na obra lacaniana de 1938-1958, se dá em três avanços: “como imago, no âmbito da primazia do imaginário; como símbolo, na teoria da intersubjetividade; e como significante, na teoria estrutural”. Vamos lançar mão dessas informações, mais precisamente da teoria da intersubjetividade e da teoria estrutural, para sustentarmos a questão da *interdição materna/paterna* exposta neste gesto interpretativo, já que a AD também é atravessada pela Psicanálise, principalmente no que diz respeito ao simbólico e ao sujeito.

No que diz respeito a teoria da intersubjetividade, Lustosa (2018, p. 326) nos diz que ao discorrer sobre o pai como símbolo na teoria da intersubjetividade, Lacan⁸³ “já destacava a importância da ordem simbólica antes mesmo de fazer uma aliança mais profunda com a linguística estrutural, portanto ainda dentro do quadro de uma teoria da intersubjetividade”. De acordo com ela essa tese pressupõe que a psicanálise deveria considerar enquanto um critério verdadeiro na *praxis* clínica, não os fatos observáveis, “mas a realidade tal como nasce no interior da relação entre os sujeitos”; e termina seu argumento acrescentando que amparado em “referências à fenomenologia, ao existencialismo e ao hegelianismo, Lacan será levado a pensar a função do símbolo como elemento mediador que organiza a relação imaginária entre os sujeitos” (LUSTOSA, 2018, p. 326). O que defendemos em na análise da SD perpassa por essa função simbólica, mediadora e organizadora da relação entre os sujeitos, estamos falando de um pacto simbólico, de uma função simbólica. Apesar de muitos dizerem que a mãe, a figura materna, não é uma figura que interdita, mas que cede aos desejos do filho(a), essa figura pode sim, por meio de uma função simbólica, de um posicionamento, atuar enquanto interdição. São posições que os sujeitos assumem no discurso em determinados contextos movidos por determinadas circunstâncias. Nesse raciocínio, o patrão

⁸³ Cf. Os escritos técnicos de Freud (1953-1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983. (O seminário, 1).

de SIV-1 também pode interditar a língua materna ao mesmo tempo em que acolhe o imigrante e o aconselha a *falar como a gente* ao escutar *como nós falamos*.

Lustosa (2018, p. 326) aponta que quando determinado sujeito se diz pai de alguém e este simultaneamente aceita o papel de filho “ocorre um pacto simbólico, graças ao qual as características anteriores dos dois protagonistas serão apagadas: doravante, eles nunca mais serão os mesmos que eram antes do contrato”. Há um contrato nas relações estabelecidas entre os sujeitos, no caso do imigrante em questão temos, a princípio, um filho buscando a opinião, ou o aval, de sua mãe, ou seja, cogitando voltar para a Venezuela e em seguida temos um imigrante totalmente vulnerável em busca de amparo familiar e decidido a aprender a língua portuguesa, demanda esta que se manifesta na construção das relações simbólicas com seu patrão que traz, simbolicamente, a figura paterna de proteção e também de interdição, pois ao mesmo tempo que trazia SIV-1 para sua família, também o alertava para falar como eles. E isso traz consequências para SIV-1, pois:

“O símbolo introduz um terceiro elemento de mediação, que situa as duas personagens em presença, as faz passar a um outro plano, e as modifica” (LACAN, 1953-54/1983, p. 182). Isso porque a inscrição simbólica em um determinado lugar gera consequências imprevisíveis para o sujeito, cuja existência será transformada de uma forma que não está sob o controle do seu eu (moi). Aceitar ser pai, por exemplo, é assumir que a sua palavra terá peso sobre os seus filhos, mas de uma forma cujos desdobramentos não podem ser inteiramente conhecidos a priori, pois dependem de ressignificações levadas a cabo não só pelo filho, mas também pelos outros parceiros da comunidade humana. (LUSTOSA, 2018, p. 326).

Há também a resistência que surge no sujeito, ao se dar conta da necessidade de deslocar-se, que conseguimos perceber por meio do lapso *lá/aqui* que nos provoca ao questionamento dos papéis desses lugares, em uma relação ausência/presença nessa travessia migratória que demanda de SIV-1 um recomeço permeado por uma nova e desafiadora língua, ou seja, o Brasil é para o sujeito seu novo país, sua nova casa, assim, ele precisa aprender a língua de sua casa, pois sua língua é seu lar. Não por menos, sua língua é também sua família.

No que ainda diz respeito à identificação da regularidade presente entre língua, lar e família e sua respectiva representação, *minha língua é meu lar e minha família*, podemos perceber o quão pulsante tal regularidade e sua respectiva representação se desenvolve durante a narrativa de SIV-1, pois o mesmo conclui a resposta às primeiras provocações em torno da pergunta 02 do RES, reiterando que “a princípio eu não gostei (de ter de aprender o português) porque não ia ficar aqui no Brasil... *não vou aprender porque não vou ficar...*

(entretanto) depois, quando vi a situação da *minha família*... pensei ‘tenho que ficar, tenho que aprender... mas deve ser com *pessoas boas*’. Ainda no que tange à regularidade em questão, podemos destacar que *falar uma língua é ter segurança e ser acolhido por ela*.

uhum... e: : como foram as primeiras experiên: : cias ao tentar: : se comunicar no Brasil?

(SE / RES 02)

SD18: *eh: : : : eu acho que diá eu eu diá eu queria viadiar pra cá pra o Brasil... porque eu escutava muito que pra outros países tinha muita CENOFO: :BIA pra VENEZUELA: : NOS então quice eu preferi viajar para o Brasil... não se escutava tanto isso... então: : eu: : : : diá o tenia diá como: : : : diá o estava ESTUDANDO um pouco português diá lá: : : : na Venezuela... (SIV-2 / RES 02)*

e: : como que... fala um pouco sobre seu conta: :to com a língua portuguesa... ah: : como você começou a aprender/você começou a aprender na Venezue: : la... e: : como que foi esse contato aqui no Brasil também: : essas eh: : você tentava falar PORTUGUÊS: : eh: : o quê que acontecia? como que você começou a tentar falar português?... (SE / RES 03)

SD19: *si porque:::... como falei antes eu diá queria vir para o Brasil... e diá meu namorado também estava aqui... então eu:: diá tenia como que una idea que algum dia eu bou biajar pra Brasil ou:: eu eu é outro idioma então tem que ESTUDA::R eu tenho que APRENDE::R TUDO DE NOVO... EU ACHEI QUE ERA MAIS DIFÍCIL MAS AGORA QUE IO ESTOI AQUI:::... eu eu penso que pode ser QUASE IGUAL... (SIV-2 / RES 03)*

Portanto, no que diz respeito a regularidade, *acolhimento, segurança e pertencimento*, em concordância com os objetivos específicos, podemos traçar algumas observações importantes. Primeiramente, no que diz respeito ao participantes, a partir das provocações, identificamos nas SD: a) regularidades discursivas sobre língua(s) que apontam para uma relação entre *língua, família e lar*; b) representações sobre língua(s) que evidenciam a relação metafórica que *a minha língua é ao mesmo tempo a minha família e o meu lar*, não importa se esta é, a princípio uma língua estrangeira; c) e no que tange a como essas representações sobre língua(s) e sobre si se relacionam com os processos identificatórios dos sujeitos, fica evidente a importância de ser permeado pelo afeto e pelo acolhimento nesse processo, pois o deslocamento, a travessia simbólica, somente se instaura a partir da interdição materna: o

sujeito já tinha conhecimento tanto da questão econômica de antes quanto do momento em que cogita voltar, entretanto é interdito pela mãe e acolhido pelo patrão (pai) e sua família, que dão a esse sujeito o acolhimento necessário para que ele aceite a língua portuguesa como a língua de sua (nova) família e de seu (novo) lar. Cabe a partir deste ponto da dissertação, após abordarmos as regularidades das SD que apontam para representações sobre a língua enquanto lar e sobre o sujeito enquanto desejante desse lar, falarmos sobre uma outra regularidade presente nos discursos dos participantes, regularidades que apontam para a resistência do sujeito a esse outro.

4.7 Resistências

Observemos neste momento, a retomada das seguintes SD, embora com grifos diferentes (por isso utilizamos da marca linha ,', para identificá-las):

me fala um pouco sobre seu contato com/a língua portugue::sa... (SE / RES 02)

como apren/é:: de aprender? (SIV-1 / RES 02)

É...como foram as primeiras experiên::cias ao tentar se comunicar no Brasi::l? (SE / RES 02)

SD15': *por::... porque eu falava que eu ia trabalhar uns meses aqui no Brasil em Boa Vista e de/aí eu bou boltar pra Venezuela...entendeu? que passa que depo::is nós começamo a falar con mia mae por telefone ela estava lá na Venezuela e ela falava que Venezuela tava mu::ito ru::im a gent/ava passando muito fome...que melhor que nós ficamos lá/aqui no Brasil... entón diá mia mente tava ficando que **tem que:: ficar aqui... tem que fica/ate que/éu fiquei**... de aí eu falei con:: con:: o patrón... nós falamo la patrón de la facenda que eu queria aprender português...aí aí eu cambiei... outro pensar... (SIV-1 / RES 02)*

SD17': *mas A PRINCÍPIO EU NO GOSTEI porqu/eu::: eu pensava que no iba:: a ficar aqui no Brasil... não não vou aprender porque não vou fiCAR... de::pois quando eu vi a situação da mia familia eu... **tem que ficar... tem que aprender**... mas... eu é con () con personas boas... (SIV-1 / RES 02)*

e: : como que... fala um pouco sobre seu conta: :to com a língua portuguesa... ah: : como você começou a aprender/você começou a aprender na Venezue: : la... e: : como que foi esse contato aqui no Brasil também: : essas eh: : você tentava falar PORTUGUÊS: : eh: : o quê que acontecia? como que você começou a tentar falar português?... (SE / RES 03)

SD19': *si porque:::.... como falei antes eu diá queria vir para o Brasil... e diá meu namorado também estava aqui... então eu:: diá tenia como que una idea que algum dia eu bou biajar pra Brasil ou:: eu eu é outro idioma então **tem que ESTUDA::R eu tenho que APRENDE::R TUDO DE NOVO... EU ACHEI QUE ERA MAIS DIFÍCIL MAS AGORA QUE IO ESTOI AQUI:::...*** eu eu penso que pode ser **QUASE IGUAL...** (SIV-2 / RES 03)

Percebemos que tanto SIV-1 como SIV-2 trazem em seus discursos, ao responderem às provocações RES 02 e RES 03, algumas marcas linguísticas que carregam efeitos de sentido sobre algo da obrigatoriedade, efeitos veiculados pelo uso do verbo *ter* mais a conjunção *que*, ou seja, um *ter que*. A partir desta exposição, em SD15' há o enunciado *tem que:: ficar aqui...tem que ficá/ate que/éu fiquei....* Na mesma linha de raciocínio, em SD17' há o dizer *tem que ficar... tem que aprender... mas... eu é con () con personas boas*. Finalmente, em SD12' nos deparamos com *tem que ESTUDA: :R eu tenho que APRENDE: :R TUDO DE NOVO*, exposto no campo simbólico de SIV-2 .

As relações discursivas em torno de quaisquer sentidos que apontem para uma noção de obrigatoriedade aparentemente transparente, veiculada pela expressão *tem que* nessas SD, também nos levam para uma outra questão que nos é exposta, via simbólico, por essa mesma elaboração do dizer no intradiscurso e que nos remete para uma relação de resistência frente à língua do outro, à LE. É preciso pontuar que não iremos nos adentrar no conceito psicanalítico, mais precisamente da clínica em Freud e Lacan, que trata da resistência já que, neste caso, não estamos tratando de uma relação discursiva estabelecida em contexto clínico ou seja entre analista e analisando. Dessa forma, tratamos aqui de uma noção um pouco mais específica, mais precisamente daquela que diz respeito à resistência à língua do outro. Para tanto, lançamos mão das contribuições de Revuz (2006)⁸⁴ trabalhadas em um artigo que trata das razões que tangenciam as taxas de insucesso globalmente notadas na aprendizagem de línguas estrangeiras.

⁸⁴ Cf. Christine Revuz (2006) em artigo intitulado *A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio*.

Ao discorrer sobre os desafios de se aprender uma língua estrangeira, a autora advoga que a língua, enquanto objeto de conhecimento intelectual, se faz também como o objeto de uma prática. A esse respeito, para a pesquisadora tal “prática é, ela própria, complexa”, pois ela toca uma prática “de expressão, mais ou menos criativa” e então “solicita o sujeito, seu modo de relacionar-se com os outros e com o mundo”, sendo assim, de maneira efetiva “essa aprendizagem mobiliza, em uma interação necessária, dimensões da pessoa que geralmente não colaboram, nem mesmo convivem, em harmonia” (REVUZ, 2006, p. 216-217). Nessa conjunção, Christine Revuz (2006, p. 217) defende que o sujeito “deve pôr a serviço da expressão de seu *eu* um vaivém que requer muita flexibilidade psíquica entre um trabalho de corpo” que vai passar por questões de ordem fonética e fonológica, juntamente com todos os tipos de articulações possíveis em seu aparelho fonador, além de um trabalho que envolve a prática de se memorizar as estruturas linguísticas. A partir disso, a autora levanta a hipótese de que muitos dos insucessos na aprendizagem de línguas estrangeiras “podem ser analisados como uma incapacidade de ligar essas três dimensões: afirmação do *eu*, trabalho do corpo, dimensão cognitiva” (REVUZ, 2006, p. 217).

É justamente neste ponto do argumento de Revuz (2006) que conseguimos fazer uma ligação com o que denominamos por resistência ao nos referirmos às SD. A partir da hipótese apontada acima, a autora formula uma outra, mais profunda e fundamental. Nesse cenário, consoante as ideias da pesquisadora, tem-se que o exercício pretendido por meio do processo de aprendizagem de uma língua estrangeira se mostra frágil. Dessa forma, tal fragilidade ocorre porque “ao solicitar , a um tempo, nossa relação com o saber, nossa relação com o corpo e nossa relação com nós mesmos”, relações estas que se estabelecem para o aprendiz enquanto “sujeito-que-se-autoriza-a-falar-em-primeira-pessoa”, também se fazem necessárias ao processo as mesmas essências que constituem nossa estruturação psíquica, em outros termos, é preciso que ocorra “aquilo que é, a um mesmo tempo, o instrumento e a matéria dessa estruturação: a linguagem, a língua chamada materna” (REVUZ, 2006, p. 217).

Assim, a partir do fio discursivo de SIV-2, mais precisamente na SD19’, a enunciação *tem que ESTUDA: :R eu tenho que APRENDE: :R TUDO DE NOVO...*, se faz possível vislumbrar uma determinada relação. Pode-se dizer que esta relação faz encadeamento desse *algo novo*, representado enquanto a aprendizagem de uma LE, com *um tudo de novo*, pois por meio da elaboração intradiscursiva presente no enunciado de SIV-2 ocorre *novamente* um processo que remete o sujeito ao seu processo inicial de aprendizagem da LM. Portanto, a partir dessas observações, podemos perceber que SIV-2 se refere ao processo de aprendizagem da língua espanhola, na Venezuela. Sobre esse processo, podemos ainda

apontar, consoante as ideias de Revuz (2006, p. 2017), que “toda tentativa para aprender uma outra língua vem perturbar, questionar, modificar aquilo que está inscrito em nós com as palavras dessa primeira língua” e se há perturbações e incômodos, há resistências.

Nesse raciocínio, a regularidade identificada nas SD acima, *tenho que* evoca, ou seja, traz à lembrança o já-dito, constituinte da memória por meio do interdiscurso, que a partir da exterioridade traz à baila questões da ordem da obrigatoriedade. Memória esta que se manifesta e se materializa sendo elaborada no intradiscurso de SIV-1 e SIV-2. Tal elaboração intradiscursiva se organiza em torno do complemento frasal *tudo de novo*, ou seja, surge a partir de uma materialidade linguística que nos remete a sentidos que se imbricam na relação com a *obrigação*, o *dever*, a *missão*, a *tarefa*, o *trabalho*, a *responsabilidade*.

Por conseguinte, nos trechos destacados, além desses efeitos de sentido, já esperados na elaboração intradiscursiva enquanto possíveis complementos, a partir de *tem que* há, ademais, a presença notável de uma entonação. No que tange a esse aspecto específico, representado em caixa-alta pela transcrição e que identifica uma intensidade significativa em um momento pontual da enunciação, representada na SD por meio do registro transcrito dos elementos linguísticos *ESTUDA: :R* e *APRENDE: :R TUDO DE NOVO*, é possível perceber que SIV-2 tem consciência dessa *obrigação* enquanto necessidade presente em sua travessia (simbólica) migratória. Isso exposto, nota-se, entretanto, que o sujeito ainda oferece resistência frente a essa *nova* etapa, pois, para dar continuidade a essa travessia, o migrante precisa e *deve* se inserir na língua do outro, tal como *teve que* fazer com sua LM. A partir desse contexto, pode-se vislumbrar que este é um processo que irá demandar de SIV-2 certo tempo e *esforço* que, considerando a atual conjuntura de sua trajetória, o sujeito acredita não ser ideal, uma vez que tal trajetória e percurso (já) ocorrera anteriormente em seu país enquanto estudava e aprendia o espanhol.

A partir do que expusemos no início deste capítulo sobre as regularidades *travessia* e a língua enquanto um *lar (não) meu*, pensando na relação destas com a regularidade em análise neste ponto da dissertação, que diz respeito à *resistência ao outro*, convém pontuarmos novamente que em uma *travessia* há efeitos de sentido que passam pela questão da *incerteza* e do *perigo*, ou seja, da (in)segurança, assim como a relação com a língua se estabelece a partir dessa mesma (in)segurança e (des)acolhimento. Destarte, ao mesmo tempo em que o sujeito constrói no seu intradiscurso enunciados que trazem dizeres *já-lá* e que, conforme já exposto, remetem a representações sobre língua que passam pela ordem da *segurança* e do *lar*, também pulsam no fio do discurso representações que passam justamente por sentidos opostos, afinal de contas, a língua do outro é a que causa *estranhamento* e *resistência*.

Sendo assim, concordamos com Revuz (2006, p. 223) que nos aponta que “pela intermediação da língua estrangeira se esboça o descolamento do real e da língua”, portanto, “o arbitrário do signo lingüístico torna-se uma realidade tangível, vivida pelos aprendizes na exultação... ou no desânimo”. Nessa conjunção, tal arbitrariedade designada ao signo lingüístico, primordialmente com respeito ao seu aspecto *não transparente*, ou seja, cujo efeito de sentido *não pode ser controlado*, aponta para representações sobre língua e sobre si por meio das narrativas dos SIV. Isso exposto, pode-se considerar que tais representações nos remetem a sentidos em torno do *(não) familiar*, da *(in)segurança* e do *(des)acolhimento*: representações que nos remetem ao *Unheimlich*. Em vista disso, antes de refletirmos sobre as análises, mais especificamente sobre o que elas nos trazem até este momento da escrita, principalmente com respeito ao *Unheimlich*, faz-se necessário discorrer sobre esse conceito, mormente, no que se refere ao seu uso no âmbito da literatura psicanalítica.

A origem do conceito, pelo que tudo indica, vem de uma publicação de Freud que data de 1919 amplamente conhecida pelos estudiosos e pelos interessados por psicanálise enquanto *Das Unheimlich*. Dito isto e ao considerar o que nos relata Chnaiderman (2006) sobre essa questão, tem-se que a primeira dificuldade encontrada nessa publicação específica de Freud diz respeito à sua tradução, mais especificamente, em se galgar traduzir, ao pé da letra, a palavra *Unheimlich*. A princípio, de acordo com a psicanalista, o “*unheimlich* é um sentimento advindo de um efeito de *estranheza* que atinge o *conhecido* e o *familiar*, provocando ansiedade”, nesse contexto, a autora chega a esse sentido sobre a palavra a partir do que fora exposto por Schelling via Freud por meio de uma explanação sobre o *unheimlich* que o concebe enquanto o que resulta de tudo aquilo que, “destinado a permanecer em segredo, oculto (...) veio à luz” (CHNAIDERMAN, 2006, p. 65, grifos nossos). Dessa maneira, é por meio de um levantamento nos dicionários da palavra alemã *heimlich*, declara Chnaiderman (2006, p. 66), que começa o texto de Freud, ou seja, foi a partir da curiosa etimologia da palavra *heimlich*, que “vem de heim (lar) e significa íntimo, familiar, e também secreto, clandestino, que não deve ser mostrado” que o conceito da palavra, em relação à sua atribuição tanto à clínica quanto ao dizer, se desenvolve. Nesse contexto, a psicanalista também aponta que Freud buscou por outras versões de *Unheimlich* para várias outras línguas, encontrando outros correlatos e sinônimos, porém, no que diz respeito ao italiano e ao português, Freud afirmava não existir uma palavra apropriada que funcionasse enquanto uma tradução.

Dessa maneira, sobre *Das Unheimlich*, Chnaiderman (2006) ressalta que na edição brasileira o ensaio tem o título de *O estranho* que remete a *estrangeiro*, *externo*, *admirável*,

esquisito, misterioso, alheio, desconhecido. Em virtude dessas questões em torno da busca por uma tradução ideal para a palavra, Chnaiderman (2006) decide lançar mão da designação defendida por Sara Kofman (1974)⁸⁵ que, em francês, traduziu o ensaio para *l'inquietante étrangeté* e que levou também, nessa mesma linha, alguns autores a usar como tradução “o *estranhamente familiar*” que se tornou a forma pela qual a psicanalista e também o pesquisador desta dissertação optam por designar *unheimlich* (CHNAIDERMAN, 2006, p. 65, grifos nossos). Ainda no que se refere a essa conjuntura, a autora nos informa que ao traçar conclusões sobre o conceito em torno do *estranhamente familiar*, o neurologista e psiquiatra austríaco afirma que “em tudo que é familiar está sempre contida a idéia de ocultação”, sendo assim, ainda consoante às contribuições da psicanalista e pesquisadora citada, tanto “*Unheimlich* e *heimlich*, seguindo uma ambivalência, acabam se unindo: a partir da noção de familiar, desenvolve-se o conceito de oculto, secreto” (CHNAIDERMAN, 2006, p. 66).

Em consonância ao que fora exposto até aqui, é preciso ressaltar que nas leituras de Jacques Lacan sobre as obras de Freud sempre há questões que abordam o sujeito, sendo este o da linguagem e também o da angústia. Pode-se dizer a esse respeito que estas questões são abordadas via interpretação singular atribuída ao psicanalista francês, que se fez conhecer por meio da releitura da obra freudiana. Sendo assim, no que diz respeito ao *Unheimlich*, Miriam Chnaiderman nos informa que em concordância com a interpretação lacaniana, mais precisamente no seminário acerca da angústia, o *heim* em *Unheimlich* funciona enquanto a casa do homem e

O homem encontra sua casa num ponto situado no Outro, além da imagem de que somos feitos, e este lugar representa a ausência em que estamos (...) se apropria da imagem que a suporta e a imagem especular torna-se a imagem do duplo com aquilo que ela traz de estranheza radical (...) nos fazendo aparecer como objeto por nos revelar a não-autonomia do sujeito. (CHNAIDERMAN, 2006, p. 67)

Em consonância com o que foi argumentado por Stübe (2008) a respeito do conceito sobre o Outro, pontuamos que ao fazermos menção a este conceito, estamos nos referindo às relações *com o Outro* e *com os outros*. Sendo assim, segundo Stübe (2008), a “noção de Outro remete ao Inconsciente, e a de outro aos diferentes enunciadores, construídos imaginariamente”, à vista disto, uma vez que estamos tratando de relações, via linguagem,

⁸⁵ Cf. Kofman, Sarah – “Le double e(s)t le diable” in *Quatre romans psychanalytiques*, Paris, Galilée, 1974.

“acreditamos que seria mais apropriado utilizar o termo ‘outro’, ao invés de Outro (inconsciente)” (STÜBE, 2008, p. 99, grifos da autora).

Pode-se perceber, a partir do que foi argumentado e considerando as SD desta pesquisa, que após discorrermos sobre o conceito de *unheimlich* o que vem à baila é justamente a problemática em torno dos efeitos de sentido provocados por este significante, mais precisamente, quando percebemos que há, para o sujeito, a existência de uma posição ou situação em seu discurso que apontam para regularidades no fio do discurso que nos remetem ao *(des)acolhimento* e à *(in)segurança*. Tais regularidades se *(des)velam* ao abordarmos significantes que metaforicamente se relacionam com sentidos que passam pela ordem do *lar*, da *casa*, do *acolhimento* e da *segurança*. Entretanto, faz-se importante perceber que tais sentidos não se constituem nos enunciados apenas a partir de uma perspectiva enunciativa do *heim*, ou seja, da *segurança* e do *acolhimento* de um *lugar familiar*, mas também por meio da negação ou da oposição que se manifestam a partir da *falta* desta condição. Nota-se, portanto, que a *falta* em questão se manifesta no prefixo negativo em alemão *un*, sendo que ela nos remete a um outro olhar sobre os enunciados das SD observadas nos capítulos: efeitos de sentido que passam a tocar o que diz respeito à *incerteza*, à *insegurança*, ao *não acolhimento*, ao *estranho*, ao *não familiar*, à *resistência* e ao *perigo*.

Portanto, consoante às perguntas de pesquisa estipuladas enquanto os objetivos específicos desta investigação, que representações sobre língua(s) e sobre si encontramos nas narrativas expostas nas SD deste capítulo? A partir delas, o que podemos dizer sobre os processos identificatórios dos SIV? No intuito de responder essas questões, voltamos a observar que as representações, consoante ao que nos diz Coracini (2015), são da ordem das *imagens de si e do outro*, já que ao falar do outro, ao narrar sobre o outro, o sujeito também narra e fala sobre si. Portanto, há nas narrativas representações sobre língua(s) e sobre si que nos apontam para o *Unheimlich*, ou seja, para tudo aquilo que é da ordem do *estranhamente familiar*, que se faz elaborar no intradiscurso dos SIV analisados a partir de marcas linguísticas que evidenciam uma *travessia simbólica*. As regularidades apontadas neste capítulo se fazem *resistir* no fio discursivo via construções em torno de *relações de obrigatoriedade* que em determinados enunciados evidenciam a *resistência* do sujeito em relação ao outro. A língua para os SIV, portanto, é esse lugar do que é *estranhamente familiar*, falada por um sujeito ora estranho, ora ilusoriamente conhecido. Podemos observar a partir da regularidade *resistência* que a representação *Unheimlich*, que diz respeito ao estranhamente familiar sobre a língua e sobre si. Dessa maneira, as regularidades nos possibilitam vislumbrar as resistências presentes na travessia simbólica constitutiva dos processos identificatórios

pelos quais passam os Sujeitos Imigrantes Venezuelanos. As regularidades apontam para representações que são da ordem da *falta*, da *angústia*, do *estranhamente familiar*, portanto, elas se imbricam no campo de uma travessia simbólica que passa pelo outro, que no caso desta pesquisa se manifesta primordialmente enquanto a LE, ao tentar se (re)constituir via língua(gem).

“Viver (...) é muito perigoso. (...) Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo. (...) Travessia perigosa, mas é a da vida. Sertão que se alteia e se abaixa. (...) O mais difícil não é um ser bom e proceder honesto; dificultoso mesmo, é um saber definido o que quer, e ter o poder de ir até no rabo da palavra”

(Guimarães Rosa)

Esta travessia exploratória nos levou a um percurso investigativo que buscou, antes de mais nada, dar voz aos sujeitos imigrantes venezuelanos. A travessia exploratória nasce a partir da delimitação do objeto de estudo escolhido, ou seja, as narrativas desses imigrantes. Aprofundar as investigações acerca deste objeto se justifica pela necessidade de serem desenvolvidas pesquisas regionais que tangenciam a temática da migração venezuelana no Brasil, resultante das consequências impostas por questões econômicas e sociais, que forçam esses sujeitos a buscarem um lugar outro. Algumas regiões em particular possuem enorme demanda por pesquisas que abordam essa temática da migração compulsória, por conta da nova dinâmica sociocultural e econômica que passa a constituí-las a partir dos efeitos trazidos pelas trajetórias migratórias, como é o caso da Região Oeste de Santa Catarina, onde esta pesquisa se deu, mais precisamente, no município de Chapecó, que ao longo das últimas décadas recebe um número significativo de imigrantes advindos de processos de migração forçada (OLIVEIRA, 2013), o que leva esse lugar a se encontrar em um *ser-estar-entre-línguas-culturas*, um lugar do qual podemos capturar traços de identificação que nos permitem entender de que maneira a identidade móvel e dinâmica do indivíduo se constitui pela língua(gem) (CORACINI, 2013).

Vimos, consoante informações do ACNUR (2021), que apesar de mínimas restrições legais e permissões de trabalho fáceis de serem conseguidas no Brasil, os imigrantes ainda enfrentam desafios no que diz respeito a sua integração ao sistema educacional, aos programas de proteção social e ao mercado de trabalho formal. Entretanto, a maioria das informações que obtemos sobre o imigrante nunca parte dele e foi justamente a partir dessa inquietação que nasceu a problemática da investigação, ou seja, de que forma os imigrantes venezuelanos narram sua trajetória migratório e, a partir dessa narrativa, que representações

sobre língua(s) e sobre si se fazem movimentar nesse campo simbólico? Estabelecemos, portanto, o questionamento norteador da pesquisa. A partir desta problemática estabelecemos os objetivos da investigação. O objetivo geral foi o de analisar que representações sobre língua(s) e sobre si emergem das narrativas dos imigrantes venezuelanos, SIV, aprendizes de língua portuguesa, residentes no município de Chapecó, Oeste catarinense, e imersos em um *ser-estar-entre-línguas-culturas*. Foi então partindo deste objetivo geral que delimitamos três objetivos específicos: a) que regularidades discursivas sobre língua(s) emergem dos recortes; que regularidades discursivas presentes nos recortes apontam para representações sobre si que permeiam essas narrativas; finalmente, c) como as representações sobre língua(s) e sobre si se relacionam com os processos identificatórios dos participantes.

Para compreender essas questões, trazidas pela problemática exposta e estabelecida enquanto meta investigativa a partir da delimitação dos objetivos, desenvolvemos o primeiro capítulo, *entremeios*, enquanto o capítulo teórico da dissertação e nos amparamos na AD franco-brasileira (PÊCHEUX, 2009; ORLANDI, 2005) atravessada por alguns conceitos da Psicanálise (CORACINI, 2015; LACAN, 1998). No que diz respeito a esse aparato teórico metodológico, vimos que o fato de a AD ser concebida enquanto uma disciplina de entremeio (ORLANDI, 2020) nos possibilitou lançar mão de um movimento pendular (PETRI e DIAS, 2013) que conduziu os gestos de interpretação (ORLANDI, 2020). Para embasar as análises feitas pelos gestos de interpretação tivemos que passar por conceitos-chave e essenciais a esta pesquisa, conceitos que a amparam epistemologicamente e metodologicamente.

Para tanto, baseados nos estudos de Orlandi e suas observações sobre os trabalhos de Michel Pêcheux, nos amparamos no argumento de que existe uma memória no dizer, ou seja, a presença do interdiscurso, por meio da qual “os sentidos são sempre referidos a outros sentidos e é daí que eles tiram a sua identidade” (ORLANDI, 2020, p. 29). Vimos que a(s) língua(s) e sujeitos, a partir do olhar para as suas exterioridades constitutivas, são atravessados pelos efeitos de real, incompletudes e furos enquanto efeitos da historicidade na língua(gem) e no inconsciente. A prática teórico metodológica demandada pela pesquisa requisitou um olhar analítico que nos conduzisse para os entremeios da história, da ideologia, do sujeito e da língua. Discorremos também sobre as condições de produção da investigação divididas em Condições de Produção em sentido amplo, onde buscamos construir as relações da memória discursiva com a imigração no Oeste catarinense, e Condições de Produção em sentido estrito, que nos levaram a argumentar sobre o papel da transferência na relação dos participantes com a pesquisa, o lugar e o pesquisador. Observamos que o discurso é justamente esse lugar do entremeio, a partir do qual podemos identificar os furos e os

equivocos presentes nas narrativas dos participantes, assim como as regularidades que nos remetem a uma apropriação do campo simbólico enquanto o lugar das representações que estabelecem relações com os processos identificatórios dos sujeitos venezuelanos que, nesta investigação, não apenas narram sobre seu processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, mas todo um percurso, toda uma travessia permeada por um *ser-estar-entre-línguas-culturas*.

No segundo capítulo, *O olhar explorador*, discorre-se sobre o percurso de chegada à Chapecó e sobre as principais características relacionadas à dinâmica migratória observada pelo município durante esse período. Expomos também como foi todo o processo referente ao estabelecimento da pesquisa que só foi possível graças às colaborações do Centro de Línguas da Universidade Federal da Fronteira Sul e da Pastoral do Migrante. Em seguida, abordamos a metodologia aplicada a esta pesquisa, desde se sua tramitação inicial pelo Comitê de Ética de Pesquisa da UFFS e do desenvolvimento dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido até a elaboração do Roteiro de Entrevista Semiestruturada, a coleta de dados sobre os participantes, a condução e a transcrição das entrevistas, a construção do *corpus* e os recortes das Sequências Discursivas. Após toda essa dinâmica, argumentamos sobre a importância dos gestos de interpretação na abordagem teórico metodológica da investigação, ou seja, consoante ao que declara Orlandi (2020) defendemos que a interpretação é constitutiva da língua, do sentido e do sujeito. Portanto tanto o sentido como o sujeito se (re)constituem via interpretação uma vez que “a interpretação *faz* o sujeito” e a “interpretação *faz* sentido” (ORLANDI, 2020, p. 85, grifos da autora).

No terceiro capítulo, *Ser-estar-entre-línguas-culturas*, consoante as informações expostas por Coracini (2013), defendemos a língua enquanto o lugar do simbólico em um constante *estar-entre* que (re)constitui o sujeito e a língua(gem). Dessa forma, vimos que o sujeito se faz representar ao mesmo tempo em que representa o(s) outro(s), lugar(es) que permite(m) ao sujeito expor (in)conscientemente tanto seus laços como seus nós de identificação e resistência. Defendemos com base na materialidade linguística encontrada no *corpus* e nos estudos de Eliana Sturza (2019a, 2019b) o portunhol enquanto campo simbólico do ser-estar-entre-línguas que permeia a travessia migratória dos participantes da pesquisa. Descrevemos as quatro formas de portunhol defendidas por Sturza (2019a, 2019b), a saber, portunhol selvagem, portunhol interlíngua, portunhol uruguaio e portunhol língua de fronteira. Após essas observações defendemos o portunhol desta investigação enquanto língua de fronteira simbólica. Finalmente, a partir das análises das SD deste capítulo encontramos regularidades de negação e rebeldia na formulação do intradiscorso dos SIV por meio do

marcador discursivo *bueno*; percebemos também a regularidade *parecenças* enquanto constitutiva das representações sobre língua e sobre si no discurso dos sujeitos participantes. A partir dessas representações, observamos que os processos identificatórios que atravessam o sujeito imigrante venezuelano na sua relação com o outro e a língua outra se dão tanto pela negação à aprendizagem dessa língua quanto pelo desejo de se falar exatamente como o outro, no caso o falante nativo do português, ou seja o brasileiro.

No último capítulo desta investigação, *Travessia*, a partir das SD analisadas, foram identificadas, sempre com vistas aos objetivos, conjuntos de regularidades que apontam para representações sobre língua(s) e sobre si cujos efeitos de sentido de *travessia*, *posse*, *lar*, *resistência* e *(in)segurança* atravessam o sujeito, via processos identificatórios, (re)constituindo sua relação com o outro e com a língua outra. O conjunto das SD aponta para aspectos em torno de efeitos de sentido inerentes a uma *travessia simbólica*, ininterrupta e contraditória; o segundo nos remete a efeitos de sentido que apontam para uma relação metafórica exposta a partir de sentidos sobre a *língua enquanto lar*, sobre um lugar linguístico aparentemente (in)seguro e aparentemente (des)acolhedor; o terceiro conjunto de regularidades nos direciona para a *resistência* (ao outro) e para os efeitos do *Unheimlich*, identificados a partir de efeitos de sentido presentes nos relatos de vivência dos participantes durante o percurso migratório até sua chegada em Chapecó; finalmente, o quarto conjunto de regularidades nos possibilita a identificação do lugar do estranhamento, do que não é familiar, do que ressalta o desconforto e a angústia presentes a partir dos sentidos produzidos em narrativas que evidenciam a existência de um lugar ao qual o sujeito imigrante venezuelano (ainda) não pertence, um lugar dotada de fronteiras, não apenas geográfica, mas também invisíveis, ou seja, o lugar inquietante e nada familiar do *Unheimlich*.

A pesquisa mostra a partir da análise das vozes constituintes da migração forçada que este processo se dá em um entremeio de dificuldades e barreiras, pois o percurso é dotado de um confronto interminável com o outro. Este outro se mostra para o sujeito enquanto um lugar estranho, um lugar que o interpela a ser como ele, o lugar da língua, que é o lugar da cultura, das relações sociais, da oportunidade, o sujeito se coloca em comparação com esse outro, o que faz com que ele, apesar de ser assujeitado pela ideologia constituinte de seu discurso, pois a subjetividade em AD está relacionada aos esquecimentos conforme nos mostra Pêcheux e Fuchs ([1975] 2014).

Em se tratando de um *ser-estar-entre-líguas-culturas* constituinte da travessia migratória, ainda em curso, destaca-se que esta condição se materializa na pesquisa por meio da nuance do portunhol que diz respeito a uma fronteira simbólica. A fronteira simbólica se

estabelece no campo da linguagem quando aponta para os obstáculos existentes na travessia dos imigrantes venezuelanos no Oeste catarinense. Percebemos o quão importante e significativo os efeitos de sentido em torno da regularidade travessia mostram como a trajetória constituinte da migração é perigosa e desafiadora; percebemos por meio da regularidade da língua enquanto *lar (não) meu* que algo decisivo no processo migratório se dá a partir da expectativa que o sujeito coloca em se tornar acolhido por este novo lugar mesmo existindo desacolhimento; percebemos que o processo de aprendizagem da língua portuguesa remete o sujeito a um *ter que começar tudo de novo*, pois esse rio cultural por onde o imigrante atravessa é dotado de malogros e isso desencadeia a *resistência* no sujeito quando interpelado a narrar seu processo migratório e suas experiências com a LE.

Longe de concluirmos alguma coisa sobre esta pesquisa – mesmo porque, enquanto pesquisadores do discurso, prezamos sempre pelo movimento e pelo aprofundamento, por novas possibilidades e novos olhares – por enquanto, podemos apenas refletir sobre uma jornada e uma fronteira simbólicas que ainda nos trazem vários questionamentos. Entretanto, podemos dizer que o sujeito imigrante venezuelano ainda se encontra em um movimento contínuo de busca pela (re)construção de suas relações de identificação, e que essa embocadura em um lugar outro o angustia constantemente. As representações encontradas nesta pesquisa apontam para significantes que carregam o estranhamento, o (des)acolhimento, a (in)segurança, mas também para significantes que carregam sonhos, desejos, esperança, pertença, e amor. Muito se diz sobre as narrativas construídas sobre a Venezuela, muito se diz também sobre os processos migratórios. Não nos coube, nesta investigação, analisar o que o outro, o verdadeiramente estranho, diz a respeito dessas narrativas, muito pelo contrário, o que buscamos aqui, foi dar voz às narrativas mais importantes sobre a migração forçada vivida pelos venezuelanos, ainda que apenas alguns, mas que possuem um lugar importantíssimo, talvez o mais importante, no que diz respeito às vivências resultantes da migração forçada. Toda narrativa é (re)construída, a questão é que, na maioria das vezes, as narrativas mais importantes são aquelas deliberadamente marginalizadas. *Viver... nem não é muito perigoso? Travessia...*

REFERÊNCIAS

ACNUR. Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. Integração de Venezuelanos Refugiados e Migrantes no Brasil: *Sumário de um Policy Research Working Paper do Banco Mundial*. ACNUR: Publicações, 2021. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2021/05/5-pages-Integration-of-Venezuelan-Refugees-and-Migrants-in-Brazil-pt.pdf>>. Acesso em: 26/08/2021.

ANJOS, Camila Borges. De Gana para o Brasil: o desejo de encontrar uma grama mais verde. **Revista Memorare**, v. 5, n. 1, p. 136-152, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.19177/memorare.v5e12018136-152> . Acesso em 22 abr. 2022.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Cidades. [Brasília]. [2023?]. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/chapeco/panorama>> . Acesso em 08/04/2023.

BRESSAN, Mariele. Arquivo. *In*: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (org.). **Glossário de termos do discurso**: edição ampliada. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 27-31. ISBN 978-65-5637-055-2.

BRESSAN, Mariele. Formação Imaginária. *In*: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (org.). **Glossário de termos do discurso**: edição ampliada. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 125-129. ISBN 978-65-5637-055-2.

CABAS, Antonio Godino. **O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan**: da questão do sujeito ao sujeito em questão. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2009. 255 p. ISBN 978-85-378-0120-8. *E-book* (255 p.).

CASTILHO, Ataliba; PRETI, Dino (org.). **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. São Paulo, SP: TAQ/Fapesp, 1986. v. I.

CELADA, María Teresa; ANDRADE, Antonio; GASPARINI, Pablo. Ser-estar entre-línguas-culturas: entrevista com Maria José Coracini. *ALEA*, Rio de Janeiro, RJ, v. 23/2, p. 327-341, maio-ago. 2021. DOI <https://doi.org/10.1590/1517-106X/2021232327341>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/alea/a/PHxzNYdqFPXDst9F48Cnkcy/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 15 set. 2022.

CHEMAMA, Roland (org.). **Dicionário de psicanálise**. Tradução: Francisco Franke Settineri. Porto Alegre, RS: Artes Médicas Sul, 1995.

CHNAIDERMAN, Miriam. Língua(s) - Linguagem(ns) - Identidade(s) - Movimento(s): Uma abordagem psicanalítica. *In*: SIGNORINI, Inês (org.). Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006. p. 47-67. ISBN 85 85725-41-9.

CHOMSKY, N. *Syntactic structures*. Berlin/New York: de Gruyter, 2002.

COTINGUIBA-PIMENTEL, Marília Lima; SALES, Marco Paulo Bastos Souto Vieira. Uma análise discursiva sobre o fechamento da fronteira Brasil-Venezuela durante a pandemia da covid-19. **revista Linguasagem**, v. 40, n. 1, p. 187-200, 2021. Disponível em: <http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/1419> . Acesso em 22 abr. 2022.

CONEIN, B. et al. Materialidades discursivas. **Campinas, SP: Editora da Unicamp**, 2016.

CORACINI, Maria José. A escamoteação da heterogeneidade nos discursos da lingüística aplicada e da sala de aula. **Letras: Alteridade e heterogeneidade**, [s. l.], n. 14, p. 39-63, jan.-jun. 1997.

CORACINI, Maria José. Subjetividade e identidade do professor de português (LM). *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, SP., v. 36, p. 147-158, 2000. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639319/0> . Acesso em: 19 jun. 2022.

CORACINI, Maria José (org.). **Identidade e discurso: (des)construindo subjetividades**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Chapecó, SC: Argos Editora Universitária, 2003a. ISBN 85-268-0635-1.

CORACINI, Maria José (org.). **O desejo da teoria e a contingência da prática**: discursos sobre e na sala de aula (língua materna e língua estrangeira). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003b.

CORACINI, Maria José. Transdisciplinaridade e análise de discurso: migrantes em situação de rua. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, [s. l.], v. 11, n. 1, p. 91-112, 12 nov. 2010. DOI <https://doi.org/10.26512/les.v11i1.9758>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/9758>. Acesso em: 17 maio 2023

CORACINI, Maria José. A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução. 2. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013. 247 p. ISBN 9788578910634.

CORACINI, Maria José. Representações de professor entre o passado e o presente. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, ano 2015, v. 23, n. 1, p. 132-161, 16 jun. 2015. DOI <https://doi.org/10.17058/rea.v23i1.5635>. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/5635> . Acesso em: 24 abr. 2022.

COSTA, Isaac; GUIMARÃES, Gleny Terezinha. Interdiscurso/Intradiscurso. *In*: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (org.). **Glossário de termos do discurso**: edição ampliada. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 161-166. ISBN 978-65-5637-055-2.

COSTA, Isaac. Real da língua. *In*: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (org.). **Glossário de termos do discurso**: edição ampliada. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 245-252. ISBN 978-65-5637-055-2.

COURTINE, Jean-Jacques & MARANDIN, Jean-Marie. *Quel objet pour l'analyse du discours. Matérialités discursives*, Presses Universitaires de Lille, 1981.

DIOCESE DE CHAPECÓ. Ação evangelizadora. Pastorais. [s.d.] Disponível em: <https://diocesechapeco.org.br/acao-evangelizadora/pastorais#pastoral-do-migrante> . Acesso em 27/01/2023.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de pesquisa**, [s. l.], n. 115, p. 139-154, março 2002. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cp/a/PmPzwqMxQsvQwH5bkrhrDKm/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 27 jan. 2023.

ESPONTÂNEO. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/espontaneo/>>. Acesso em: 30/03/2023

FERNANDES, Carolina. **O imaginário de Veja sobre “os Lulas presidenciais”**. Orientador: Freda Indursky. 2008. 171 p. Dissertação (Mestrado em Teorias do Texto e do Discurso) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2008. Disponível em:

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16226/000695048.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 26 jan. 2023.

FERNANDES, Carolina; VINHAS, Luciana. Da maquinaria ao dispositivo teórico-analítico: a problemática dos procedimentos metodológicos da Análise do Discurso. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 19, n. 1, p. 133-151, jan./abr. 2019. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-190101-DO0119>. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/6985. Acesso em: 16 fev. 2023.

FERNANDES, Carolina. Memória discursiva. *In*: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (org.). **Glossário de termos do discurso**: edição ampliada. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 207-214. ISBN 978-65-5637-055-2.

FERREIRA, M. C. Análise do Discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. *Organon*, [s. l.], v. 24, n. 48, 16 maio 2010. DOI <https://doi.org/10.22456/2238-8915.28636>. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/organon/article/view/28636> . Acesso em: 10 jul. 2022.

FERREIRA, José Ângelo Almeida; SOUZA, Francisca Ângela; SANTOS, Alessandra. 123. Língua portuguesa como elemento de acolhimento e comunicação para imigrantes e refugiados venezuelanos em Boa Vista–Roraima. **Revista Philologus**, v. 25, n. 75 Supl., p.

1716-28, 2019. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/697> . Acesso em 22 abr. 2022

FRANCELINO, Pedro. O conceito de Formação Discursiva na Análise de Discurso: contribuição foucaultiana para a constituição de um campo interdisciplinar do saber. **Revista DLCV: Língua, Linguística & Literatura**, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 37-48, 20 out. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/dclv/article/view/7473/4539> . Acesso em: 18 jan. 2023.

FUCHS, Catherine; PÊCHEUX, Michel. A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas [1975]. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.) Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5. ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2014.

HALL, Stuart. As culturas nacionais como comunidades imaginadas. In: HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006. cap. 3, p. 47-65.

INDURSKY, F. Unicidade, desdobramento, fragmentação: trajetória da noção de sujeito em análise do discurso. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. (org.). Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua. 1. ed. Porto Alegre: Nova Prova, 2008, v. 1, p. 9-33.

GALVÃO, Vanda Késsia Gomes et al. Refugiado: que lugar de sujeito é esse? análise do discurso de e sobre refugiados no Brasil. 2019. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/6957> . Acesso em 22 abr. 2022.

GARCIA, André Luiz Ming. Gramática Tradicional ou Normativa?: Um enredamento de língua, política, educação e ciência.. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 220-245, 2011. Disponível em: <https://letra.filch.usp.br/sites/letra.filch.usp.br/files/inline-files/2559-7554-1-SM-garcia.pdf> . Acesso em: 9 abr. 2023.

GHIRALDELO, Claudete Moreno. As representações de língua portuguesa e as formas de subjetivação. In: CORACINI, Maria José (org.). **Identidade e discurso: (des)construindo subjetividades**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Chapecó, SC: Argos Editora Universitária, 2003. p. 57-82. ISBN 85-268-0635-1.

GUESPIN, Louis. Introduction: types de discours ou fonctionnements discursifs?. **Langages**, Paris, n. 41, 10e année, p. 3-12, 1976.

INDURSKY, F. Unicidade, desdobramento, fragmentação: trajetória da noção de sujeito em análise do discurso. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. (org.). **Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua**. 1. ed. Porto Alegre: Nova Prova, 2008, v. 1, p. 9-33.

JOVANOVIC, A. Ensino de línguas e o papel da gramática. *Revista da Faculdade de Educação (FE-USP)*, 12 (1/2), jan./dez. 1986, p. 145-156.

JUBILUT, Liliana; MADUREIRA, André. Os desafios de proteção aos refugiados e migrantes forçados no marco de Cartagena + 30. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, DF, ano XXII, n. 43, p. 11-33, jul.- dez. 2014. DOI <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880004302>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/remhu/a/P4m3G3FtsFMVtwvsbGkdcZP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 jan. 2023.

JURGINA, Daniele; PEREIRA, Aden Rodrigues; DORNELLES, Clara Zeni Camargo. Relato de experiência de ensino de português como língua de acolhimento para refugiados venezuelanos. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 11, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/SIEPE/article/view/87368>. Acesso em 22 abr. 2022

KO FREITAG, Raquel Meister. Estratégias gramaticalizadas de interação na fala e na escrita: marcadores discursivos revisitados. *ReVEL*, vol. 7, n. 13, 2009. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_13_estrategias_gramaticalizadas_de_interacao.pdf . Acesso em 02 jun. 2023.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 8: a transferência, 1960-1961**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2010. ISBN 978-85-7110-236-1.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. Vocabulário da psicanálise. Tradução: Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001. 552 p. ISBN 85-336-1396-2.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Equívoco. *In*: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (org.). **Glossário de termos do discurso**: edição ampliada. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 87-90. ISBN 978-65-5637-055-2.

LUSTOSA, Rosane. A formação do conceito de Nome do Pai (1938-1958). **Revista Ágora - Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. XXI, n. 3, p. 323-332, set/dez 2018. DOI <https://doi.org/10.1590/S1516-14982018003004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/3XrgskpDHLnXsGprQYbDWwM/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 19 mar. 2023.

MELMAN, Charles. Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país. Tradução: Rosane Pereira. 1. ed. São Paulo, SP: Editora Escuta Ltda., 1992. 107 p. ISBN 85-7137-056-7.

MOURA, Raphael Michels Fantinato de; SOUZA, Martha Julia Martins de. O VENEZUELANO INVASOR EM BOA VISTA – RR: UMA ANÁLISE CRÍTICA DOS DISCURSOS DE ÓDIO NO FACEBOOK. **Revista X**, [S.l.], v. 14, n. 6, p. 44-65, dez. 2019. ISSN 1980-0614. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/65739>>. Acesso em: 05 maio 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/rvx.v14i6.65739>.

OIM. Organização Internacional para as Migrações. Relatório Mundial das Migrações 2022. OIM: Publicações, 2022. Disponível em: <<https://publications.iom.int/books/world-migration-report-2022>>. Acesso em 16 jun. 2023.

OLIVEIRA, Alex Sander; RADDE, Augusto. Condições de produção. *In*: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (org.). **Glossário de termos do discurso** - edição ampliada. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 47-50

OLIVEIRA, Antônio. A migração venezuelana no Brasil: crise humanitária, desinformação e os aspectos normativos. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, [s. l.], ano 1, v. 13, p. 219-244, 29 abr. 2019. DOI <https://doi.org/10.21057/10.21057/repamv13n1.2019.24297>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/24297/21616> . Acesso em: 12 jan. 2023.

ORLANDI, Eni. Segmentar ou recortar? *In*: *Linguística: questões e controvérsias*. **Série estudos n. 10**, Publicação do Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, Uberaba: Fiube, 1984, p. 9-27.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005. 100 p. ISBN 978-8571131316.

ORLANDI, Eni. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2020. 163 p. ISBN 97885-7113-188-0.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69) [1969]. *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 5 ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução: Eni Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006. 68 p. ISBN 85-7113-043-4.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Tradução de Eni P. Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, [1975] 2009. (3ª Parte: Discurso e Ideologia(s) – p. 129-168).

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Orlandi Eni. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995. 317 p. ISBN 8526801252. Vozes, 1996. p.23-35.

PÊCHEUX, Michel. Metáfora e interdiscurso. *In*: PÊCHEUX, Michel. **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**: Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. Tradução: Eni Orlandi. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012. p. 151-161. ISBN 978-85-7113-335-8.

PETRI, Verli; DIAS, Cristiane. **Análise do discurso em perspectiva**: teoria, método e análise. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013. 312 p. ISBN 9788573911947.

PREFEITURA DE CHAPECÓ. Chapecó tem 227.587 habitantes, segundo estimativa do IBGE. Chapecó: 2021. Disponível em: <https://chapeco.sc.gov.br/noticia/4164/chapeco-tem-227587-habitantes-segundo-estimativa-do-ibge>. Acesso em 30/03/2023.

PRUINELLI, Andréia Maria. Formação Discursiva. *In*: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. **Glossário de termos do discurso**: edição ampliada. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 115-119. ISBN 978-65-5637-055-2.

PRUINELLI, Andréia Maria. Formação Ideológica. *In*: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. **Glossário de termos do discurso**: edição ampliada. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 121-124. ISBN 978-65-5637-055-2.

RADDE, Augusto. Língua. *In*: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (org.). **Glossário de termos do discurso**: edição ampliada. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 181-184. ISBN 978-65-5637-055-2.

RADDE, Augusto. Paráfrase/Polissemia. *In*: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (org.). **Glossário de termos do discurso**: edição ampliada. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020, p. 225-230. ISBN 978-65-5637-055-2.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical?. *In*: SIGNORINI, Inês. **Língua(gem) e Identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006. p. 21-45. ISBN 85 85725-41-9.

I RELATÓRIO CIDADES SOLIDÁRIAS BRASIL: proteção e integração de pessoas refugiadas no plano local / [Camila Barrero Breitenvieser, consultora técnica]. - Brasília, DF: Agência da ONU para Refugiados - ACNUR, 2022

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio: Identidade e aprendizagem de língua. *In*: SIGNORINI, Inês. **Língua(gem) e Identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Tradução: Silvana Serrani-Infante. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006. cap. Parte III, p. 213-230. ISBN 85 85725-41-9

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Tradução: Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1998.

SIGNORINI, Inês (org.). **Língua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. 1. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006. 384 p. ISBN 85 85725-41-9.

SILVA, Bianca; SANTOS, Maria Eduarda Motta; DORNELLES, Clara Zeni Camargo. Processo de ensino da língua portuguesa como língua adicional para venezuelanos. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 11, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/SIEPE/article/view/87939> . Acesso em 22 abr. 2022.

STÜBE, Angela Derlise. **Tramas da subjetividade no espaço entre-línguas**: narrativas de professores de língua portuguesa em contexto de imigração. Orientador: Maria José Rodrigues Coracini. 2008. 243 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2008. DOI <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2008.426694> . Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/426694> . Acesso em: 9 fev. 2023.

STÜBE, Angela Derlise; AGUIAR, Gabriele. Políticas linguísticas no espaço entre-línguas-culturas: o sujeito indígena em documentos oficiais. **Revista Letras Raras**, [S.l.], v. 8, n. 2, p. Port. 8-28 / Eng. 8-29, jun. 2019. ISSN 2317-2347. Disponível em: <<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/1340>>. Acesso em: 28 abr. 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v8i2.1340>.

STÜBE, A. D.; FOLLE, T. A. Formações imaginárias sobre língua inglesa pessoal e profissional. *Letras & Letras*, [S. l.], v. 32, n. 3, p. 280–302, 2016. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/33615> . Acesso em: 28 abr. 2022.

STURZA, Eliana. Portunhol: língua, história e política. **Gragoatá**, Niterói, v. 24, n. 48, p. 95-116, 2019a.

STURZA, Eliana Rosa. Portunhol: a intercompreensão em uma língua da fronteira. *Revista Iberoamericana de educación*, [s. l.], v. 81, ed. 1, p. 97-113, 2019b. DOI

<https://doi.org/10.35362/rie8113568>. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/3568> .
Acesso em: 12 set. 2022.

TRAVESSIA. *In*: PRIBERAM DICIONÁRIO. 2023. Disponível em:
<<https://dicionario.priberam.org/travessia>> . Acesso em: 12 mai. 2023.

VINHAS, Luciana Iost. Esquecimento(s). *In*: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (org.). **Glossário de termos do discurso** - edição ampliada. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 91-96.

VINHAS, Luciana Iost. Materialidade Discursiva. *In*: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (org.). **Glossário de termos do discurso** - edição ampliada. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 203-206